



SUL

EXPEDIENTE
SUL

Revista do Circulo de Arte Moderna
Ano IX — Florianópolis, maio, 1956 — N. 27
Endereço: Praça 15, n. 27 — Caixa Postal, 384
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

DIRETORES:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

SECRETARIOS:

Edmond Jorge e Walmor Cardoso da Silva

REDATORES:

A. Boos Jr., Doralécio Soares, Eglê Malheiros, J. P. Silveira de
Sousa, Ody Fraga, Osvaldo F. de Melo (filho)

ILUSTRADORES:

Aldo Nunes, Dimas Rosa, Ernesto Meyer Filho, Hugo Mund Jr.,
Pedro Bosco.

"Sul" acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a
colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, e do exterior, espe-
cialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para
publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, não serão devolvidos.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades,
de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente
de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: no Brasil Cr\$ 10,00
em Portugal 15\$000

Assinatura por 4 números: Cr\$ 40,00; registrada: Cr\$ 60,00

As assinaturas podem ser pedidas em qualquer época, direta-
mente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor de-
clarado.

REPRESENTANTES

No Brasil:

GUIDO WILMAR SASSI — Caixa Postal, 288 — Lajes — Santa
Catarina.

ANTÔNIO DA SILVA FILHO — R. Joaquim Nabuco, 126 — Porto
Alegre — R. G. do Sul.

CARLOS ALBERTO SILVEIRA LENZI — R. Comendador Araujo
91 — Curitiba — Paraná.

RUY BRAND CORREIA — R. Boa Vista, 209 — 17º andar — São
Paulo — S. P.

HUGO MUND JR. — Rio — D. F.

J. M. FONTES — R. Lagarto, 1571 — Aracajú — Sergipe.

GERALDO SOBRAL DE LIMA — R. Duque de Caxias, 413 — João
Pessoa — Paraíba.

Lago Burnet — R. Colares Moreira, 546 — São Luiz — Maranhão.

Evaristo Paulo Gouvêia — R. Desembargador Tenório, 186 — Fa-
rol — Maceió — Alagoas.

Glauco R. Corrêa — Campo Grande — Mato Grosso.

No Exterior:

Dr. Manuel Pinto — Sertã — Portugal.

Vitoriano Rosa — Lisboa — Portugal.

Manuel Filipe de Moura Coutinho — Lourenço Marques — Afri-
ca Oriental Portuguesa.

Matilde D. Espaux — Montevideo — Uruguai.

Blanca Terra Viera — Buenos Aires — Argentina.

NOSSA CAPA: Desenho de ALDO NUNES.

Este número foi composto e impresso nas
oficinas da IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO —
Fpolis. — S. C.

I

PREÇO DA REVISTA

Dêste número em diante nossa revista passará a custar dez cruzeiros (Cr\$ 10,00). Relutamos muito antes de dar este passo, já que é, a nossa, uma publicação com finalidade cultural e de divulgação das nossas coisas. Mas era impossível continuar por mais tempo mantendo o preço anterior, tendo em vista o encarecimento contínuo de tôdas as utilidades. E agora, para culminar, tivemos mais este aumento assustador e escorchante dos Correios. Basta dizer que uma revista, expedida pelo editor, pagava uma taxa de quatro centavos e mais um prêmio de registro de cinquenta centavos. Agora passou a pagar dez centavos, quando pesar até cinquenta gramas, e um prêmio de registro de cinco cruzeiros. Portanto cinco cruzeiros e dez centavos, mais do que custava nossa revista, cujo preço era de cinco cruzeiros.

Como é fácil de ver, isto irá se refletir de maneira sensível não só no preço dos livros, revistas e jornais (algumas editoras e distribuidoras já começaram a expedir circulares comunicando aos livreiros que o porte passará a ser por conta do comprador, enquanto outras irão certamente aumentar o preço dos livros), mas em tudo, aumentando ainda mais o custo geral da vida. Seria quase o caso de se dizer que é uma campanha sistemática contra o povo em geral, e contra a cultura de um modo particular. As coisas são feitas aparentemente de afogadilho, sem um estudo detalhado das consequências, sem uma análise. E desta forma os problemas vão se amontoando, se acumulando.

Prometemos aos nossos amigos, colaboradores, anunciantes e leitores, porém, que para compensar o aumento no preço da revista, vamos trabalhar não só para a normalização da saída, como ainda mais na seleção da matéria, tornando "SUL" uma revista digna de ser lida, uma revista que reflita o nosso ambiente cultural, o nosso meio, as nossas aspirações, enfim, uma revista que venha contribuir para o aumento, preservação e defesa do patrimônio cultural do Brasil, lutando sempre mais e melhor por uma literatura e uma arte nossas.

II

PLANO DE EDIÇÕES

Durante mesmo os preparativos para o lançamento da revista, começamos a imaginar como faríamos para organizar um plano de edições, que viriam completar e dar maior força à tarefa iniciada por "Sul". Sabíamos que os trabalhos publicados em jornais e revistas têm vida breve, logo se perdem, e queríamos, através das edições, dar uma estrutura mais firme ao nosso movimento. Mas as dificuldades iam sempre se amontoando. Ainda assim, esporadicamente, uma que outra edição ia aparecendo, tanto que nestes quase nove anos de vida, além da saída mais ou menos regular da revista, lançamos 6 edições ("Velhice e outros contos" — de Salim Miguel, "A Ponte" — prosa e verso — de Antonio Paladino, "Alguma Gente" — histórias — de Salim Miguel, "Piá — contos de Guido Wilmar Sassi, "Contistas novos de Santa Catarina" e "Rêde", — romance de Salim Miguel), e 3 cadernos ("Idade 21" — poemas de Walmor Cardoso da Silva, "Manhã" — poemas de Eglê Malheiros e "A morte de Damião" — farsa em 1 ato de Ody Fraga).

Isto contudo não nos satisfazia. Há muito que vínhamos procurando uma maneira de solucionar o problema, de regularizar e estruturar o plano de edições. Trabalhos, bem sabíamos, não nos faltariam. O que faltava era possibilidade de editar, o que faltava era um maior apóio — e o que faltava era a turma dispor-se a trabalhar com afinco, querendo levar a coisa adiante.

Agora, além do mais, estamos contando com a melhor boa vontade e colaboração do Governador Jorge Lacerda, antigo e experimentado jornalista e um velho amigo nosso. E as coisas prometem melhorar. Bem logo.

Já organizamos um plano inicial de edições, estando alguns dos trabalhos prontos para aparecer. Não significa isto que serão obrigatoriamente estes, nem na ordem em que se encontram. Outros certamente surgirão. E teremos o maior prazer em divulgar autores "novos".

Dos volumes que vamos anunciar, três deverão aparecer logo, já se encontram em fase de compo-

sição: "TEODORA & CIA." — contos de A. Boos Jr.; "MACACO-PREGO" — novela de Mateus-Maria Guadalupe e "TERRA FRACA" — poemas de Anibal Nunes Pires. Os demais, aos quais agora vamos nos referir, surgirão mais tarde, certamente a maioria não neste ano, e em próxima nota neles nos deteremos mais demoradamente. São: "AMIGO VELHO" — contos de Guido Wilmar Sassi, que já nos deu "PIÁ", volume de contos que a crítica do país recebeu muito bem; "BARTOLOMEU" — romance de Arnaldo Brandão, catarinense residente no Rio, com uma já vasta bagagem literaria; FORTUNATO BARBOSA, ESCRITURÁRIO PADRÃO F — Novela de Osvaldo R. Cabral que não necessita de apresentação; "VÉSPERA" — novela de Eglê Malheiros, que já publicou nos cadernos "Sul" os poemas de "Manhã", "POEMAS" — de Walmor Cardoso da Silva, de quem tivemos "Idade 21"; ASPECTOS DA LITERATURA CATARINENSE — de Osvaldo Ferreira de Melo filho, estudioso do folclore e da literatura, possuindo já diversos trabalhos publicados (neste n. da revista damos o primeiro capítulo do livro); "ARTE PRIMITIVA" — ensaio de Edmond Jorge, um "novíssimo" que rapidamente se interrogou na revista; "RETRATO DE MARQUES REBELO" — ensaio de Augusto dos Santos Abranches, nome conhecido nas letras portuguesas, antigo representante da revista em Moçambique e que agora se encontra radicado em São Paulo; "LENDO E ANOTANDO" — apontamentos críticos de S. M., de quem as edições "Sul" lançaram há pouco o romance "REDE"; e "MITO E RELIGIÃO", outro livro de Edmond Jorge.

Para este plano de edições, que visa tornar mais amplo e profundo o movimento de "Sul", que procura divulgar mais as nossas coisas, chamamos a atenção de todos. Necessitamos do apóio, da compreensão, da boa vontade, do interesse de todos. Pedimos ainda que nos remetam originais para publicação.

Estamos certos de que apóio, compreensão, boa vontade, interesse, não nos faltarão.

III

AVISO AOS AMIGOS

Com a normalização na saída da revista, com o

plano de edições, nesta nova fase que ora se inicia, vamos necessitar, tanto ou mais do que antes, de todos aquêles nossos amigos espalhados pelo Brasil e pelo exterior. A revista para se manter, as edições para que apareçam, necessitamos de funcionamento regular (e com precisão) de nossa máquina... burocrática, digamos assim.

"SUL" espera atingir, em especial, todos os estados do país. Em alguns já temos representantes, os quais dão o melhor de seus esforços em prol da Revista. No entanto há outros, certamente por falta de tempo — e bem sabemos o que isto significa! — que não vêm dando a devida atenção ao trabalho de divulgação que é necessário para uma melhor penetração da revista. E em muitos estados, até o momento, não conseguimos representantes.

Desejamos portanto o seguinte: 1 — nos estados onde temos representantes que não podem nos ajudar, por força das circunstâncias, que os mesmos nos indiquem outros que os substituam; 2 — nos estados onde ainda não temos representantes, agradeceríamos que as pessoas interessadas procurassem entrar em contacto conosco imediatamente, para nos acertarmos; e 3 — que os nossos representantes que estão trabalhando procurem se esforçar um pouco mais, neste momento em que a revista tenta se erguer e se firmar.

Agradeceríamos também aos nossos amigos que recebem a revista, bem como aos representantes, que nos devolvam exemplares antigos que não lhes interessem, pois temos diversos interessados em coleções completas da revista e só assim poderemos atendê-los, visto estarmos com diversos números esgotados.

Esclarecemos ainda que continuamos aceitando — e desejando — colaboração de todos, em especial dos jovens, dos "novos".

IV

1º CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTISTAS

Em São Paulo, jovens preparam o 1º Congresso Brasileiro de Contistas. Julgamos de especial interesse a idéia, principalmente se for bem organizado o plano, com um temário amplo, e que permita a

discussão e o levantamento geral do problema. Há, regra geral, uma enorme confusão em torno do problema do conto. Pela notícia que recebemos o Congresso espera reunir elementos de todos os Estados e fazê-los debater o assunto. A Comissão Organizadora já está formada e pretende por-se logo a trabalhar, devendo o Congresso realizar-se em fins de julho ou começos de agosto. Nós aqui, estamos dispostos a colaborar no que for possível e ficamos aguardando maiores informações. Para os demais interessados, deixamos abaixo o endereço: "Comissão Organizadora do 1º Congresso Brasileiro de Contistas". Praça Roosevelt, 128 — apto. 2204 — São Paulo — S. P.

V

25º ANIVERSÁRIO DE "OSCARINA"

Este ano comemora-se o 25º aniversário de lançamento de "Oscarina", o primeiro livro de Marques Rebêlo. É sem dúvida uma data significativa para as letras brasileiras. Marques Rebêlo é um dos nomes mais representativos da nossa moderna literatura. Seguindo — e renovando — uma tradição literária que vem de Manuel Antonio de Almeida, passando por Lima Barreto, Marques Rebêlo, dentro do romance urbano, especificamente do Rio, num ambiente "carioca", realiza uma obra importante sob todos os aspectos. Uma obra profundamente humana, uma obra que reflete com exatidão aquêlo meio social, uma obra artisticamente bem realizada.

Saudado com entusiasmo por ocasião do seu aparecimento, Marques Rebêlo não decepcionou. Pelo contrário. Em livros posteriores veio confirmar as qualidades demonstradas naquele primeiro volume de contos. O mesmo lirismo, a mesma análise sutil dos sentimentos humanos, a mesma preocupação com a camada menos favorecida da sorte e que forma a grande maioria da população do Rio. Marafa, Stela me abriu a porta, A estrêla sobe, Rua alegre doze, Suites brasileiras, são livros que podem ser colocados ao lado dos mais importantes que se escreveram entre nós nas últimas décadas.

Agora, quando do 25º aniversário de lançamento de seu primeiro livro, a Livraria Martins Editora

anuncia o aparecimento das "Obras de Marques Rebêlo". Uma iniciativa louvável sob todos os aspectos e que virá pôr ao alcance das "novas gerações", os livros de um dos nossos grandes escritores.

Nós, que temos um velho amigo em Marques Rebêlo, saudamo-lo carinhosamente por ocasião do 25º aniversário de "Oscarina".

VI

"PARATODOS"

Reapareceu, neste mês de maio, "Paratodos", quinzenário da cultura brasileira, agora sob a direção de Jorge Amado, tendo como redator chefe Moacir Werneck de Castro e como secretário James Amado, além de vasto corpo de colaboradores, como Alvaro Moreira, Di Cavalcanti, Maria de Lourdes Teixeira, Ruggero Jaccobi, Astrojildo Pereira, Afonso Feliz de Souza, Edoardo de Guarnieri, Mário Donato, Marques Rebêlo, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes, Sosigenes Costa, Barão de Itararé e muitos outros. "Paratodos" é uma revista antiga, lançada inicialmente por Alvaro Moreira. Depois disto já deixou de circular várias vezes. Mas agora, pelo jeito, vem para ficar. E com o seu primeiro número já se coloca entre as melhores publicações culturais do país. Quinzenário bem feito, movimentado, amplo, debatendo todos os problemas de cultura, procurando interessar, tem todas as possibilidades para se transformar num órgão representativo da cultura brasileira.

Seus três pontos básicos, fundamentais, merecem o apoio de todos os realmente interessados no desenvolvimento e na preservação da cultura nacional. São:

- 1º — Desenvolvimento da cultura nacional brasileira;
- 2º — Intercâmbio cultural, livre e em bases de reciprocidade, com todos os países;
- 3º — Defesa dos interesses éticos e profissionais dos intelectuais brasileiros.

Nós, de "Sul", sentimo-nos à vontade, para aqui de nossa província, dar todo o apoio possível a tarefa iniciada em boa hora por "Paratodos" e que deverá ser realmente uma tarefa para todos nós.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA LITERATURA CATARINENSE

O. F. de Melo (filho)

CAPÍTULO I

O problema literatura catarinense. Catarinenses por nascimento e catarinenses pela cultura. Traços culturais lusos e de outras procedências. Uma literatura em língua alemã.

O PROBLEMA LITERATURA CATARINENSE

Desde que me propus às primeiras pesquisas dentro do panorama literário do Estado, que me preocupou a seguinte preliminar: haveria uma literatura especificamente catarinense a estudar ou apenas um punhado de literatos distribuídos dentro da área geográfica de Santa Catarina? E o problema, desde que se formou, passou a atrapalhar-me o trabalho. Senti-me assim como o personagem de conhecida novela, que deveria ensinar moral mas tinha dúvidas se a moral como coisa característica e distinta das demais existia. Mas, da mesma maneira que o autor, filosoficamente contornou o seu problema, limitando o conceito das palavras, tentei achar um conceito também para literatura catarinense. Digamos antes, que a dúvida surgira por influência do velho tema da filosofia da arte: até que ponto a arte terá que inicialmente ser regional para ser depois universal? Duvidam muitos críticos de que tivéssemos literatura brasileira até bem pouco tempo, se excetuássemos apenas alguns paisagistas e indianistas de prosa e verso. "Para que uma obra seja nacional — escrevia João Ribeiro em Críticas, vol. IX, pag. 14 — há mister que se lhe assegurem tôdas as ressonâncias e afinidades naqueles a quem se destina. Instituída a crítica desta verdade, chegaremos a um único resíduo comum, que se reparte por todo o povo e que é a sua própria alma, o seu "lore", segundo a expressão técnica, o seu modo de ver a vida, a sua literatura anônima". Trazendo isso ao caso presente, até que ponto poderíamos achar uma literatura realmente catarinense e quais os requisitos que a especificassem como tal?

Eu já escrevera para o jornal florianopolitano *Diário da Manhã* alguns artigos a respeito, expondo o assunto e pedindo que sôbre êle viesse a necessária discussão, quando surgiu o esperado volume de ensaios que o escritor Nereu Corrêa, prometera há muito... O último dêles, pela ordem de codificação, era intitulado "Back Ground da Literatura Catarinense" e nele o A. dava sua contribuição à limitação do problema. Naquele ensaio Nereu Corrêa passa a uma série de considerações sôbre o que seria literatura catarinense, da qual, a seu modo de ver, não se pode falar, "pela inexistência, no Estado, de um traço que, ou por influência da geografia ou por

vigorosa realidade ecológica haja criado um temperamento por assim dizer específico, capaz de refletir-se fortemente na vida intelectual do seu povo e marcá-la com sulcos profundos e duradouros." "Ainda que a província fôsse um centro de intensa atividade criadora jamais teríamos uma literatura de feitiço unitário e orgânico, do tipo que nos oferecem aqueles núcleos (1) exatamente porque nos falta o humus da terra, a marca específica e caracterizadora..." Em que pese o acerto das ponderações feitas, creio que o ensaísta impressionou-se demasiadamente com o problema do regionalismo. A mesma preocupação de imensa legião de críticos que não encontra uma literatura brasileira, porque ficam todos à procura daquele "resíduo comum" de que nos fala em abstrata linguagem, o mestre João Ribeiro. O que seria então literatura catarinense? A que se assentasse exclusivamente sobre a temática do nosso folclore, a que obrigatoriamente tratasse do nosso pescador, do nosso homem do campo? Mas, sendo assim, creio que nenhum Estado teria a sua literatura própria, excetuando-se uma parquíssima contribuição ao aspecto regionalista. Além disso, teríamos que desprezar toda a literatura científica, uma obra já extensa e valiosa, versando sobre etnografia, história, antropologia, folclore, filologia e quanta coisa mais, subordinando-nos, então, à superada corrente crítica restringidora do conceito de literatura, a qual vê apenas a arte literária, "sômente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem". Não pretendo com o mesmo José Veríssimo do conceito anterior, afirmar que "em meu livro o vocábulo literatura é sinônimo de boas ou belas letras, conforme a vernácula noção clássica". (J. V. História da Literatura Brasileira, pag. 17). Prefiro a pretensa novidade germânica em considerar, no estudo literário de uma região ou de um povo, todo o acervo de obras, desde que bem escritas, versando sobre este ou aquele assunto, ficção, ciência ou poesia. Sinto, desde já, que muito me será difícil fugir à influência lusa de minha formação, para deixar a tendência de considerar, em um estudo literário, apenas os novelistas, contistas, cronistas e poetas, apenas aqueles que encararam a literatura como arte pura, como sinônimo de boas ou belas letras. Mas, à medida do possível, procurarei, nesta introdução a uma história que um dia alguém contará, situar também aquilo que, porque haja sido bem escrito e porque diga de perto da cultura de uma gente, ficou como expressão literária em Santa Catarina. E, sendo assim, desde logo tratei de fugir a qualquer limitação que a procura do regionalismo, para conceituar a literatura catarinense, sem dúvida viria causar.

Mas o assunto, com o ensaio de Nereu Correa, foi ganhando novo interesse nas rodas literárias florianopolitanas e se tornou mesmo motivo de discussões preciosas. Salim Miguel, então dirigindo a página

(1) O A. se referia aos núcleos característicos de que nos fala Viana Moog em "Continente e Ilha", onde desenvolve a tese de Gilberto Freire sobre arquipélagos culturais.

de letras e artes do extinto jornal florianopolitano *Folha Popular*, fez um inquérito entre jornalistas e escritores, obtendo várias opiniões. Por ele se evidenciou a tendência geral de aceitar o ponto de vista de que não há uma literatura catarinense, se cuidarmos de um conjunto literário com características próprias e capazes de isolá-lo do corpo unitário da literatura brasileira. Porém nada disso destroi a pressuposição de que exista alguma literatura em Santa Catarina. Ecu-
mênica ou particularizada é uma produção que aí está e que deve ser estudada para que seja realmente conhecida, quer quanto ao seu aspecto quantitativo, quer quanto ao qualitativo. Aliás, é grande mal na vida intelectual dos estados brasileiros, esse estigma de província. O pouco que existe anda de cabeça baixa. As produções aparecem em jornais que geralmente não se divulgam fora do âmbito das cidades onde se imprimem. Se vem à luz um livro, a edição geralmente é particular e em número reduzidíssimo, apenas para atender aos amigos e ainda para não encarecer a publicação, quase sempre feita às expensas do Autor. É verdade que vários governos catarinenses têm mandado publicar na Imprensa Oficial do Estado, monografias, estudos, livros de ficção e mesmo volumes de poesia, como apoio à cultura e estímulo ao desenvolvimento das letras; mas, sabe-se perfeitamente que nem sempre é possível obter essas facilidades e o comum é a falta de onde imprimir o trabalho. Os que tiveram a oportunidade de ganhar acesso às rodinhas literárias das grandes capitais puderam encontrar editores e, principalmente, crítica que lhes evidenciasse a obra. Já a falta de editores fez ficarem desconhecidas pelos críticos do Rio e de outros centros maiores, as produções de Araújo Figueiredo, Carlos Correia e tantos outros. E tivesse Virgílio Várzea publicado a sua obra aqui no Desterro, em edição particular, e não em Lisboa, como o fez, e sua obra não teria obtido a divulgação necessária, nem teriam, mais tarde, vários de seus contos, parado às mãos de Selma Lagerlof, como pararam, merecendo um deles a distinção de entrar na seleção universal de contos de Natal que a laureada escritora sueca fez publicar em importante edição.

Mas, ainda que vençamos esses obstáculos de conceituação e, mesmo, vençamos o pudor de cometer uma impropriedade por chamar de catarinense uma literatura que de fato bem não o seja, ainda fica o aspecto principal do problema. Que autores considerar? Os que nasceram em Santa Catarina, ou os que aqui escreveram a sua obra?

Catarinenses por nascimento e catarinenses pela cultura

Não há dúvida de que, a considerar-se um trabalho estatístico sobre a literatura de um Estado, o critério único que viria à mente do pesquisador seria o de considerar os limites geográficos, arrolar os escritores existentes dentro daquela área e fazer o respectivo cadastro. Mas tratamos aqui de uma questão que transcende a um simples registro

numérico de fenômenos demográficos. Trata-se de um problema cultural dos mais significativos e só à luz de critérios mais seguros, poderemos equacionar o problema. Pois, a tomar o critério de pesquisar os escritores existentes dentro da área geográfica do Estado, já surgiria de pronto, um obstáculo: Que autores considerar: os que nasceram em Santa Catarina ou os que neste Estado produziram? O primeiro caminho parece ser o mais natural, porém é falso. O fato de alguém nascer em Santa Catarina não o faz catarinense, nem brasileiro, em se tratando de aspectos culturais. Não nos interessando a questão sob o ponto de vista jurídico, queremos achar os que forem catarinenses pela cultura. Não fôsse tal orientação e teríamos que considerar, neste estudo, por exemplo, Hernando de Trejo Y Sanabria, pelo fato de o ilustre escritor e orador sacro ter nascido em São Francisco do Sul. De pais espanhóis, lá nasceu por uma situação ocasional. Sanabria é catarinense por registro civil, por determinação jurídica; mas sua formação mental se fez na Argentina. Tôda sua obra se prende igualmente ao país vizinho; pode representar traços de cultura hispano-americana, nunca os da cultura lusa que predominaram nas seculares plágas da Babitonga. Aqui não criou uma escolinha de alfabetização, lá fundou a Universidade de Córdoba... Por que razão estudar-lhe a obra entre as que, talvez mais por questão de uma ecologia cultural, podem considerar-se catarinenses, se nem pela cultura, nem pela formação, nem por remota ligação afetiva, segundo consta, Sanabria é catarinense e nem sequer brasileiro? E no mesmo caso estão Duarte Mendes de Sampaio, Pe. João de Santa Bárbara e outros que só pelo registro civil podem ligar-se a Santa Catarina.

Então, poderia parecer que o mais acertado seria seguir imediatamente o segundo caminho: considerar catarinense todo aquêle que em Santa Catarina houvesse produzido. Mas, dentro deste critério, que seria mais razoável, surgem ainda dificuldades: muitos exemplos há de pessoas que em Santa Catarina moraram por algum tempo, aqui escreveram e depois voltaram ao ambiente de origem, reintegrando o seu meio cultural.

Então, porque se tornava preciso chegar a uma solução, conveniei chamar catarinense a todo escritor que a Santa Catarina tenha sua obra ligada, não por uma questão de ecologia geográfica mas por outra de ecologia cultural, se cabe o termo. Para ser catarinense, teria o autor, principalmente, que representar o traço cultural predominante dentro de determinada área geográfica do Estado. Será assim catarinense o escritor lajeano (por nascimentos ou porque ali se tenha fixado) que em sua obra representar o traço cultural predominante na região do Planalto de Lajes, um aspecto da cultura lusa que os bandeirantes paulistas para lá levaram, bem como será catarinense o escritor blumenauense que escrever, ainda que em língua alemã, representando os traços culturais predominantes naquela zona do Vale do Itajaí — os traços de uma cultura germânica ali plantada e ali cultivada. Também

acredito ser impossível desprezar o aspecto afetivo na ligação do artista com o meio. Creio que poucas coisas podem fazer um escritor ligar-se mais a uma terra do que o amor ou o interesse por ela sentido e demonstrado. Esse, talvez, o traço que faltasse à poetisa Julia Costa para fazê-la catarinense e não paranaense, como diz seu registro civil e como a considero. É este talvez o ponto que faça alguns autores, alemães de nascimento, serem brasileiros e, principalmente, catarinenses, porque por esta terra se encheram de zelo e amor e com esse sentimento aqui produziram, tomando, às vezes, por tema, assuntos nossos e por fundo a paisagem da nova terra. Poderei sofrer críticas por estar misturando um critério cientificamente objetivo com outro vago e subjetivo para, casando-os, chegar à conceituação do escritor catarinense. Bom seria, porém, não esquecer que o assunto se presta a tais divagações e dificilmente poderemos fugir a elaboração de hipóteses. Até hoje, ainda discutem os críticos brasileiros e portugueses sem chegarem a conclusão definitiva de ser Gonzaga brasileiro ou português. Depende do critério a seguir. O que pretendi fazer foi determinar um sistema dentro do qual pudesse trabalhar, estudando os problemas da nossa literatura, situando os autores mais como fenômenos socio-culturais do que como fenômenos estatísticos. E é ainda dentro deste critério que pretendo comentar um dos mais sérios problemas da literatura em Santa Catarina, que é o da obra em língua estrangeira.

Traços culturais lusos e de outras procedências

Ponto dos mais curiosos aos que observam superficialmente o panorama literário catarinense, é, sem dúvida, o da centralização em apenas poucas cidades, de quase toda a obra que se conhece no Estado as quais seriam Florianópolis, Itajaí, Laguna, São Francisco do Sul e Lajes. E essa observação defeituosa que leva, evidentemente, a conclusões falsas, tem feito vários estudiosos estranharem o fato de Blumenau e Joinville apresentarem uma cultura artística de relevo (Blumenau possui um bom conservatório com várias cadeiras em funcionamento) e não apresentarem contribuição significativa à evolução literária do Estado. Mas, se é verdade que dos 67 municípios catarinenses, apenas quatro ou cinco dos litorâneos na zona de colonização açoriana, tenham apresentado surtos literários em sua história, o certo é também que não podemos esquecer a imprensa periódica de várias cidades, como principalmente não podemos nos satisfazer com a ilusão ótica do panorama cultural da zona de colonização germânica. Mas, passemos os olhos, com verdadeiro espírito dessa sadia curiosidade que nos leva ao caminho da verdade científica, e vejamos a situação geral do que existe e do que jamais existiu.

No litoral é onde, sem dúvida, se tem concentrado a maior parte da atividade intelectual do Estado. Fortes traços culturais portugueses atuando isoladamente ou predominando nos casos de aculturação

têm levado vários intelectuais à pesquisa histórica, aos estudos das ciências sociais, à filosofia, religião, à poesia e à ficção. Esses focos literários foram São Francisco, Itajaí, Laguna e Florianópolis, tôdas cidades das mais antigas do Estado. Digamos, entretanto, que muitas cidades igualmente antigas e de formação demográfica semelhante, jamais se constituíram centros de cultura literária como Tijucas, Palhoça, Biguaçu, Imarui, etc. Mas isso se pode facilmente explicar à luz da sociologia e dos problemas econômicos. Já é acatado pela repetição embora verdadeiro, o princípio de que o desenvolvimento intelectual e artístico de uma região está condicionado ao seu desenvolvimento social e que este depende do desenvolvimento econômico e das orientações dessa economia. E as cidades a que acima me referi, frutos de colonização defeituosíssima, com graves problemas históricos têm sua economia precária. Ali é o praieiro que vive exclusivamente da pesca feita ainda hoje com as mesmas deficiências técnicas dos seus ancestrais de além mar, ou é o pequeno pastor ou o plantador de mandioca, vivendo no regime da pequena propriedade a qual, em retalhamentos constantes, cada vez mais problemas oferecem a uma lavoura evolutiva. O desenvolvimento industrial não foi sentido. Fôra incipiente e mal dirigida indústria extrativa, o resto são engenhocas, galpões para moagem e torrefação de café, pequenas feculares que oferecem, cada uma delas, trabalho apenas para uma família. Não há empregos. Trabalha-se por conta própria, sem qualquer regime de intercolaboração, com o desconhecimento das cooperativas e sem o necessário apôio bancário ao qual geralmente não recorrem por falta de iniciativa, coragem ou orientação. Escolas quase só de nível primário; os filhos daqueles que conseguiram melhores posses vão estudar em centros maiores, chegam muitas vezes a um grau superior, mas não voltam ao torrão natal, a não ser para visitas. Profissionalmente não há campo para eles. Buscam os grandes centros e lá se vão os melhores valores das vilas na leva constante do superpovoamento das capitais. Lugares como São José e São Francisco do Sul, que já foram focos de cultura artística e literária no Estado, hoje, pela fuga dos melhores valores das novas gerações, são absolutamente inexpressivos em nosso cenário intelectual. É o mesmo problema de centenas de cidades e municípios do interior brasileiro. A literatura viva e imorredoura nesses lugares é apenas oral. Está na poesia popular, não escrita; nas lendas, nas histórias, no folclore, enfim. Há os casos de literatos isolados, é verdade, e esses enviam suas produções à imprensa de outros centros. Hoje em dia, no litoral catarinense, uma literatura, como fenômeno vivo e de repercussão social só existe em Florianópolis e mesmo assim agora, quebrado, que foi pelo movimento modernista (aqui chegado com atraso de uns vinte anos) o marasmo em que se encontravam os nossos homens de letras, e com as pesquisas no setor da história, de geografia e do folclore, levadas a efeito por uma turma de estudiosos, isso sem esquecer o surto de desenvolvimento

econômico, social e cultural por que passou a cidade nos últimos anos. A população entrou em crescimento geométrico; surgiram novas escolas de ensino superior, aumentou a pesquisa científica e permaneceu inalterável a tradição literária mantida por algumas famílias ali radicadas.

Nos municípios de predominante colonização italiana (Nova Trento, Orleães, Urussanga, Turvo, Joaçaba, Videira, etc) a observação que pudemos fazer nos levou a desoladoras conclusões. Um ou outro interessado em pesquisas literárias, um raro jornalista aqui, um escritor inédito acolá. Mas o fenômeno também se pode explicar pela colonização, pelo povoamento. Embora, diferentemente do açoriano, o elemento itálico se houvesse bem adaptado à terra e se tivesse melhor fixado quer como agricultor, quer como criador, da terra ainda não se desprende em espírito. Os açorianos que se prenderam à terra fracassaram na ascensão social e intelectual; mas outros, quer pela formação, sobrepuseram-se ao meio e tentaram conquistar novo "status", o que quer por tradições trazidas d'além mar, ou por seus pendores naturais, os levou à formação de uma elite intelectual em várias das cidades litorâneas. O elemento italiano, sem trazer das terras de origem (note-se que tais colonos têm procedência das zonas montanhosas e rurais da Itália) uma cultura literária, nem preocupações artísticas quaisquer, dedicou-se exclusivamente às atividades de seus ancestrais. Entregou-se ao trabalho bruto sem encontrar, nas regiões onde se instalou, uma cultura diferente que sobre ele pudesse influir positivamente na sua evolução. Ao contrário, se aculturação houve esta foi negativa, pois o elemento antes existente nas regiões onde se instalaram os colonos italianos eram caboclos ignorantes, vivendo em regime agrícola dos mais primitivos, analfabetos, igualmente supersticiosos e com a mentalidade refratária a qualquer tentativa de soerguimento intelectual. Igualmente há a considerar-se que ao se instalarem, formaram os italianos zonas de baixíssimo povoamento, contando com raríssimas e deficientes escolas. Hoje, salvo casos isolados — pois há descendentes de colonos italianos que, fazendo sua formação nos grandes centros adquiriram notável posição no cenário político, administrativo e intelectual do país — normalmente os que deles descendem vivem em municípios que embora apresentem notável progresso nos últimos vinte anos, ainda não evoluíram artisticamente. Para tais municípios encontramos uma revista literária, um jornal diário, um grupo teatral, a não ser um inexpressivo teatro religioso, e nem sequer um movimento musical de significação digno de nota, excetuando-se duas ou três bandas de música das quais uma integrada de elementos tirolezes, em Papuam, Joaçaba, é digna de nota. Mas, dentro de velhos princípios sociológicos, podemos prever que o desenvolvimentos econômico daquelas regiões que se vem processando e mesmo determinando um meio social bem mais evoluído e definido, à medida que as famílias se vão fixando e desaparece aquela mobilidade característica das populações colonizadoras — que então haja um surto de desenvolvimento cultural que fatalmente encontre expressão nas artes e, principalmente, na literatura.

Nas zonas de colonização alemã (Vale do Itajaí, parte do Vale do Rio do Peixe e outras regiões) o fenômeno é diferente. Embora o grosso da colonização se tenha processado à base de elementos de parquíssimos recursos intelectuais, quer pela sua procedência, ocupações, quer pelo meio em que viviam ou por aquêles em que foram viver, professores, intelectuais e até cientistas — como é o caso de Fritz Müller — integraram as levas de imigrantes que se localizaram em Brusque, Blumenau e Joinvile. Racionalmente efetuada, tal colonização prosperou a tal ponto de Blumenau vir a ser, com cem anos de vida, um dos mais prósperos municípios brasileiros. Ora, exatamente a grande incognita que tem preocupado alguns observadores é esta: por que com todo êsse desenvolvimento não só econômico como também artístico, conforme se nota na cultura musical de Joinvile e Blumenau, onde até um Conservatório é mantido por particulares não se encontra qualquer manifestação literária mais séria que aquela espelhada na deficiente imprensa daquelas cidades? Mas indagações tais quais estas teriam resposta se não se pretendesse entrar no problema por portas erradas. Se quisermos encontrar uma literatura em Blumenau, Brusque e Joinvile, em nossa língua, quase nada encontraremos. É que, em fenômeno talvez único do gênero no Brasil, tivemos, como ainda temos ali relativamente viva e importante, uma literatura em língua alemã. Intelectuais que vieram com os colonos, descendentes dêsses mesmos colonos ou ainda outros intelectuais que vieram para cá ao pronunciar-se o progresso daquelas cidades, deixaram uma obra que está a merecer a mais cuidadosa e urgente atenção da crítica. Infelizmente, desconhecendo a língua alemã, nada pude ler do que existe. Mas a minha curiosidade o meu desespêro em não poder ler o que na língua de Schiller por aqui se tem escrito em ficção, teatro, descrição, poesia e ciências, me levou a procurar alemães e conhecedores dos problemas sociais e culturais do Vale do Itajaí para colher informações. Felizmente o assunto não se encontrava totalmente inexplorado. No volume comemorativo ao 10. Centenário da cidade de Blumenau, o professor Frei João Capistrano Blinder escreveu sugestivo trabalho intitulado "Imprensa e Publicidade em Blumenau", ensaio êsse onde fui buscar os melhores elementos para falar sobre o assunto. Além disso, em palestras que mantive com o Jorn. Carl. Walle, com o Prof. Frei Ernesto Emenedofer, com o Prof. Custódio Campos e outros que conhecem, por leitura direta, a obra que neste Estado, foi escrita em língua alemã — pude obter informações e depoimento valiosos, tudo me levando a crer na importância da obra que estamos comentando preliminarmente. O estudo que desejar fazer um estudo aprofundado dêsse acêrvo literário deverá ser remetido à Bibliografia sobre o Vale do Itajaí que o ilustre blumenauense Dr. Carlos Fouquet publicou no citado volume comemorativo do centenário de Blumenau.

Desde que ensaiei os primeiros passos pelos caminhos de pesquisa de uma literatura de língua alemã em Santa Catarina, preocupavam-me as três perguntas seguintes:

1 — Qual a importância sócio-cultural que teve, no Vale do Itajaí, tal literatura ?

2 — Quais os trabalhos mais representativos dessa literatura em língua alemã ?

3 — Algumas dessas obras teriam encontrado público na Alemanha ?

Não sem algum sacrifício, em trabalho de pesquisa, encontrei respostas às minhas indagações. E são essas respostas que, muito resumidamente, para não fugir ao caráter dominante neste ensaio, vão aqui comentadas.

Em primeiro lugar, creio que o fenômeno da existência de escritores de língua alemã, em algumas cidades do Estado, não implica na existência concomitante de um público leitor e interessado. Em Blumenau, onde fiz uma pesquisa direta sobre o assunto, constatei que, fora os "kalender" de larga aceitação principalmente na colônia, pouca, pouquíssima coisa do que se escreveu em Blumenau, por blumenauenses ou por alemães, quer no terreno da prosa, ficção ou ensaio, é vendida. Encontrei, em livrarias daquela cidade, livros dormindo nas estantes há anos; e de um romance que possivelmente será uma das mais importantes obras das que se escreveram em Blumenau, uma livraria em vários anos vendeu apenas um exemplar. Teremos que concluir assim, salvo melhor juízo posterior com a posse de novos e diferentes dados, que essa literatura surgiu como fenômeno isolado, assim como essas flôres que vivem em meio aos cômodos de um deserto. Alguns intelectuais, quer movidos por um impulso interior, que pela carga cultural trazida de longe, ou para dar vazão a uma necessidade intelectual, escreveram suas obras. Estas, entretanto, sem traduções que as divulgassem em meios de língua portuguesa, ficaram restritas ao pequeníssimo círculo teuto-brasileiro onde se dá atenção aos problemas literários.

Podemos agrupar a obra aqui escrita em língua alemã, dentro de vários gêneros. E convém notar que muitos desses escritores foram polígrafos notáveis. José Deeke versou os mais variados temas, estendendo-se por assuntos políticos, etnológicos, históricos, geográficos e mesmo ensaiando no terreno da ficção. Sua esposa, novelista e articulista, foi colaboradora assídua do "Der Urwaldsbote" e "Der Christenbote". A mais importante obra de Emma Deeke parece ser a novela "Liebe und Pflicht". Como poetas, segundo as informações que obtive, foram notáveis Rudolf Damm, Georg Knoll e Victor Scheleiff. O primeiro, além das composições em verso, escritas diretamente em alemão e português, traduziu, para imprimir com êxito na Alemanha, "A Canção do Exílio" de Gonçalves Dias e outros poemas dos nossos principais românticos. Também Georg Knoll, além de poeta, foi tradutor. Para a língua de Goethe verteu várias obras de Alencar e Monteiro Lobato, publicandô-as em folhetins que obtiveram larga divulgação. Victor Scheleiff também, além de poeta, foi contista e cronista. Suas produ-

ções podem ser encontradas no jornal já desaparecido "Der Urwaldsbote", que redatoriou por largo tempo.

Frei Capistrano Blinder, em trabalho já citado, aponta como um dos vultos mais representativos do que se escreveu em Blumenau, no terreno de ficção a blumenauense Gertrud Gross Hering e como polígrafo salienta o Dr. Carlos Fouquet. Na impossibilidade de dar a minha opinião pessoal pois, como honestamente já afirmei, desconheço o idioma alemão e não me foi possível ler nada dessa literatura infelizmente jamais trazida para o português, valho-me das afirmações do ilustre Frei Capistrano e passo a transcrever o que deixou consignado a respeito daqueles dois literatos blumenauenses:

"Nos anais literários de Blumenau merece real destaque a escritora Gertrud Gross Hering, blumenauense de nascimento, irmã do conhecido industrial e homem público Curt Hering. Contando já mais de setenta anos, conserva ainda a vibratibilidade de seus interesses artísticos e literários. Basta notar que para as festas centenárias escreveu, há pouco, mais uma peça teatral!

Temos sobre a mesa os seguintes livros de sua autoria:

"Durch Irrtum zur Wahrheit, editado em 1922, em forma de livro, por G. A. Koehler, em Blumenau, sendo impresso em Potsdam, na Vereinsdruckerei.

O prefácio, de Eugen Fouquet, data de janeiro de 1920.

Este livro é o romance de dois jovens imigrantes, que vieram ao Vale do Itajaí, com o mesmo propósito de fixar-se como colonos, um deles, porém, cheio de pretensões de inovador, fracassando completamente, ao passo que o outro, adaptando-se prudentemente ao meio e procedendo com ponderação e cautela, vence tôdas as dificuldades e torna-se feliz. As condições de vida na colônia são descritas com pena hábil, e os caracteres dos personagens, traçados com rara felicidade. A autora revela fino sentimento poético, nas descrições de cenas da natureza. O romance de estilo folhetinista, foi começado de publicar no "Der Urwaldsbote", em 1917, e concluindo em 1919, depois da suspensão do jornal.

"Frauensicksale" (Destinos de mulher), uma coletânea de quatro contos.

"Aus Kindern werden Leute" (Crianças que se tornam homens), romance regional, publicado no rodapé do Urwaldsbote, e enfeitado em livro, em 1934, por C. Artur Koehler, como surpresa à autora. Neste livro, que se lê com muito gosto, por ser o retrato fiel do ambiente colonial antigo, descreve-se, com belos dotes de narração e diálogo, a vida dum simples filho de colono, que vence na vida, porque, a despeito de tentações e perigos, conserva-se instintivamente fiel às tradições herdadas dos pais.

Além desses contos aparecidos em forma de livro, escreveu a autora ainda o romance "Vereinte Kräfte (União faz a força), publicado no Urwaldsbote e, posteriormente, na revista mensal alemã "Deutsche

Welt"; seguem-se contos menores: "Grossater Buzold wandert aus" (Emigra o vovô Butzold), "Das Starkere" (O que é mais forte?), "Peter Grotmanns Erbschaft" (A herança de Peter Grotmann), a lenda "Die drei Brüder" (Os três irmãos), "Schwesterglocken" (Sinos fraternos), "die Urlaubsreise" (A viagem de férias memórias da invasão de Blumenau, durante a revolução federalista).

Escreveu também pequenas peças de teatro".

"Blumenauense dos mais ilustres, pelos seus privilegiados dotes de inteligência e de trabalho, é, sem dúvida, o Dr. Carlos Fouquet.

Filho de Eugenio Fouquet e de D. Ana Beims, freqüentou a Escola Nova, fêz o curso secundário no ginásio ducal de Brunswick, estudou Letras Anglo-Germânicas e História nas universidades de Marburgo e Munich, doutorando-se em Filosofia pela universidade de Marburgo. Exerceu o magistério secundário em três escolas secundárias de Hamburgo. De 1926 a 1938 foi professor e diretor substituto da Escola Alemã de São Paulo (atual Colégio Visconde de Pôrto Seguro). Em seus escritos, ocupa-se especialmente da história da imigração e colonização alemã no Brasil e de pesquisas genealógicas.

Publicou as seguintes obras (além das citadas na Bibliografia): "Siedea, Tempest und das Märchen", 1929; "Zur Reform der deutschen Rechtschreibung", 1935; "A Família Lindenberg na Alemanha e no Brasil", 1940; "Hans Staden, Zwei Reisen nach Brasilien, Uebertragung in modernes Deutsch", 1941; "Hans Staden, Duas Viagens ao Brasil", tradução de Guiomar de Carvalho Franco, 1942; "Origem da Família Avé-Lallemant e sua Expansão no Brasil", 1941; "O Cêrco de Iguaçu — 1549", 1943; "Os Andradas à luz da tábua de parentesco", 1945; "Bibliografia do Instituto Genealógico Brasileiro", 1947; "O Prisioneiro de Ubatuba", 1948 — Além dos escritos mencionados, publicou ainda numerosos artigos de jornal, sôbre assuntos históricos e literários, como também poesias, em jornais e almanaques nacionais e estrangeiros. Sua biografia do Dr. Hermann Blumenau, publicada neste livro, é obra mestra no gênero".

Algumas obras das que compõem a curiosa literatura catarinense em lingua alemã tiveram, sem dúvida alguma, público na Alemanha. Atestam isso as edições repetidas que alcançaram várias delas. Valendo-nos ainda de elementos fornecidos por Frei Capistrano Blinder, em trabalho já citado, Jahr in der Heide, novela de Thereze Stutzer, estava, em 1925, na 5a. edição alemã. Da mesma autora "Am Rande des brasilianischen Urwaldes" (volume de contos versando sôbre temas da colonização alemã no Vale do Itajaí) alcançou em 1924 a 10ª. edição alemã. Assim também alguns livros de Carlos Fouquet, Rudolf Damm, Gustavo Stutzer, Paul Aldinger, versando sôbre temas da colônia, foram divulgados na Alemanha, Note-se, porém, uma particularidade curiosa: Tôdas as obras que tiveram público europeu tratavam, quer pela ficção, ou em monografias descritivas — que era o gênero mais comum — da selva catarinense, dos nossos índios, hoje desaparecidos,

da nossa fauna e flora. Essa insatisfação do europeu pela falta de pitoresco de seu meio físico e pelos excessos de civilização que Eça irônicamente comentou em mais de uma de suas obras, fê-los sempre atraírem-se pela literatura que trate de aventuras em terras estranhas, em ambientes exóticos. Talvez, por isso, a aceitação na culta Alemanha, de certas novelas e de certas narrativas escritas em Santa Catarina e sobre Santa Catarina. Por certo algumas delas abusam do maravilhoso e alteram a nossa realidade geográfica; mas, de qualquer maneira, foi o nosso meio físico e não o nosso meio social, que atraiu para cá o sábio alemão Fritz Müller que em Blumenau se radicou, de lá enviando para Darwin e outros expoentes das ciências naturais contribuições notáveis como frutos de observações e experiências realizadas com nossa fauna e nossa flora.

Agora, uma observação final. Por certo, obstarão muitos que eu esteja a cuidar de tal problema em um ensaio sobre a literatura catarinense. Mas, aos que, movidos por um falso nacionalismo que os façam querer cobrir tudo quanto seja traço cultural germânico em Santa Catarina, num temor absurdo de que venha a cultura lusa a desaparecer ou perder suas principais características com uma aculturação — eu lembro que essa aculturação, embora muitos, de ambos os grupos étnicos, não a desejem, já se vem dando, porque leis naturais determinam que isso se dê; e aos que tiveram suas dúvidas sobre a legitimidade dessa literatura como catarinense, eu deixo o seguinte problema para que se procure a única ou, pelo menos, a melhor solução: Qual será mais catarinense e mais brasileira — uma obra, embora escrita em idioma estrangeiro e de qualquer maneira traduzível, versando sobre o cativante tema da colonização alienígena em nosso Estado, com estudo da adaptação dos imigrantes, discutindo assim problemas que são nossos problemas e tendo por fundo uma paisagem brasileira, ou uma dessas obras que se editaram por aqui, em uma língua que nem sempre conseguiu ser vernácula, e que de Santa Catarina e de Brasil nada têm, pois seus personagens, indivíduos de estranhas raças e nacionalidades, tratados por quem jamais sentiu os problemas nem as características mentais dessas mesmas raças ou nacionalidades, desenvolvem suas aventuras quixotescas e mesmo sanchescas, tendo por fundo terras exóticas, muito exóticas mesmo, que talvez até nem existam em uma realidade ecológica, geográfica e cultural!?



Rêde é o título do romance com que Salim Miguel espera a manifestação da crítica. Modesto como o autor, o livro surgiu sem padrinho rico ou mesmo pobre, sem propaganda, sem apresentação e sem prefácio. Cremos ter sido melhor assim mesmo. O volume se valorizará mais pelas qualidades intrínsecas, pelo conteúdo humano e pela mensagem artística que nele se contém.

Apesar de todas as dificuldades de que é dotado um meio provinciano — quase sempre rude e hostil, não integrado nas lides literárias, poucas vezes sincero e complacente — “Rêde” nos surge com poucos defeitos exteriores. Se a capa, muito bem realizada pelo artista de renome nacional, Edgard Koetz, impressiona e chama a atenção, já a impressão, os tipos miudos não predispoem o leitor comodista, às vezes malandro, a uma leitura normal. O autor correrá então com muitas desvantagens: do meio provinciano, pelo fato de ser uma estréia, dos defeitos de impressão, dos caracteres tipográficos, etc. E o leitor, mesmo comodista e malandro, como dissemos, vencendo essas exterioridades, prova que tomou interesse. Tais defeitos, portanto, servirão de termômetro que marcará a força expressiva, os recursos novos de estilística, a sinceridade com que o autor caracteriza os personagens (às vezes o personagem é um símbolo); a naturalidade com que o escritor faz aquelas gentes marginais viver os seus problemas primários, com recursos escassos, numa ignorância “virgem”, a simpatia, quase ternura, para com os desamparados e desprotegidos, para com os “manuéis” e filhos dos “manuéis”.

Até que ... “acontece o milagre, milagre da união dos homens”.

Literatura alguma merece respeito ou consideração, a menos que reconheça e registre as circunstâncias históricas, os conflitos morais e sociais que a animam.

Em uma semana, de uma terça-feira a outra terça-feira, como quem pretende fixar o viver de rotina, vão acontecendo os fatos comuns, ca-

racterísticos e os esporádicos, vão desfilando os personagens integrados no ambiente, os que não se conformam e os visitantes que, por circunstâncias especialíssimas, passaram por lá. O leitor, naquela semana que pode ser qualquer, dados os recursos literários do autor, toma conhecimento da origem e situação da vila de Ganchos, dos seus habitantes, dos seus costumes, das suas misérias, das pequenas alegrias e das grandes lutas e do seu conformismo atávico que o empurra sempre para o mar. O mar, razão de suas existências e causa de suas mortes.

"O mar é assim, ao mesmo tempo maior amigo e maior inimigo da gente da vila. As mulheres não sabem por quanto tempo terão marido, filhos, irmãos, pais; nem eles sabem se, saídos hoje para uma pesca, voltarão. Todos temem — e a angústia é desesperadora. Por isso, devido àquela constante preocupação, as mulheres, mui especialmente, envelhecem logo, mais que os homens que so enfrentam o perigo, ao passo que elas enfrentam a angústia da espera. Logo profundas rugas cavam-lhes os rostos, Enfurnadas nas casas, na praia à espera, pensando sem agir, torturando-se, uma noite tem a imensidão da eternidade. Os homens além de não terem tempo para pensar, muitas vezes não têm tempo para envelhecer. O mar os traga".

O que foi Ganchos, o vir a ser de Ganchos, fundem-se naquela semana-presente — ora nos sonhos e pensamentos dos personagens, ora na conversação e rememoração deles.

E como escreve Salim Miguel tudo isso? Com arte. A arte impregnada das condições e conflitos modernos, como não poderia ser outro modo. Com compreensão e lirismo, não artificioso, mas pleno de ternura quando se trata das coisas mais simples e naturais da vida, quando se refere aos pobres pescadores... dezenas, centenas de anos amarrados, tolhidos, vivendo assim; gerações vendo aquilo que para eles é tradição, um hábito impossível de quebrar".

É drástico, duro, severo quando se trata da ganância, da prepotência, da ignorância consciente, dos intrusos, dos mandões e dos "donos da vida".

É mofador, irreverente, irônico, mordaz quando se trata das aparências e simulações, dos snobs e ridículos, da impáfia dos pretenciosos.

Leopoldo é uma luz dentro da noite. É o remédio para curar a cegueira. Personagem, nada falso, na sua origem, na sua incipiente formação socialista, nas suas lutas íntimas, com os seus receios, com sua pobreza e energia parece ser o símbolo de "a luta e o coração decidido" da epígrafe no início do livro. Leopoldo vê e sente na carne... Deixemos o escritor falar:

"Ontem, hoje, amanhã... iguais a outros ontens, hojes e amanhã. Um círculo vicioso completo, perfeito, extremamente rápido e desnorteador, que não deixa a pessoa raciocinar. Pronto.

Sempre devendo pequenos favores que lhes tolhem os movimentos. Pronto, lá ficará o dinheiro, a vida, o alento, a esperança. Assim passavam-se os anos, assim iam e vinham gerações. Pronto: Agora surgia

Leopoldo, agitava a água parada, queria varrer a estagnação. Encontrava resistência, encontrava desconfiança, encontrava temor".

E vêm os tipos todos para a convivência do leitor. É Justo, é Ti Zé, Manoel, Lucas, Wavio, Dultávio, Juquinha, Jango, Lola etc., todos, tendo sinais comuns, forjados pelo meio, mas com representações características, que não se confundem.

É o amigo do pai de Jango, que o mar roubou sem nunca devolver; um símbolo, um herói que Ganchos rememora com respeito e admiração. Ti Adão, personagem marcante, decano das redondezas, ele e Cardozo são donos do mundo de credences e superstições. A D. da pensão e as irmãs Bernardas, sempre insinuando, sempre plantando verde. Saudosistas. Sempre querendo — não querendo maliciar. Os dois malandros vigaristas que agitam a vila e ridicularizam Demerval e o praça Laurindo. A professora, insatisfeita, deslocada, desiludida com o magistério, ensinando por necessidade e não por vocação profissional. O romance de Lourdes com Godofredo, dentro de uma linha humana, não poderia faltar como complemento da vida social de Ganchos. Não é uma aventura amorosa, nem tão pouco uma conquista. Godofredo quer Lourdes para sua companheira.

Sente-se a preocupação do autor em trabalhar bem os tipos, dentro das respectivas condições, em situações diversas, com atitudes, ações e reações psicológicas, se não estritamente exatas, pelo menos criadas com cuidado, penetração e sinceridade. O autor fez do seu mundo um microcosmo da vida e do destino do homem e disso adverte o leitor com a epígrafe de Gil Vicente: "Nós somos vida das gentes e morte de nossas vidas".

O escritor também pinta com palavras e isso faz Salim Miguel quando nos fala de Ganchos, do Espetáculo, da Aula, de São Miguel, da Igreja e do Moinho, do Arrastão (aí poderia ter conseguido maiores e melhores efeitos), da festa em São Miguel (não posso compreender as festas na vila sem o padre, sem as bandeírolas e sem os malditos foguetes. Pena, faltarem os foguetes!)

Há cenas, parece, propositadamente cinematográficas tais como a das lavadeiras, a destruição das rédes dos barcos de Santos; a do enterro de um dos pescadores cujo corpo deu à praia todo comido dos peixes. Os close-up literários não deixam de aparecer, quase sempre imprescindíveis e geralmente para caracterizar indivíduos. Por todo o romance paira um clima de amarga ironia, culminando com o nascido morto, filho de Manoel, no final daquele domingo de festas. "Depois que "Ocha pessoa de corage"!!! dito por uma menininha lavadeira e atribuída aos vigaristas, penetrou naquelas cabeças duras, a noite pode cair acalentadora sobre a vila. Uma nova vida. "Uma vila onde os homens descobriram que pode existir uma outra vida que não aquela deles só de miséria, uma vila de luta e decisão, mais uma vila de esperança".

Se o ideal do romancista, no dizer de Alvaro Lins, é uma criação de vida pessoal, através dos personagens, e de vida social, através dos am-

bientes e cenários, Salim Miguel o conseguiu e dentro de uma técnica, seguindo o pensamento de A. Lins, que quer dizer segurança, domínio do caos, afirmação de um caráter. E este caráter particular de uma obra é que a faz salvar-se do naufrágio do tempo, que determina a sua existência para além da sua época".

Salim Miguel escreveu um romance que vai dar o que falar e esse é o seu maior elogio.

Anibal Nunes Pires

Florianópolis, 17 de novembro de 1955. — A "Gazeta" — 23-11-55.

**É A SEGUINTE A COMISSÃO
ORGANIZADORA DO I CON-
GRESSO BRASILEIRO DE
CONTISTAS**

SÃO PAULO

Mário Donato
Menotti Del Picchia
Maria de Lourdes Teixeira
Mário Neme
Leonardo Arroio
Lígia Fagundes Teles
Fernando Góis
Antonio D'Elia
Bráulio Pedroso
Marcos Rey
Rolmes Barbosa
Herculano Pires
José Geraldo Vieira
Afonso Schmidt
Nelson Coelho

RIO

Anibal Machado
Orígenes Lessa
José Condé
Almeida Fischer
Ricardo Ramos
Saldanha Coelho
Mauritônio Meira

PERNAMBUCO

Osman Lins

MINAS

Waldemiro Autran Dourado

CEARÁ

Moreira Campos

RIO G. DO SUL

Paulo Hecker

PARANÁ

Dalton Trevisan

SANTA CATARINA

Salim Miguel

BAHIA

Vasconcelos Maia

(Ver nota a respeito à página 4)

UM JOVEM POETA PORTUGUÊS: ALEXANDRE O'NEILL

Alexandre O'Neill vem da aventura mental surrealista, de raras sobrevivências em Portugal. Ainda jovem, percorreu, contudo, os caminhos ínvios do intelectualismo abstrato e da heterodoxia ideológica em que tantos intelectuais do nosso tempo continuam tecendo a sua perplexidade perante todas as imaginadas saídas (ou entradas) sem optarem na aparência por nenhuma.

Para O'Neill, porém, a aventura surrealista parece não ter sido mais que um acidente — como o foi, aliás noutro plano de justificação histórica e guardadas as naturais proporções, para poetas como Aragon, Éluard, Tristan Tzara e outros que são hoje representantes autênticos duma cultura de vanguarda. A vida acabou por despertá-lo do sonho de "libertação pura" em que se evadira, mostrando-lhe que o maravilhoso é os momentos superiores que procurava no "outro lado do mundo" estão, afinal em toda a parte, se integram na realidade quotidiana, são indissociáveis da realidade permanente do movimento e da transformação; que, dissociá-los do real, dando-lhes uma significação especial, é resvalar na magia, é gerar a confusão, é tornar a própria realidade fictícia e inapreensível.

E é assim que, com a publicação da sua primeira coletânea de poemas, a que deu o título um pouco ambíguo de "Tempo de Fantasmas" (1) pretendia o autor (para empregar as suas próprias palavras) "mostrar, antes de tudo, o seu esforço para sair duma consciência infeliz do mundo; para se libertar do que nêle foi, tem sido e é ainda a presença dolorosa, cínica ou inquietante dum mundo só muito lentamente decifrado".

Trata-se, por isso mesmo, dum livro em que a unidade do pensamento poético do autor só poderá ser compreendida através de heterogeneidade das produções que o compõem. Desde os textos surrealistas encabeçados pela designação genérica de "Exercícios de estilo" até aos últimos poemas do caderno, há toda uma linha de evolução feita de progressos e recuos, construída sobre uma inquietação real e sempre viva em busca duma linguagem e seu objeto.

A fase inicial corresponde a poesia-surpresa, num puro jôgo de palavras em que o real funciona como mero pretexto de descoberta do inesperado. É esta também a fase pseudo-libertação através do reino do Maravilhoso, da evasão romântica que tem por cidadela "certo refúgio acima do murmúrio — que a vida corrente teime em vir — o barco escondido pela folhagem — o jardim onde a aventura recomeçar".

Encarcerado adentro dos muros do pensamento sem suporte, da inteligência desprovida de objeto, o poeta sente-se, porém solicitado do exterior, cada vez mais insistentemente, por aquela mesma dura e agressiva realidade que responsabiliza pela sua frustração. Então, es-

(1) — Cadernos de Poesia — fascículo 11 — 2ª. série — Lisboa, 1951.

piando por entre as grades que dela o separam, procura apreendê-la através de toda a lucidez dos sentidos. E que vê? — Um mundo pleotrico de objetos e, paradoxalmente, vazio de sentido em toda a sua enormidade. Desiludido, de novo emparedado na sua angústia (impotente, no seu isolamento, para resolver o problema dessa angústia), proclama resignada e dolorosamente "esta nossa razão absurda de ser", num lancinante adeus de despedida à ainda misteriosa amada da "cidade aventureira / da cidade onde o amor encontra as suas ruas / e o cemitério ardente da sua morte":

"Não tu não podias ficar presa comigo
à roda em que apodreço
apodrecemos
a esta pata ensanguentada que vacila
quase medita
e avança mugindo pelo túnel
de uma velha dor..."

Rolam os dias vazios — "esta invenção atroz / a que chamam o dia-a-dia / estas quatro minúsculas patas / venenosas da angústia" — e o conflito que opõe o poeta ao mundo exterior agudiza-se, grita e expande-se numa crítica anárquica que confunde o humano com o inumano, o conteúdo com a sua aparência formal. É uma crítica feita de virulências, de comentários anedóticos, de caricatura e demolição — que, por inconsequente, não consegue transcender os marcos de tolerância do estabelecido, a despeito de toda a ironia e sarcasmo que a estruturam.

Deste conflito, em que mundo sensível e mundo imaginável se degladiam na consciência do poeta — homem vivendo afinal entre outros homens —, acaba por triunfar o que nele existe de fecundo e positivo. Consciencializado o homem, consciencializa-se o poeta, depois de reconhecer que "só entre os homens e por eles / vale a pena sonhar"

Robustece-se a sua confiança no homem por meio da sua própria experiência e dum conhecimento cimentado na realidade, agora já encarada na unidade dos factores contraditórios que condicionam o seu movimento, os quais lhe revelam a verdadeira face do autêntico através do inautêntico, o superior através do banal. E adquire então uma outra voz, uma voz mais verdadeira e humana, como em "Canção":

"Que saia a última estrela
da avareza da noite
e a esperança venha arder
venha arder em nosso peito

E saiam também os rios
da paciência da terra
é no mar que a aventura
tem as margens que merece..."

— e noutros poemas de real afirmação como “O Tempo sujo”, “Em pleno azul”, “Uma vida de cão” e, muito particularmente, nêsse belo fresco poético que é “Pela voz contrafeita da Poesia”, onde só há a lamentar uma certa quebra de unidade de fatura e um nítido afrouxamento do sentido temático a meio da composição, que nem por isso deixa de ser bastante significativa:

.....
“Não digas o teu nome: êle é **Esperança**
vai até aos que sofrem sôzinhos
à margem dos dias
e é a palavra que não escrevem
sobre as quatro paredes do tempo
o admirável silêncio que os defende
ou o sorriso o gesto a lágrima
que deixam nas mãos fiéis...”

Além duma notável subtilidade de captação da obscura mas forte significação das pequenas-grandes coisas, há nêste jovem poeta, latente mas já pressentida, uma fôrça que só espera momento propício para se revelar e desenvolver em tôda a amplitude.

Apesar de certo malabarismo verbal que, como êle próprio reconhece, ainda “o leva, num ou noutro poema, a soluções de evidente mau gôsto”, dispõe já de uma técnica e de uma riqueza de expressão só peculiares a poetas feitos. Para isto, algo deve ter contribuído a sua experiência de libertação formal da fase surrealista — sendo também notórias as influências sofridas mais recentemente de Fernando Pessoa, Eluard e Neruda, através das quais vai forjando, lenta mas seguramente, a sua própria linguagem.

Consciente agora da missão que cabe ao poeta no complexo, terrível e fecundo mundo de hoje, é de esperar que Alexandre O'Neill nos dê, no futuro, prova mais amadurecida das suas reais possibilidades (2). O caminho já percorrido na curta duração da sua atividade poética torna ainda longo o caminho a percorrer. Não basta sacudir da lapela os decrépitos fantasmas e mitos de recente convivência: é preciso exterminá-los, para que não teiem em sobreviver. Não é isto tarefa fácil. É mesmo uma tarefa dolorosa, sabido como a nossa consciência, carregada ainda de mitos seculares e limitada pelas condições particulares do meio ambiente, nem sempre avança em linha reta.

Com mais ou menos talento, alguma arrogância intelectual, certa dose de jôgo e outra de sinceridade, é possível construir uma obra que

(2) — O autor anuncia para breve um novo livro de poemas, a editar pelo Centro Bibliográfico na sua coleção “Cancioneiros Geral”. Intitular-se-á provavelmente “Com a Tristeza Acender a Alegria”.

agrade. Mas obra válida e autêntica, só a produzida por uma consciência atuante, profundamente enraizada nos problemas quotidianos do homem e empenhada em concorrer para a sua resolução, na base dum sentido real de responsabilidade.

Na sua "Introdução à Estética" (3), ao pôr o problema da validade da obra de arte, salienta Henri Lefebvre que esta só pode perdurar "na medida em que se esforça por conquistar a riqueza humana resultante do desenvolvimento por inteiro — na medida em que ultrapassa a alienação do homem em geral e a sua própria alienação em particular".

Participar, portanto, da vida dos outros homens; experimentar e exprimir o que ela tem de emparedado, de humilhado; fazer a síntese dos elementos que dispersam e desfiguram a imensa riqueza nela contida; e afirmar os possíveis do desenvolvimento humano na totalidade das suas manifestações — eis a tarefa que o nosso tempo reclama dos seus poetas e de todo o verdadeiro artista em geral.

Henrique do Amaral

(3) — In "Arts de France", n.ºs. 19/20 — pág. 57/58.

I

A nacionalidade espiritual de um escritor define-se hoje em dia, mais do que em qualquer outra época da história, pelo meio ambiente em que se desenrola a ação de um romance, que evoca um poema, tanto no sentido retrospectivo como no de uma dimensão imaginária do futuro; que foca e analisa um ensaio, etc.

Tomando este tema como base, poderíamos interpretar três significativos escritores hispano-americanos de diferente nacionalidade que oferecem entre si perceptíveis confluências, mas que acabam apartando-se por rotas divergentes. São eles Jorge Icaza, Ciro Alegria e Jesús Lara, representantes literários do Equador, do Perú e da Bolívia, respectivamente.

Estes países (dois de Sul América, e um da América Central, como a obra daqueles escritores, apresentam ao leitor medianamente versado em história e geografia americanas, um todo homogêneo que se pode sintetizar desta maneira: prevalência considerável entre a população, do elemento indígena e mestiço, ausência de uma efetiva emigração europeia, relegação do índio à mais baixa e aviltante posição social.

É esta, em traços gerais, a confrangedora realidade que serve de fundo aos romances indígenas dos escritores acima citados. O restante... baseia-se na interpretação pessoal de cada qual e dos problemas particulares de cada país.

Jesús Lara, por exemplo, é boliviano nas suas obras, não por possuir esta nacionalidade, mas sim, porque soube sentir e captar uma das mais indignantes realidades bolivianas que, como homem interessado no destino da colectividade e sensível às dores do mundo, pretende transformar.

II

Bolívia, la tierra viva del folklore (1º), como a denominou Arturo Capdevila, também conhecida sob o nome de Alto Peru, é um país árido, montanhoso um autêntico mediterrâneo sem saída para o mar, isolado das repúblicas irmãs por uma caprichosa e abrupta geografia de mesetas e cordilheiras. Como o limítrofe Peru ao qual esteve unida durante o florescente império dos Incas, é Bolívia um país andino, caracterizado pelas tradições aborígenes ligeiramente deturpadas pela dominação espanhola, que ainda conserva vivas, impregnadas como vozes ancestrais no sangue indígena. Os lamas — camelos americanos, os condôres dominadores de alturas, os índios com suas faces mongólicas e um indeterminado número de factores, dão-nos uma idéia do grau

(1º) "Kollasuyo", n. 37 — La Paz.

de parentesco existente entre estas terras de vida sedentária e certas regiões asiáticas.

Depois do Norte de Africa e do México, não existe na Terra outro país mais arqueológico. O seu solo e sub-solo são extensos museus abertos à curiosidade dos estudiosos de tão magna matéria. Neles existem a-flux vestígios de antiquíssimas civilizações americanas, como a Metrópole de Tihuanacu cuja fundação alguns arqueólogos e etnologistas atribuem a 10 ou 15 mil anos antes de Cristo.

Dos valentes guerreiros acaudilhados pelo heróico Tupaj Katari, que armados simplesmente de fundas e lanças fizeram tremer as aguerridas e vandálicas hostes pizarrianas, restam hoje apenas a recordação e o exemplo deformados pelos cronistas e historiadores da Colômbia, reles escrevinhadores affectos à conquista e à dominação hispânica; os resíduos de uma raça viril e livre resumidos em tristes farrapos humanos, esfomeados de pão, terra e liberdade, condenados como as bestas de carga à mais abjecta escravidão.

Perante este estado de coisas que alguns equivocada ou pretenciosamente chamam fatalidade histórica, recordamos dolorosamente o "Canto a España" de Andrés Eloy Blanco, e pasmamos de que elle, um americano, o tivesse concebido. Transcreveremos algumas estrofes para illustração ...

Y cantem por la Espanha ultramarina,
la que dirá a los siglos con su voz colombina
que el Imperio español no tiene fin,
Y porque aquí, Madre mia, son barro de tu barro,
lobeznos de Bolívar, cachorros de Pizarro,
nietos de Moctezuma, hijos de San Martín.

Cabe-nos perguntar: onde estão os lobeznos de Bolívar? Cresceram conjuntamente com os cachorros de Pizarro, de Almagro e de Cortez, e hoje acozzam assanhadamente e devoram os orfãos filhos de Atahmalfa. Aliás, como já o expressou Alípio Valencia Vega, los indios — hay que decirlo sin ambages — no ganaron nada con la independencia (2°).

Sobre Bolívia temos lido uma infinidade de relatos de escritores paisagistas, que manejam num à vontade próprio de sua classe social, os elementos exóticos, pitorescos, os matrizes féeriques que afloram como cogumelos à superficie de uma prosa toda exterior, revestida de galas folclóricas, numa incessante rebusca de efeitos fulgurantes de vagalume que complementam os mirabolantes trombeteiros e bailarinos que anualmente arribam em tournée a este ou aquele teatro de Buenos Aires.

Para conhecermos a Bolívia ignota, para nos iniciarmos nesse mun-

(2°) Julián Tupaj Katari — caudillo de la revolución india" — Editorial Cronos — Buenos Aires.

do de sedentário feudalismo onde a evolução dos tempos modernos, com excepção da capital, ficou estacionada, torna-se imprescindível ler os romances de Jesús Lara.

É este, além de um escritor de garra que sabe captar o real em todos os seus múltiplos aspectos, um persistente defensor do indígena escravizado, mera mercadoria dos ghapaytunas (3º) que a manejam a seu bel-prazer, fazendo caso omisso das leis de protecção ao índio, que apenas figuram nos códigos de justiça.

III

Mercê das idiossincrasias antagónicas do branco e do índio, da paisagem serrana onde se arrastam seres humanos sem perspectivas de amplos horizontes que não sejam os creados pela imaginação, Bolívia, em cujas mesetas e punas soaram os primeiros tiros pela libertação sul-americana, está destinada a ser um país de escritores e artistas, como atualmente o é de pastores, agricultores e mineiros.

Ao contrário de México e Brasil, os dois países mais representativos de latino-América em realizações e superações artístico-intelectuais, Bolívia não possui ainda uma pléiade de escritores de vanguarda que represente integralmente o nacional, o interprete e valorize, lançando-o vertido em moldes artísticos aos quatro pontos cardiais.

Individualmente existem dispersos alguns excelentes artistas plásticos, assim como escritores (ensaistas e contistas), confinados em desoladas zonas do país que se bem oferecem inspiração, não incutem em contra partida, aliciente, estímulo para a criação intelectual e artística. Aí, como é obvio, os escritores principalmente, sentem-se asfixiados num meio adverso, indiferente ou incompreensivo. Quem escreve necessita de ver os seus trabalhos impressos, porque o escrever para o futuro não apresenta atractivos e só aienta os sonhadores ou os muito perseverantes. Há porém, um fantasma até hoje irremovível: o analfabetismo, que se ergue numa ameaça milenária contra os constructores da palavra escrita.

Em La Paz e em Cochabamba, as duas primeiras cidades de Bolívia, não abundam as editoriais nem tampouco as revistas literárias; por tal motivo os escritores encontram sérios escolhos para publicar os seus trabalhos, recorrendo muitas vezes como derradeiro recurso às editoriais de Santiago do Chile, Montevidéu e Buenos Aires. Deste modo não resulta estranho que sejam conhecidos no estrangeiro e desconhecidos na própria pátria.

Não obstante a heterogeneidade, o fragmentário e o anedótico da maioria dos livros de autores bolivianos que cultivam a *petite histoire*, existem alguns bons contistas e três romancistas de nomeada: Alfredo Florez, Augusto Guzmán e Jesús Lara. Quanto a poetas, os poucos que

(3º) Os poderosos, os ricos, os privilegiados.

conhecemos são daqueles cujos meduseus nascem sob as patadas dos Pégasos de Musset e de Hugo.

Quando a tradição literária de um país é pobre (como a de Bolívia e a doutras repúblicas americanas, todas as influências forâneas adaptáveis em maior ou menor grau ao nacional, são justificáveis, só não devem ser toleradas as torpes imitações que nos apresentam personagens nacionais com indumentária e pensamentos estrangeiros sem arraigamento possível. Muitos são os escritores bolivianos, passando por Chiveches e Botelho Gosalvez, que receberam e assimilaram a experiência de escritores estrangeiros.

Jesús Lara porém, é o escritor nacional da Bolívia, o seu mais alto expoente, aquele que encara decididamente o problema índio não como um pretexto literário, mas pelo contrário, com a compreensão humana que o mesmo exige.

IV

Jesús Lara publicou, que saibamos, até à data em que alinhavamos este arrazoado, os seguintes livros: "Arawiy, arawiku — poemas quechuas", "Viaje a Inkaltajta", "Repete", "Surumi", "Paugarwara — poemas quechuas", "La poesia Quechua" e "Inakunda".

Alguns destes livros foram publicados em sua primeira edição, por editoriais argentinas. Todos eles incidem sobre idênticos temas que consistem em estudar a cultura quíchua, em valorizar o indígena, o ignoto, o secular, transplantando para o plano literário aquilo que muitos dos falsos homens livres da América, intentam deixar adormecido num olvido pretencioso comprometido, hipotecado a sistemas de fossilização medieval.

Referir-nos-emos aqui, estritamente aos seus dois romances que são também as suas obras mais significativas. "Surumi" (4º), já traduzido em português do Brasil, é uma obra vigorosa, escrita numa prosa ora áspera, violenta, ora extremamente delicada e colorida que descreve o drama de uma coletividade índia dependente e maniatada pela tirania feudal dos grandes latifundiários e dos seus lacaios — os mordomos e os curacas. Das suas páginas ergue-se nítida e simbólica a figura do índio quíchua — esse arquétipo de uma raça outrora varonil, hoje humilhada e vencida.

Perante a leitura de "Surumi", acontece-nos à memória uma frase de Juan Montalvo: Se escrevesse um livro sobre o índio, faria chorar toda a América (5º). Como este escritor equatoriano preferiu, em vez de ocupar-se do drama obscuro e degradante do indígena americano, escrever "Capítulos que se le olvidaron a Cervantes", Jesús Lara — a exemplo de Jorge Icaza e Ciro Alegria — arranca o índio dos limbos da fan-

(4º) Editorial Los Amigos del Libro — 2ª edição — Cochabamba.

(5º) "O Pensamento" n. 151 — Pôrto.

tasia, do pântano da metempsicose-bálsamos fictícios que a religião dos opressores lhe oferece com o fim de degradar-lhe ainda mais a existência — e trá-lo para a vida através da literatura, como personagem central.

Escrevendo sobre "Surumi", no seu livro "La Novela en Bolívia" (6), diz Augusto Juzmán que es de fabricación caprichosa y fantástica.. **Fiesta barbara de naturalismo agrio y doloroso.** Não vemos razão de ser nesta classificação, pois que não encontramos no livro de Lara nada arbitrário, forçado, que escape dos domínios da realidade cotidiana.

É certo que aqui e ali, nalgumas passagens da primeira parte, ressaltam ligeiros vestígios naturalistas onde o telúrico chega a prevalecer sobre o social, que logo desaparecem na segunda parte, absorvidos por um autêntico realismo dos nossos dias. Possivelmente, as conclusões político-filosóficas a que arriba Lara, não satisfazem à estrutura ideológica de Juzmán. Eis a razão por que este não pode conceber e muito menos admitir que Huáscar, um índio que mercê dos desmedidos sacrifícios de seus pais, servos da tirania feudal existente em Bolívia (7º), consiga quebrar as avitas grilhetas e transformar-se num lutador de vanguarda que advoga pela emancipação da sua raça.

Tampouco admite o autor citado que Vinvela, a filha dos amos dos pais de Huáscar, acabe por apaixonar-se por ele, e ouse romper com a sociedade a que pertence, abandonando o marido, diplomático, para seguir aquele índio proscrito como comunista.

Este acontecimento, tal e qual está exposto no romance, não é descabido em literatura, não obstante representa uma atitude pouco comum entre os elementos da burguesia. Já Ehreburg, antes de Lara, havia tratado em "A Queda de Paris" um tema similar. Claro que o ambiente em que se desenvolve a ação do romance do escritor soviético, é mais propício do que o da rotineira Bolívia.

Além de ser uma fiel pintura da vida indígena. "Surumi" é também um romance de tese que tende a desentorpecer e a ampliar o processo intelectual de América, a abrir novos caminhos à ficção realista. O espírito de Barbusse está presente. Como este durante a 1ª. grande guerra, Lara foi um combatente da guerra do Chaco, uma guerra entre Bolívia e Paraguai, desencadeada e movida pelos cordelinhos dos agentes do imperialismo, que arrancó de sus hogares — escreveu Alicia Ortiz (8º) — a todo el pueblo llevándosele lejos de sus tierras nativas sin saber para qué ni por qué, a morir de hambre, de sed, de enfermedades desconocidas en un clima extraño, entre selvas impenetrables jamás vis-

(6º) Libreria Editorial "Juventud" — La Paz

(7º) Duvidamos do que diz Augusto Juzmán em "La Novela en Bolívia" sobre a Reforma Agrária. Não cremos nas reformas a meias — como será, provavelmente, a de Paz Estensório o exemplo de Perón, na Argentina, é ainda bastante ilustrativo...

(8º) "Amanecer en Bolívia" — Editorial Hemisfério — Bs. As.

tas por el hombre del altiplano. Nessa guerra aprendeu a conhecer as forças ocultas que dirigem os conflitos armados e arvoram, como bandeiras, os nomes de Deus e da Pátria.

Em "Surumi", por intermédio de Huáscar e outros ex-combatentes, Lara lança o anátema de guerra à guerra, ciente de que los militares no conocen ni sientem los problemas sociales.

"Inakunda" (9º), o seu segundo romance quíchua, é sob todos os aspectos uma obra mais homogénea, superiormente realizada, um dos maiores romances americanos que, no género, só encontra paralelo em "El mundo es Ancho y Ajeno", de Ciro Alegria.

Como este escritor peruano, Jesús Lara dá-nos uma ampla radiografia da vida primitiva do indígena, uma descrição profunda dos miseráveis descendentes dos altivos índios de outrora, e quem os conquistadores despojaram da terra e da liberdade. Há algo porém, que os diferencia. Em Alegria, não obstante a abundância de pormenores com que nos apresenta o índio, é a terra nas suas dimensões físicas, o personagem central; em Lara, apesar de sentir-se presente a paisagem rústica dos aglomerados indígenas, é o homem que sobressai e se impõe.

O livro de Alegria está cheio de valores simbólicos. o de Lara des-terra o simbolismo, repele a alegoria para se aproximar em linha recta do realismo socialista.

Em "Inakunda", mais amplamente do que em "Surumi", o autor vai substituindo dentro dos limites verídicos da paisagem humana e política do índio boliviano, o telúrico pelo social.

Além de realista, é o autor um verdadeiro psicólogo do carácter índio, que sabe fundir numa só peça essas duas qualidades do seu talento. Wayra, a garota índia vendida a uns cholos enriquecidos, pela própria mãe, num transe difícil, está perfeitamente delineada numa factura humana difícil de ultrapassar, quando não de igualar.

El niño indio — como nos diz o autor — siempre fué una mercancía fácilmente negociable, aunque muy mal cotizada. Por isso los gnapaj-kuna que se entendian muy bien entre ellos e formaban una casta solidaria y terrible, compravam garotos indígenas de ambos os sexos, que haviam de servi-los pela vida fora como escravos. Foi assim que Doña Elota y Encarno, duas das figuras mais repelentes que perpassam pelas páginas do romance, adquiriram Wayra. Esta, como todas as suas irmãs de raça a quem foi dado idêntico destino, não é mais do que uma máquina de trabalho, uma besta de carga e um instrumento de prazer. A mesma ou parecida sorte cabe aos homens: servir o amo, mestiço, ou branco, prestar-se humildemente sem qualquer protesto, a não ser a das lágrimas inúteis, a todos os flagelos.

As figuras humanas de "Inakunda" parecem transcender os limites da ficção, e projectarem-se na vida real donde foram arrancadas. De princípio a fim, os romances de Lara são uma acusação evidente

(9º) Editorial Los Amigos del Libro — Cochabamba.



Menino dormindo — xilogravura de Hugo Mund Jr.

"RÍO, 40 GRÁUS"

Devemos começar confessando com franqueza que, apesar de toda a imensa propaganda — ou quem sabe precisamente por causa dela, desconfiados que somos por natureza — fomos ver "Rio, 40 graus" sem acreditar muito no filme. Duvidávamos das tão apregoadas e excepcionais qualidades. Sabíamos que deveria ter alguma coisa de bom, talvez mesmo um esforço sincero, uma grande dose de boa intensão, etc. e tal. Se não qual o motivo da fúria do senhor coronel contra êle ?

O filme nos surpreendeu agradavelmente. Foi além de toda a expectativa — por mais otimista que tivesse sido ela. Temos amigos que foram esperando muito do filme, acreditando piamente nele — e ainda assim saíram de lá entusiasmados, tendo o filme confirmado e ultrapassado mesmo as expectativas. Atestado cabal de que a obra de Nelson Pereira dos Santos é realmente boa. É um filme que honra qualquer cinematografia de qualquer parte do mundo. É um filme — um dos únicos feitos no Brasil — que pode ser estudado como cinema. Sem relativismo. Sem que se precise dizer, como com muitos outros que por aí andam: "para filme brasileiro é bom". Não ! O Filme de Nelson Pereira dos Santos é bom como cinema. Defeitos ? Certamente os possuirá. Mas desaparecem diante dos valores positivos da obra.

Realização limpa, honesta, feita com extrema seriedade, por uma equipe que sabia o que queria. Sente-se em todo o desenrolar do filme que as lutas devem ter sido medonhas. Falta de dinheiro, falta de equipamento técnico adequado, dificuldades de toda a espécie. Diante disto a unidade de tom conseguida, a qualidade da imagem, foi um verdadeiro milagre. E mais uma vez concluímos que, acima do aparelhamento técnico, é preciso um tema, é necessária uma boa equipe e um realizador de pulso, que tenha o que dizer e saiba como dizê-lo. Porque acacionamente poderemos concluir que a máquina, por melhor que seja, por si só nada faz. Enquanto que com equipamento mais do que precário, os italianos, para citar um exemplo recente, nos deram grandes obras primas.

O que será, no entretanto, que nos prende ao filme. É a sua história humana, a visão daquele mundo, a maneira inteligente, por vezes sutil, como tudo aquilo nos é apresentado, o estudo dos caracteres, a análise psicológica dos tipos, o entrelaçamento das diversas histórias que compõem o filme, cuja ligação é feita por intermédio dos vendedores de torrãozinho, naquele domingo de verão carioca. Tudo isto sim, tudo isto e muito mais. É a qualidade da visão, digamos assim, é ainda a simpatia e carinho com que é estudado o Rio, não só o Rio mas toda a população humilde da cidade, com os seus problemas, os seus dramas e as suas pequenas alegrias. Isto em

contraste com o tom satírico com que são vistos os granfinos e gozadores, a camada mais alta, a "elite".

Há cenas de uma poesia, de um lirismo nunca antes atingido pelo cinema brasileiro. Vale a pena insistir no pequeno vendedor de torrãozinho e sua amiguinha a lagartixa Catarina. Trecho verdadeiramente antológico, tudo se entrosando para dar uma unidade completa à sequência. A entrada no parque vedado, o medo infantil, a preocupação, a cata à lagartixa, depois o bichinho na mão e daí em diante o deslumbramento diante das maravilhas só agora entrevistas, até a mão no ombro, a perseguição, a quebra da magia e o ponta pé final. Outra sequência bem realizada é a da chegada do Bahiano, depois a descida com a namorada. Ou ainda a do preto velho tocando seu trombone e relembando o passado.

E ainda, com destaque especial, o corte da morte do pequeno vendedor de torrãozinho para o grito uníssono de "goal". E outros achados que valorizam grandemente o filme. Mas aceitamos que tudo isto não basta para se fazer um bom filme. Concordamos em que será necessário. Mas será imprescindível? Não basta. Um bom filme se compõe de tudo isto e mais alguma coisa. E é precisamente esta "alguma coisa" imponderável mas plena de humanidade e compreensão que torna o filme de Nelson Pereira dos Santos tão importante dentro da paupérrima filmografia brasileira.

Sim, notamos no filme a influência do moderno cinema realista italiano, em especial do realizador Luciano Emmer. E daí? Será isto um defeito tamanho? Qual já não dizemos o cinema, mas a arte, tão independente que não deva absolutamente nada a outra arte? Observe-se que dizemos influência no bom sentido, não cópia servil. Nelson transplantou para o Brasil, para a psicologia nacional e especificamente "carioca", um gênero de filme. E pouco ou nada ficou devendo ao original, visto ter utilizado material próprio. "Rio 40 graus", procura uma linguagem cinematográfica nacional.

O filme se situa dentro de uma linha que poderemos quase qualificar de "literária" — se o termo não nos parecesse dar uma idéia falsa para o que pretendemos. Desejamos nos referir a uma linha que vem de Manuel Antônio de Almeida, passando por Lima Barreto e tendo como seu representante atual Marques Rebêlo. É a dos autores que estudam o Rio e mais especificamente uma determinada camada da população carioca, a da classe mais pobre, a humanidade comum, normal, dos afazeres do dia a dia, que forma a grande maioria, não os esnobes nem os granfinos que deturpam a fisionomia e a característica tão particular da cidade. Miro, por exemplo, é um personagem que descende em linha direta daquele Teixerinha do romance **Marafa**, de Marques Rebêlo. Apenas vivendo em

outras situações, com outros problemas e uma definida consciência de classe, como bem o demonstra a cena final com o Bahiano.

Dentro dessa linha só conhecemos um outro filme brasileiro: queremos nos referir a "Aguilha no Palheiro", de Alex Viány. Estranhamos mesmo que os nossos críticos, ao estudarem "Rio, 40 graus", não tenham feito uma aproximação entre as duas obras, pois não obstante as divergências de tratamento, não nos parecem poucos os pontos de contacto entre ambas.

"Rio, 40 graus" é um filme que nos mostra um Brasil verídico em seus múltiplos aspectos, com os seus problemas, as suas lutas, os seus desesperos e as suas esperanças. É um filme que, dentro da melhor linha realista, não falseia a verdade, não põe "panos quentes", pelo contrário procura mostrá-la, apresentá-la, discutí-la. Além de um filme artisticamente bom, esteticamente bem realizado, é um filme de combate, o que vem valorizá-lo.

Só mostrando os problemas, debatendo-os e estudando-os é que poderemos solucioná-los. Nem me venham dizer que arte não é para isto. Então para que será? Para deleite de meia dúzia de burgueses entediados é que não será! Já Leonardo da Vinci dizia que "quando a arte cansa de ser útil é porque está morta".

Mentalidades deformadas viram no filme não sabemos que in-críveis intensões. Outros acharam que "fica feio" mostrar o que temos de máu, o tão grave problema das favelas. Quer dizer, existir não fica feio, fica feio é mostrar que o problema existe. Vamos escondê-lo e pronto. Depois disto poderemos dormir em paz, consciências tranquilas. E há mesmo os que reclamam porque o filme só nos mostra "pobreza" e "negralhada de morro". Aspectos negativos de nossa civilização. Deveriam ser mostrados também os pontos positivos. Quais? Copacabana, buates, café soçaity, etc. Paciência! Para estes não há o que retrucar. Não adiantará mostrar a solidariedade entre os pobres, o desejo de melhoria, a luta silenciosa e constante...

"Rio, 40 graus" pode ser considerada a nossa melhor obra cinematográfica. Pelo tema, pelo conteúdo positivo, pela sinceridade da realização, pela autenticidade de seus tipos humanos, pela visão que nos dá de um Rio que todos conhecem, nada cocacolizado, mas pleno de problemas e potencialidade criadora. E mais ainda pela honestidade com que foi realizado, pela interpretação, onde num conjunto homogêneo se destacam, de modo especial, pela sinceridade e naturalidade interpretativa e plena de espontaneidade, os pequeninos vendedores de torrãozinho. De todos eles, atores profissionais ou populares, escolhido nos locais de filmagem o diretor soube extrair o melhor, transportando para a tela uma humanidade vivida, não bonecos.

É enfim um filme que horaria qualquer cinematografia, podendo

ser apresentado no exterior sem que dê motivos para que o povo brasileiro se envergonhe. Pelo contrário.

Só esperamos que o diretor prossiga. E dentro da mesma linha que se traçou neste primeiro filme. Procurando, por outro lado, apurar-se mais, despojar-se de um certo primitivismo, de um certo tom doutrinário, primário (exemplos: o exagerado do suplente de deputado e o encontro dos dois ex-grevistas, que não consegue vencer, psicologicamente falho, vindo como veio sem preparação prévia adequada, e tendo por conseguinte efeito contrário ao desejado). A nosso ver, o mais certo é quando a imagem conta tudo, diz tudo, vindo as coisas naturalmente e naturalmente se fixando no espírito do espectador, fazendo-o pensar, sem que seja necessária a insistência do realizador em procurá-lo a ver de determinada maneira. Se fazemos tais restrições é porque acreditamos em Nelson Pereira dos Santos. Pois agora já é grande a sua responsabilidade perante todos os que acreditamos nele. Todos os que queremos ver um cinema nacional, e popular ligado aos problemas nacionais, mostrando lá fora os problemas, as lutas, vitórias e conquistas do povo brasileiro. O que só será possível com obras do quilate deste "Rio, 40 graus".

S. M.



E. Meyer Filho

MÚSICA ETERNA

O "jazz" surgiu em New Orleans, quando o "ragtime" deixou de ser "ragtime" para adquirir nova forma. Aí nasceu o "jazz", embora esta expressão só tenha sido empregada em Chicago, por volta de 1915, recebendo u'a imensa contribuição das chamadas "work songs", "spirituals", "blues", a nova expressão musical continuou com o mesmo marcante sentido social, sempre presente em suas antecessoras.

Acostumado desde cedo a narrar sua história e seus costumes em música, o negro, ao ser transportado para a América, trouxe consigo imensa e espetacular bagagem musical, e começou imediatamente a aplicá-la durante as duras horas do cativeiro.

"Proibidos de falar, cantaram. Cantando, começaram a se comunicar uns com os outros. Todo um código vocal nasceu dessa limitação da necessidade de falar, hoje perdido, mas cuja história chega até nós. Foi este um dos primeiros sinais de revolta que nunca mais abandonaria o povo dos Estados Unidos" (1)

A iniciação nos mistérios da religião coincidiu com a assimilação dos primeiros rudimentos de inglês. Profundamente impressionável, o negro adaptou ao vasto cabedal musical os textos sacros recém aprendidos. Em virtude da sua temática, estas canções receberam o nome de "spirituals", e traduziam sempre ansiosos de ordem coletiva. Corriam de boca em boca, e nêles o africano encontrava lenitivo para as desgraças terrenas e retemperava suas esperanças no mundo de igualdade e justiça, prometido pela Bíblia.

Com o decorrer do tempo, o negro alargou sua noção das coisas, aumentando também o seu sentimento de revolta. O "spiritual" já não satisfazia, pois o escravo necessitava cantar toda a tremenda desigualdade que havia entre êle e o homem branco. Crescia a sua compreensão sobre liberdade e amor, e nasceu o "blues". Ainda que mais bem cuidado que as expressões anteriores, o "blues" guarda toda a grandiosa simplicidade da música africana, e, provavelmente, foi em seus "breaks" que o negro teve oportunidade para as primeiras improvisações, característica fundamental do "jazz".

No final do século passado, nas cidades de Saint Louis e Sedália, surgiu novo ritmo — "ragtime" — que se difundiu por todo o sul dos Estados Unidos. Originalmente criado para o baújo, mais tarde foi transportado para o piano, e nêle foi encontrada uma das primeiras oportunidades para criação do jazz, pelos músicos de New Orleans.

"Sim, por muito tempo os negros tocaram "ragtime" e, algumas vezes, nem isso. Tocavam — num estilo próprio — qualquer melodia que ouviam. Aos poucos, porém, a música que executavam sofreu metamorfoses, tomou características novas, transformou-se no jazz. Des-

(1) Vinicius de Moraes, Marili e Nessuhi Ertegun: O Jazz — sua origem Revista Sombra — Setembro de 1951

sa forma, peças como *High Society*, *Maryland*, *Panamá*, foram marchas, *Tiger Rag*, foi uma quadrilha, *Frankie and Albert*, uma balada, *Joshua fit the battle of Jericho*, um "spiritual", *Maple leaf rag*, um "ragtime", passaram a ser jazz, e até mesmo marchas fúnebres (enterros acompanhados de música ainda hoje estão em uso em New Orleans), serviram como material temático para criação daquela nova mensagem musical dos afro-americanos" (2)

Obrigados a emigrar de New Orleans para Chicago, face ao fechamento das casas noturnas daquela cidade, nesta última o jazz começou a sofrer suas primeiras deturpações. Surgiu a época do "swing" e muitos dos melhores músicos da escola de New Orleans morreram na miséria. Outros, para conseguirem ganhar a vida, foram forçados a adotar ofícios modestos. Em Chicago, o jazz perdeu a sua mais bela qualidade: a improvisação coletiva. Criaram-se as grandes orquestras.

"Jazz, como aliás toda música folclórica, é emocional. É saída do coração. Improvisada em forma é altamente individual, até quando a expressão completa da liberdade é permitida, limitada somente pelo contraponto tripartido e a fundação rítmica. Inspiração, espontaneidade, exuberância, distribuição, são todas qualidades axiomáticas no jazz. Uma vez que o número ideal de seis ou sete músicos é aumentado com a inclusão de um instrumento de leitura, passagens anteriormente estabelecidas, os arranjos estereotipados tornam-se indispensáveis (se a obediência tem que ser preservada); espontaneidade e oportunidade para improvisação desaparecem — e o espírito do jazz está perdido" (3)

Realmente, este espírito está perdido. O músico dos nossos dias atua conformado, esmagado pelo peso das inibições, desconhecendo o papel que representa na sociedade. Ao contrário dos músicos que encheram as noites de New Orleans, o contemporâneo vive indeciso, não transmitindo mensagem alguma, esquecendo a sua qualidade de artista e, por conseguinte, a sua missão criadora. Dirão que o jazz está morto. Engano: música que vem do povo, do seio do povo, esta nunca morre. Realmente, já foi maior a aceitação do jazz, isto por volta de 1918. Talvez a humanidade, aterrorizada com os quadros da 1.ª Guerra Mundial, sentisse melhor a lição de luta e fé, que o negro transmitia.

Hoje, pouca gente escuta jazz e dizem que passou de moda. Não vamos culpá-lo pela sua pouca receptividade atual. Culpemos o homem de hoje, que já não tem sensibilidade suficiente para sentir e compreender a mensagem musical do seu irmão de cor.

Blumenau, Abril de 1956

A. Boos Jr.

(2) Sérgio Porto — Pequena História do Jazz — Rio de Janeiro, 1953

(3) Rex Harris — Jazz — Londres, 1952

OURO PRETO, DJANIRA E EU

Arnaldo Brandão

Sigo para Ouro Preto. Pouco me importa o ronco do motor, tão pouco os balanços que o avião dá ao se aproximar do aeroporto de Belo Horizonte. Sigo para Ouro Preto. Não me incomoda a poeira vermelha da velha estrada de Itabirito, nem o ônibus superlotado que leva três pessoas em cada banco de dois.

Sigo para Ouro Preto e é Quinta-feira Santa. Noite de luar transformando em cones de alumínio as encarunchadas tórreres das 17 igrejas. Piso antigas pedras e me encaminho pelas ruelas estreitas, demasiadamente estreitas, subindo e descendo ladeiras que quase nos arrebentam com o coração.

A casa dos amigos é velha. Uma sala caiada de branco. Mesa de tampo encerado, um casco de tatú repleto de bananas e abacates. Telas pelas paredes. Algumas sem molduras, outras sem ao menos os chassis. A noite avança e se introduz pela sexta-feira Santa. A conversa é animada. Todos querem falar ao mesmo tempo. Uns conhecem melhor do que os outros a consagrada história de Ouro Preto. Prepara-se o programa. Não está cômodo. Troca-se a ordem das visitas às igrejas. Todos concordam agora e a conversa continua. Vem o primeiro café, o segundo e mais um terceiro. O cinzeiro de pedra sabão já se encontra abarrotado. Trazem outro de ferro retorcido. Em pouco tempo também fica cheio.

Djanira é quem mais fala. Tem assunto para uma noite inteira. Fala da sua pintura, de suas telas, em suma da sua arte em que procura melhor retratar o Brasil.

— Estou relendo a história pátria. Tim-tim por tim-tim, relata-nos ela. Quero que a minha pintura tenha alma brasileira, seja nossa e concentre em suas tintas todo o espírito da terra...

Fala-nos do prêmio que recebeu e da viagem pelo país. O trabalho imenso e a desgraça sucedida em seu regresso da Bahia, quando um curto circuito incendeia o caminhão e com êle queimam-se tôdas as telas, em um montante de cinqüenta ou mais.

Quase chora ao relembrar a tragédia. É cora-

josa e de memória procura recompor alguns dos trabalhos incinerados, valendo-se de fotografias.

— Conheço bem o Salim Miguel — prossegue ela com sua maneira característica de falar, fixando e analisando detalhadamente a fisionomia da gente. — Também leio sempre a revista "SUL"... Gostaria de dar uma entrevista para ela, aliás que não fôsse bem uma entrevista e que tivesse uma outra feição, onde pudesse falar amplamente sobre a arte e explanar, o melhor possível, a pintura hodierna. Falar livremente, dizer o que é necessário e o que se impõe para que a pintura se coloque no seu verdadeiro lugar...

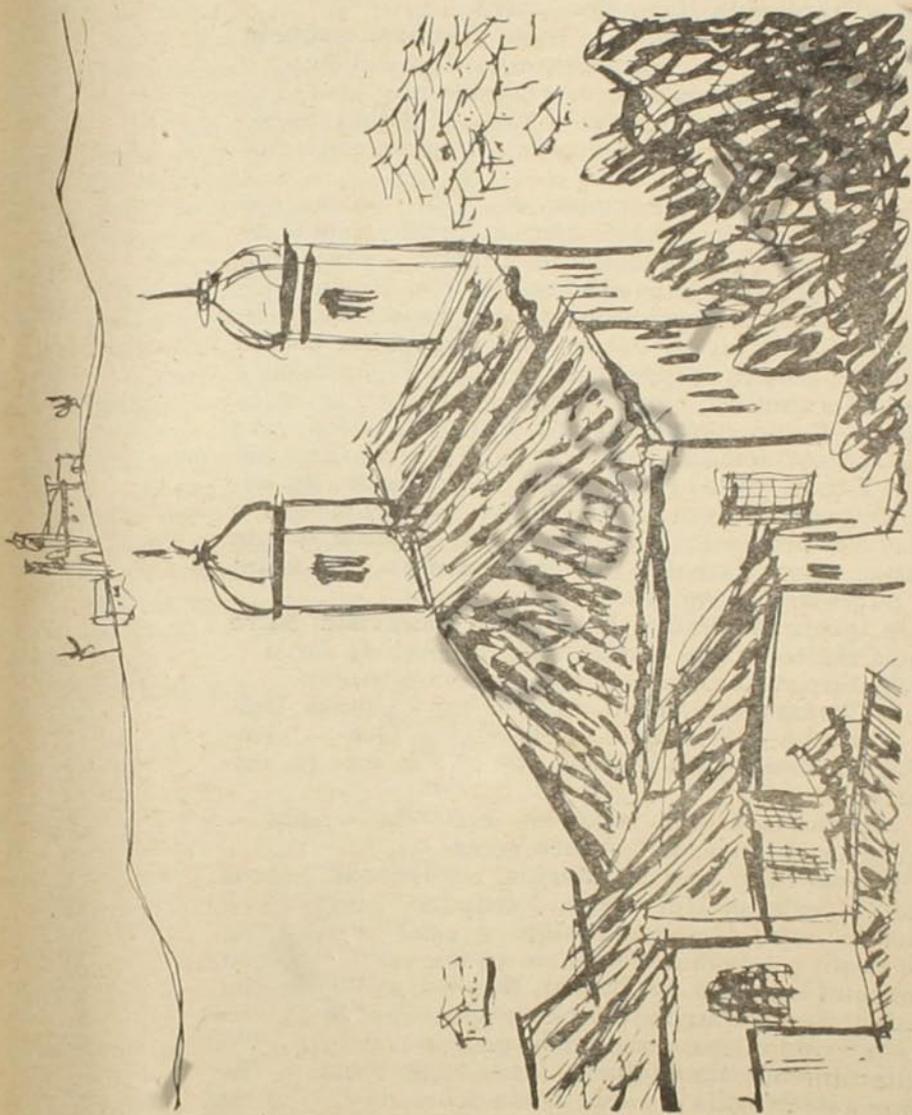
Djanira é quem mais fuma. Um cigarro aceso no outro. Pouco lhe importa que seja Hollywood ou Continental. Sua fisionomia, por vèzes, se torna séria, exageradamente cerrada. Temos a impressão que a pintora vai atacar alguma coisa. Daí a pouco, tudo se dissolve em um sorriso amigo e carinhoso. Djanira volta a falar. Os cabelos caem-lhe displiscentemente sobre os ombros. Rara ou nenhuma pintura. Blusa preta e insignificante colar de coral. Uma pulseira de prata. Pesada e antiga jóia de valor. No mais, é a simplicidade. É a mulher inteligente e viajada. É a artista segura de sua arte. É a Djanira das telas vivas e bem brasileiras.

— Quando desci no aeroporto de Moscou — conta-nos ela, fitando-nos a todos com lentidão, como se tivesse recolhendo, de cada fisionomia, as diferentes expressões de admiração. — Quando desci em Moscou, fui recebida por um cavalheiro que me disse em perfeito português: "sabemos que a senhora é uma pintora e que tem seu nome feito no Brasil... Mas aqui quase não terá o que ver nesse setor... Cuidavamos de outras coisas. Tínhamos negócios mais urgentes para tratar..."

Escutamos atentos a descrição do ballet "A Rosa Vermelha". Djanira é bem humorada e nos conta passagens alegres de sua estada na União Soviética. Depois vem a paisagem de Praga e de Budapest. De Varsóvia, e de Corcóvia.

O regresso a Paris, à Itália e a Espanha. Finalmente os Estados Unidos e sua 1^a. exposição no estrangeiro.

Duas horas da madrugada. Já é Sexta-feira San-



Igreja de Ouro Preto — desenho de Luiz Erasmo de Moreira

ta. O grupo se desfaz. Alguns vão dormir, outros preferem jogar buraco, entre êsses, Djanira.

Manhã de sol, de ar e céu azul. A natureza parece alegre. Melhor do que ninguém sabe compreender a finalidade da maior paixão.

Eramos dois amigos, e mais Djanira, naquela manhã cheia de luz. Pelo caminho apreciávamos a paisagem e as ruínas meio escondidas na vegetação. Princípios pela igreja de Santa Efigênia. Enéas é filho da terra e melhor do que ninguém para nos dar explicações:

— Nos tempos do apogeu de Ouro Preto, um rei africano que foi trazido para o Brasil, depois de trabalhar muito e conseguir a alforria, reuniu um grupo de africanos provenientes da sua aldeia. Trabalhou muito e conseguiu também para eles a liberdade. Construíram então uma pequenina capela dedicada à Santa Efigênia. A capela avolumou-se e se transformou em pouco tempo em uma artística igreja. — Como conseguiram o dinheiro?! Retorquiu Enéas entusiasmado. Essa é a parte mais bela da lenda. E nos conta: Nas tardes de procissão, as negras empoavam com ouro em pó as carapinhas e depois da procissão terminada, iam sacudir diante do altar, o ouro trazido em suas cabeças. Foi assim que a igreja se levantou.

A igreja do Padre Faria fica encravada entre colinas muito verdes e muros de minério de ferro.

Djanira olha para a igreja com orgulho:

— Tenho um quadro dela, lá nos Estados Unidos. Foi uma das minhas melhores criações... Gesticulando, descreve a pintura com um acervo de expressões:

—O fundo é todo verde e— no meio da tela — a igreja branca, tão branca como se vê aí...

Depois foi a casa de Marília, ou melhor, o local onde ela existiu. Um crime, Verdadeiro atentado à nossa história, terem demolido a casa de Marília, bem como o péssimo estado de conservação em que se encontra a casa de Dirceu. Não sei a quem cabe a culpa. Se ao Patrimônio ou ao Governo de Minas. O fato é que a nossa mais bela página romântica está literalmente abandonada. Nada mais resta da residência de Marília e o que ainda sobra da de Tomaz Antonio Gonzaga, é melhor silenciar.

Desencorajei-me até de visitar a casa onde se

reuniam os inconfidentes. Não desejava mais me revoltar. O museu de Ouro Preto é digno de louvores. O Panteon é simples, porém infunde respeito. Obras do Aleijadinho espalhadas pelos quatro cantos. A igreja de São Francisco com o pórtico em pedra sabão, uma das mais notáveis obras do escultor pátrio. A igreja do Carmo e a suntuosa igreja do Pilar. Tenho para mim que estas são as principais igrejas de Ouro Preto e que se salientam entre as demais.

Ouro Preto vive, na Semana Santa, a sua maior festa. A cidade comumente tão triste e tão sonolenta, se alegra e se movimenta nesses dias de luto, em que até as grandes capitais se transformam, para recordar a morte do Senhor.

Deixei Ouro Preto em plela Aleluia. Segunda-feira, Djanira começaria a pintar. No momento trabalhava mentalmente, conforme explicara. Estava se inspirando, acumulando material.

Na paisagem que o trem vai deixando para trás, desfilam as dezessete igrejas. Tôdas muito brancas e pesadonas. Algumas alcandoradas pelas colinas, outras miraculosamente erguidas nas depressões.

O casaria macambúzio e as ladeiras que nos acabam com o coração. Uma curva de eucalíptos e a cortina verde sôbre a cidade dos conjurados. O apito do trem, o estalar das rodas de encontro aos trilhos luzidios que nos puxavam, puxavam para Juiz de Fora.

Rio, 2-4-56.

reuniam os inconfidentes. Não desejava mais me re-
voltar. O museu de Ouro Preto é digno de louvores.
O Panteon é simples, porém infunde respeito. Obras
do Aleijadinho espalhadas pelos quatro cantos. A
igreja de São Francisco com o pórtico em pedra sa-
bão, uma das mais notáveis obras do escultor patri-
cio. A igreja do Carmo e a suntuosa igreja do Pilar.
Tenho para mim que estas são as principais igrejas
de Ouro Preto e que se salientam entre as demais.

Ouro Preto vive, na Semana Santa, a sua maior
festa. A cidade comumente tão triste e tão sonolenta,
se alegra e se movimenta nesses dias de luto, em
que até as grandes capitais se transformam, para re-
memorar a morte do Senhor.

Deixei Ouro Preto em plela Aleluia. Segunda-
feira, Djanira começaria a pintar. No momento tra-
balhava mentalmente, conforme explicara. Estava se
inspirando, acumulando material.

Na paisagem que o trem vai deixando para trás,
desfilam as dezessete igrejas. Tôdas muito brancas
e pesadonas. Algumas alcandoradas pelas colinas, ou-
tras miraculosamente erguidas nas depressões.

O casaria macambúzio e as ladeiras que nos aca-
bam com o coração. Uma curva de eucalíptos e a
cortina verde sôbre a cidade dos conjurados. O api-
to do trem, o estalar das rodas de encontro aos tri-
lhos luzidios que nos puxavam, puxavam para Juiz
de Fora.

Rio, 2-4-56.

M A R

Anibal Nunes Pires e
Walmor Cardoso da Silva

A concha leve, azul no mar.
Leva os sons do meu silêncio
Para o mar de onda em onda.
No mar, onde mora o silêncio?

Gosto de sal em minha boca, o vento
Geme em meus ouvidos, o azul
Do céu é solidão e abandono.
Solução única naufrágio?

Navegar a noite em oceanos
No agora, longe. Sempre.
Que estrêla será meu pôrto?

Ouvirei conchas caramujos e algas
De longe em longe uma luz
Indecisa, fraca morre no mar.

EXERCÍCIO POÉTICO

Os três sonetos que aí ficam, como os leitores tiveram oportunidade de notar, trazem, além de título idêntico, uma repetição de versos que os ligam entre si.

Podemos classificar êstes sonetos, como o resultado de um exercício poético praticado por Anibal Nunes Pires e Walmor Cardoso da Silva. Por que? Explicarei.

Estávamos os três sentados num bar, numa noite do começo deste ano, a conversar sobre poesia, coisa que frequentemente fazemos. Eu já presenciara anteriormente os dois poetas criarem um poema em conjunto, sem que um visse os versos do outro, e que êsse mesmo poema saíra perfeitamente coordenado no tema. Sugerí que fôsse feito outro poema no estilo, no momento em que Walmor recordava um exercício idêntico quando da estada nesta cidade do Délio Frota Escobar.

Escolhido o título, puzeram-se a trabalhar. Coube ao Walmor escrever o primeiro verso, seguindo-se a vez do Anibal, intercalando-se assim até o final.

O soneto saiu bom, como os leitores podem ver. Depois, por sugestão do Anibal, cada qual copiou os seus próprios versos, deixando em branco os espaços dos outros, para em casa criarem um novo soneto cada um, usando os versos já feitos.

Agora aqui estão os três sonetos prontos. O resultado de um exercício interessante e proveitoso pois dá oportunidade de que se estude o estilo de cada poeta, e as relações que existem entre cada estilo. Quanto a mim, foi uma experiência sumamente agradável e interessante, pois tive oportunidade de observar as reações de ambos em relação aos versos criados. Havia sempre um comentário ou uma crítica feita a cada verso escrito. Era, de certa maneira, uma aula de poesia em que não havia nem aluno nem professor, mas onde cada um ensinava e aprendia do outro.

Considero êste exercício poético bastante útil e que deveria ser seguido por outros poetas, se é que êles também já não o fazem.

E. J.

M A R

Anibal Nunes Pires

Búzio rosa branco no mar
Leva os sons do meu silêncio,
Risos e ternura de infância morta.
No mar, onde mora o silêncio ?

O vento desalinha os meus cabelos
E geme em meus ouvidos, o azul
Foi, cinza e negro sôbre o mar.
Solução única naufrágio ?

Para o fundo, ouvirei os búzios
No agora, longe. Sempre.
Areia rente, profundamente

Ouvirei conchas caramujos e algas.
Na superfície, a última bôlha de ar
Indecisa fraca morre no mar.

M A R

Walmor Cardoso da Silva

A concha, leve, azul no mar
Ilha perdida que leva
Para o mar de onda em onda
Que histórias de meu pensar ?

Gôsto de sal em minha bôca, o vento
Ponteia vozes, a nuvem branca
Do céu é solidão e abandono
Aragem vai para o meu pensar ?

Navegar a noite em oceanos
Entre distâncias sem bússolas
Que estrêla será meu pôrto?

Olhos marítimos procuram
De longe em longe uma luz
Rumo de novas descobertas.

ESPIRITUAL BRANCO

Colbert Malheiros

Senhor, que estais em tôda a parte,
na cúpola dos templos
e na vasa do esgôto,
Senhor, nada mais sou que um pobre ignorante
de vossos tremendíssimos mistérios,
porém tenho, Senhor, um pequenino,
um pobre e humano cérebro,
e também um estômago,
ó Senhor, um estômago
que trabalha, trabalha
e que há falta de pão
— Senhor, isso é terrível! —
digere minha vida
e vossa obra, Senhor!

E, por isso, Senhor, diante de uma
de vossas muitas faces,
ergo neste momento, na ânsia desta fome,
ante vosso altar de ouro,
a minha imprecação.

Senhor, porque fazeis abater os rebanhos
de bois e de carneiros,
amontoando nas valas podrideiros de carnes,
de ossos e de velos,
para a gula das chamas que o petróleo desperta,
quando há pelas vielas
penumbrosas do mundo,
tanto ventre vasio,
e tanta pele nua vergastada de inverno?

Senhor, porque creais na calada das noites,
himalaias de grãos, na terra de ninguém,
e logo os transformais em montanhas de fogo,
quando há pelo mundo tanto braço sem fôrça,
tanta bôca sem pão?

Senhor, porque fazeis crepitantes brazeiros
de areais de café,
toldando o claro céu com o fumo acre do crime,
quando mesmo no país das selvas-cafesais
há milhares de choças onde se engana a vida
com o ersatz chibeu?

Senhor, porque deitais à corrente dos rios,
depois de envenenados com a peçonha da nafta,
os belos pomos de ouro e de aurora do sol,
quando, mesmo nas margens pensativas dos rios,
há boquinhas, ansiando pela polpa dos frutos
e olhinhos infantís que fuzilam de angustia ?

Ó, dissei-me, Senhor: — os produtos da terra
não são filhos do suor, que a humidece e fecunda ?
Nunca vistes, Senhor, o luar de agonia
nos olhos de uma rês levada ao matadouro ?
O direito de alguém matá-la e espostejá-la
só não se justifica
pela fome dos homens ?
E os pomos que o sol doura e que ao rio atirais
depois de envenená-los
para que os não devorem nem os peixes das águas
nem as aves do céu,
não são, Senhor, açúcar
para as vidas amargas ?

Senhor, vós que apontais a porta das masmorras
aos pobres sonhadores de um mundo de fartura
e aos que tentam podar as mãos incendiárias
e os acusais do crime maior dos mais vís crimes,
o da destruição
de Carne, Pão e Vinho,
não sois vós, vós Senhor, o flagelo da terra,
o Grande Destruidor ?

Ó, Senhor das misérias e das dôres dos homens,
por quanto tempo ainda reinareis sôbre a fome
e a angústia do mundo ?

POEMINHA TRISTE

Elizabeth Gallotti

Eu tenho um gatinho.
Se chama Juquinha
e reclama da vida
na frente da porta fechada.
Pra êle a vida ruim
é feita de portas
fechadas — tôdas
por homens malvados.
Nem sabe o Juquinha
que não só pra êle
se fecham as portas.
Que a vida da gente
não presta não presta
e é porta e é porta
fechada fechada.
Que nunca tem fim

março 55

HÁ UMA VOZ QUE CLAMA NA NOITE

Eglê Malheiros

O silêncio barulhento de mil pequenos ruídos
Vestido de negro trouxe fantasmas consigo,
Há um pouco de medo em cada claridade
E tudo, pequeno ou grande, tem jeito de imensidão.
Da noite sem lua, sem estrêlas,
Sem namorados a passear,
Vem uma voz que pode ser a minha
Mas que é a de todos nós,
Começa num gemido
Termina num clamor,
É a voz de gerações passadas,
De todos que esperaram
E tentaram realizar,
É a amargura
De tôda a mocidade
Que quer viver, sentir, amar,
Fazer um mundo que é todo seu
Mas tem a energia hipotecada
Aos que monopolizaram a vida;
É o grito desesperado
Dos que sentem no viver
A amputação contínua
De tudo que é luta, que é bom, que é amor;
É o grito dos sem pão, sem terra,
Sem letras e sem sonhar;
É o grito dos vagabundos, dos "nada",
É o grito da infância
Que não pode brincar.
É uma voz que clama na noite,
Que nos envolve, que nos dilue,
Não é doce nem suave
É magnífica e linda, em seu horror;
Tem a margura da meiguice falhada
E ódio para os que negaram amor
E ao mesmo tempo é suave e bela,
Alegre, encoraja e consola
Porque a voz que clama na noite
Tem por eco a AURORA.

1948

PESCADORES

Costa Mendes

Oíço toadas
Na brandura das coisas mansas
Ecos
Risos de esperanças...
Para além das alegrias
Que se disparam
Uma a uma no mar que varre o convés
Ou no vento
Que nos leva os pensamentos

É um alvoroço de águas batidas pelo mar fora
Agitações perdidas em eflúvios dispersos
No fundo das ambições.
No reflexo da noite
Ficam espalhados por toda a parte
Os olhos dos pescadores

Ali
Escuta
Ouvem-se toadas
Das fainas que se agitam
E para além
Estão os dedos que palpitam
As vagas que se espraíam
Nas brisas que vêm de longe
Silenciosamente
Arejar estas canções
Envolvidas pelas redes puxadas do mar

E tudo confundido no mesmo impulso
Parte avulso
Com alma cheia de maré.

E SE DE REPENTE

Manuel Pinto

Para Marques Rebelo

Ah, mundo torto, imundo mundo,
em que somos e não somos,
estamos e não estamos!

Mundo de espuma, mundo de raiva,
de olhos ardendô e bocas fuzilando!

Mundo falso, desumano mundo,
de gritos em gume
e cobras no seio!

Mundo pulha, traiçoeiro mundo,
de pólvora aos montes
e nós na garganta!...

.....

Ah, e se de repente
do coração dos poetas saíssem
poemas como tiros em cheio
nos alvos em negro desta vida em branco?!...

Sertã — Portugal

EUCRUCIJADA, CASI UNA LEJANIA

Alberto Oscar Blasi

Nuestra ciudad del mar,
corazón de tormenta,
de secular espanto
Nuestra Señora de los ojos tibios.

Desnudeces de acuario,
música desnudada entre turbias ciudades,
sobre copas de bronce.
Nuestra Señora de los ojos tibios.

El dios de las tormentas reducido a lloviznas,
exacto corazón, ascua frutal,
rubí encendido por
Nuestra Señora de los ojos tibios

Fecundas escolleras que aguardan un requiebro
Esquina de presagio
Invitación del núcleo al espacio sin sombras
Puerto de recalada.
Nuestra Señora de los ojos tibios.

Transito elemental,
quebradero de espasmos
Maduro corazón
Nuestra Señora de los ojos frios.

CARTA A MAURICE UTRILLO

Querido pintor:

Yo estoy en deuda conmigo, porque usted y su arte están mucho más cerca de Dios que de mis palabras — Pero me debía a mí misma estas frases — Decir que ha muerto y que ya no se repetirán sus casas cerradas frente a una calle íntima.

Pero es que el mundo me lleva más lejos del color, del dolor, de la vida y de mí misma — Esta es una época de Cine. De ese Cine que un día entró en su casa y lo viene después a entregar a nosotros, nostálgicos de usted y del arte. De un Cine que a veces tiene gestos próximos a la profundidad del suyo, pero que tantas y tantas otras nos enreda en cacajes, abragos y vanalidades.

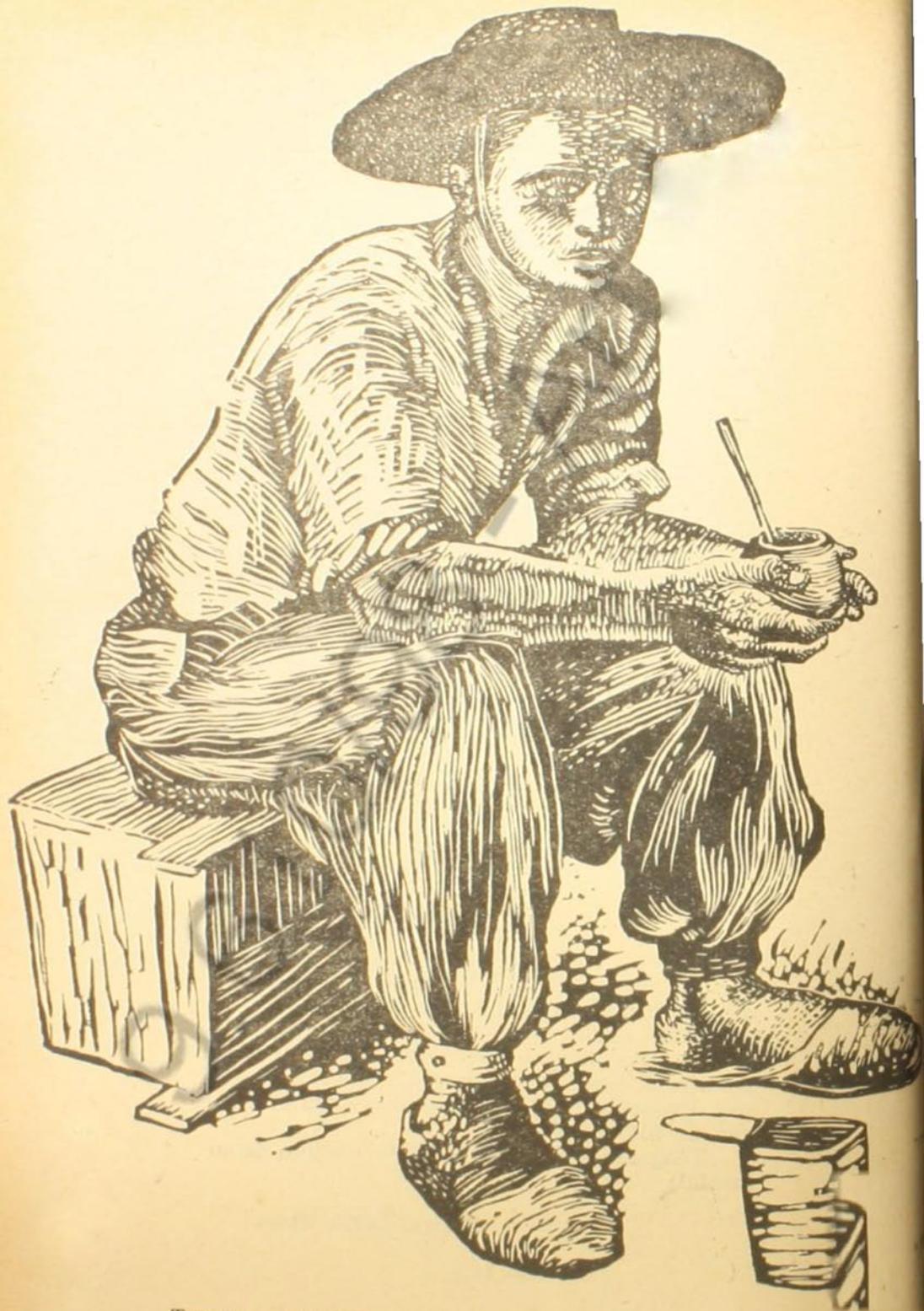
Yo pido perdón a sus ojos eternamente umedecidos y a sus rodillas que supieron posternarse ante la Virgem — A mí me asisten soberbias y pequeñas amarras.

Yo quiero agradecerle el poder ser libre alguna vez, gracias a sus cuadros, a la belleza de esas callecitas en las que no hay nunca miedo de encontrar importunos, donde se puede andar, feliz y concentrado, como en el mismo paraíso.

Así irá ahora usted de la mano de su celeste Suzanne Valadon, de la que conserva en el mundo la victoria de su V. personalísima, tan humana hasta la redención, tan exacta hasta la niebla. Yo quiero decirle que sus trechos y sus molinos, sus nieves y sus ramas, no se perderán en mí, que caminaré entre ellos hasta el día definitivo en que lo pierda a usted, pues no sueño en la esperanza de encontrarme en la atmósfera sideral que le ha acogido. Soy tan amarga al lado de su sed y su infancia perennes! Pequeña bujía que se alumbra sób al margen de sus cuadros!

Téngame, en el más pequeño madero de su escala!

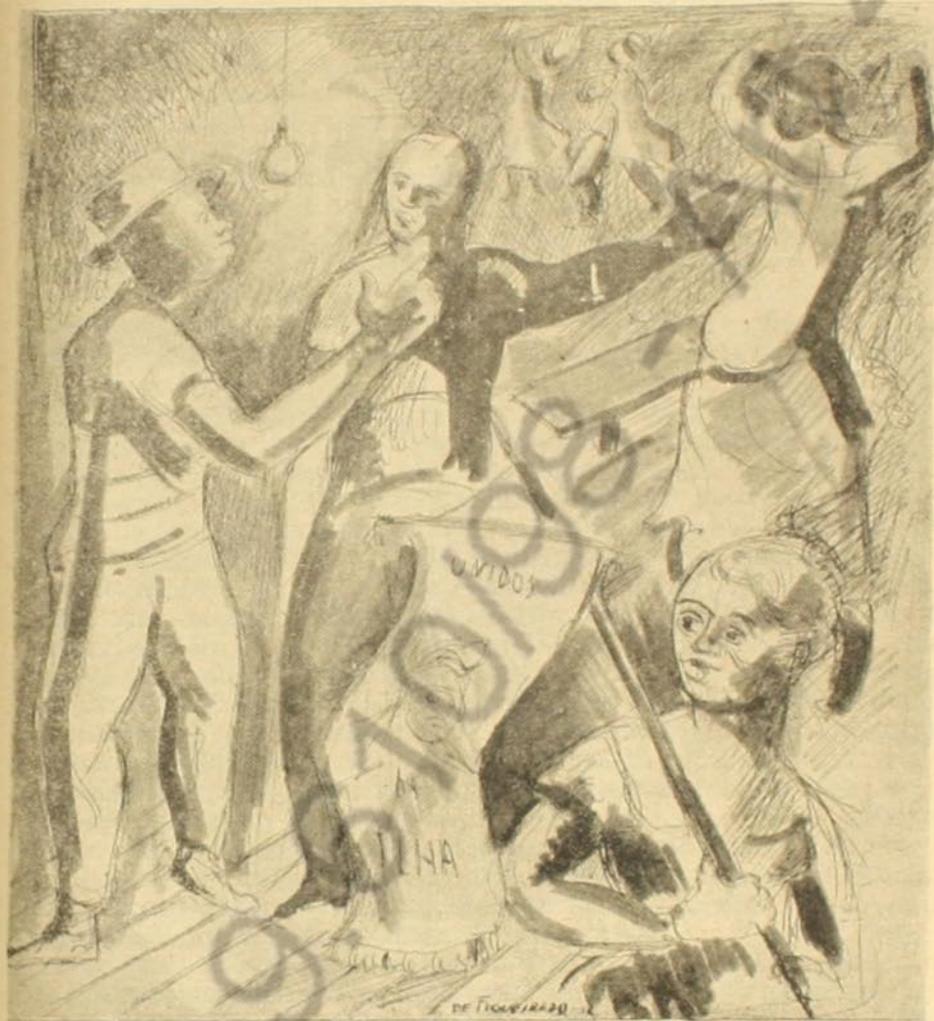
Blanca Terra Viera



Tomando chimarrão — xilogravura de Glauco Rodrigues
(do Clube de Gravuras de Pôrto Alegre)

NO ÚLTIMO ENSAIO

Francisco José Pereira



Escola de Samba — ilustração de D. Figueiredo

Era o último ensaio.
Quanto ao piston não havia o que temer; Gustavo era

o melhor pistonista da cidade e tocava na orquestra do mais elegante Clube. A verdade é que Cassimiro não conhecia o Clube onde Gustavo tocava — nunca tinha entrado nos seus aristocráticos salões. Pudera! Cassimiro é um preto bom. Preconceitos — estas coisas. Mas era Gustavo quem lhe falava: salões amplos e luzidios, muitas mesas, teto alto e decorado, candelabros finos, o restaurante e o bufê. Não era só. E os frequentadores — gente rica ali da terra. “É a mais alta sociedade, Cassimiro, a mais alta”. Gente bem vestida e bem pintada — de estômago e sexo satisfeitos. É mesmo a melhor orquestra aquela do Clube. E o grito do meu piston — dizia-lhe — não chega a ser um grito de protesto contra as jovens semi-virgens e as senhoras de olhos cansados que se arrastam nos corpos magros de homens pálidos. Nem o piston protesta contra os maridos mansos e rapazes pederastas. “É a mais alta sociedade, Cassimiro, a mais alta”. Estômago e sexo satisfeitos.

Quanto ao piston não havia o que temer: Gustavo era o melhor pistonista e tocava na orquestra do mais elegante Clube. Os surdos estavam bons. Os tamborins, frigideiras, pratos, reco-reco. Tudo em ordem. Tôda a Escola estava bem ensaiada — fantasias e evoluções. No Carnaval é que eles iam ver. Êste ano venceriam. No desfile, frente à Prefeitura, o público iria aplaudir. Cassimiro tocaria com mais força sôbre o couro esticado do tamborim. Eles venceriam êste ano. Em frente à Prefeitura não olharia para Odete — não olharia para ninguém. Iria rir quando o público aplaudisse e tocaria com mais força sôbre o couro esticado do tamborim. Gustavo também se emocionaria — a vitória da Escola de Samba, naquêle Carnaval, importava ao Gustavo. Seu piston seria, naquela rua, mais melodioso do que nos salões do aristocrático Clube. E Odete? Ela não teria, ali, tempo para enganá-lo. Naquela hora no desfile — ela seria pura, — dançando ritmicamente, numa cadência viva. O estandarte, em suas mãos, rodopiará, rodopiará. A saia comprida formaria uma roda colorida no ar e suas coxas mulatas receberiam aplausos também. Odete seria pura quando os surdos e os tamborins tocassem mais alto. Nem teria tempo de ser senvergonha. Não seria como nos ensaios. Odete se jogando pra cima do mestre-sala: preto comprido que viera do Rio e dava ordens. Mandão — ensinando passos, opinando nas côres das fantasias, reclamando do surdo — mandando em tudo. Com Gustavo êle não tirava farinha. Ninguém estava gostando daquêle preto mas ninguém reclamava. Os passos ensinados eram ensaiados. “Já dançou como mestre-sala nas grandes

Escolas do Rio". Isto o credenciava. Todos o admiravam com raiva. E Odete se jogando pra cima dêle. Rindo quando o preto dava ordens. Gostando daquela intromissão. Que não reclamasse como êle, vá lá, mas que não gostasse também. Já não havia quem não soubesse. Quem não notasse que ela estava caidinha pelo mestre-sala. Bolas! para um negro como aquê. Até diziam que estava por aqui porque a Polícia do Rio o procurava. A verdade é que Cassimiro não diria isto a Odete: ela podia pensar que êle estava com ciumes. Ao contrário, perto de Odete, quando a ia levar à casa, após os ensaios, até que elogiava o negro: "dança bem, entende de verdade, os outros falam é de inveja". "Pois é, são uns despeitados". Êle também era um despeitado. Ela que o dizia. Vagabunda. Quando nas noites depois dos ensaios, em frente de casa, no morro escuro, com o vestido ainda levantado, com as pernas ainda doendo, com o corpo ainda quente, naquêle instante, ela talvez só pensasse em Cassimiro. Mas era o talvez, era a dúvida. Sentia nojo, então. Isto doia-lhe. Pertubava-o. Por que Odete agia dessa maneira? Intrigava-se. Afinal — e não era máscara não — êle era melhor que o preto comprido que viera do Rio. Era mesmo, sim! Ou Odete não via isto? Se até estava construindo um rancho e era um operário decente. Era um rancho modesto e era mesmo. Mas era dêle e podia ser dela também. Verdade que não se iam casar. Ora, casar-se! P'ra quê? Mas viveriam juntos. Ela traria alguma coisa lá com ela: coisas, tarecadas — isto mesmo, tarecadas. P'ra que muito? Tinha, e quem não sabia, um rancho. Aquilo era ter boas intensões. Era até elogiado. "Coitado, com tão boas intensões e ela tão malandra e namoradaira". Que Odete fôsse malandra pouco importava, mas namoradaira... Isto era safadeza. "Safadeza e tá acabado". Namoradaira mesmo. Se todos estavam vendo. Quem não via? Do grupo dos tamborins, lá de trás na Escola, nas noites de ensaios. Cassimiro também via. Era ela se requebrando todinha — obscenamente — olhando para o mestre-sala. Mas não era só olhar: era sim! E na cara dêle. Bem no nariz de Cassimiro, — na frente de todos. Vagabunda. "Vagabunda!".

Era o último ensaio, naquela noite.

— 0 —

Faltava ainda uma semana para o Carnaval mas era, naquela noite, o último ensaio. Cassimiro, em casa, olhou-se no espelho. Pegou, da cadeira, o paletó e voltou, novamente, a mirar-se. Não via sua imagem projetada à sua frente. Subiu

a gola da camisa amarela. Passou os dedos compridos por sobre a cabeleira esticada pela brilhantina e pensou em Odete. Por que diabo só vivia pensando nela? Não sabia mas gostava. Pensou também no negro mestre-sala. Nesta noite êle resolveria. "Chega de ser besta". Ia tirar tôda a máscara daquêle preto. "Negro safado". Apurrinhava-se. Êle que viesse, nesta noite, reclamar lá no grupo dos tamborins — que viesse! O negro queria era se mostrar. Era para Odete ver. "Ora só porque dançou nas Escclas do Rio". Agora êle percebia: era para Odete ver. Queria se mostrar e ainda p'ra cima dêle. Queria fazê-lo de palhaço em frente à namorada. Nesta noite Cassimiro resolveria.

Desceu a gola amarela e segurou por sobre o paletó de brim o cabo frio de uma velha faca, fina e comprida. Naquela noite era o último ensaio.

— 0 —

Na terça feira gorda de Carnaval a Escola de Samba desfilava frente à Prefeitura. As fantasias bonitas. O surdo marcando o compasso. Bem ensaiadinha a Escola, mas desfalcada de dois de seus elementos. Que pena! Veio a Escola sem mestre-sala e faltava um no grupo dos tamborins. O público aplaudia, calorosamente. Odete fazia o estandarte rodopiar. Odete gingava e o público aplaudia. Os passos bem certinhos. Pena que o negro mestre-sala não estivesse ali para ver: não veria nunca mais os passos que ensinou. Também nunca mais daria ordens a ninguém. Coitado! E Gustavo — como tocava com alma, ali na rua. O som do piston misturando-se com os aplausos. Que Escola de Samba bonita! Tamborins, pratos, reco-reco — tudo. Até frigideiras tinha — tudo mesmo. Que bonita! Que bonita!

— 0 —

De dentro da cela tosca, no prédio da Delegacia Regional, Cassimiro não ouvia o melodioso piston de Gustavo nem via a saia comprida de Odete, formando um arco colorido no ar enquanto suas coxas mulatas recebiam aplausos também.

Da maneira como funciona o grupo, os alunos mal e mal aprendem a ler e escrever e vão para casa ajudar os pais a ganharem dinheiro para o sustento.

— “Comigo não foi assim não, o senhor sabe? Embora o velho pesque, eu só ajudava êle depois de aprontar os deveres”

Por isso conseguira tirar o curso completo, que o ajudaria a ser o gerente da firma, quando a vendemos.

Já era, então, casado e tinha um filho molatinho.

A moça, a conheceu muito antes de vir trabalhar conosco. Mas enquanto era caixeiro, não ganhava o que bastasse. Tinha, mesmo, de obter, por outra maneira, o necessário para os seus gastos, que aumentariam com o casamento.

Para ganhar êste dinheiro é que formou com o irmão, e dois primos um conjunto musical. Aproveitando os sábados e os domingos, animavam quanta festa houvesse, na Freguezia, ou ali por perto. Nem sempre ganhavam dinheiro. Também tocavam pela comida e pela bebida.

O irmão tocava bateria e violão. Um dos primos sanfona e outro pistão.

Agenor tocava pandeiro e cantava. Era o dono da orquestra.

O pandeiro comprei-lhe em uma viagem, feita a Blumennau. Pedira-me que procurasse e trouxesse um pandeiro para êle. Iria pagando aos poucos. Éramos amigos e não lhe neguei nada.

Quando voltei, fui logo ao armazém entregar-lhe a encomenda. Partiu o cordão e arrancou o papel. Ficou olhando maravilhado. O contentamento era enorme. Mais tarde me disse que fôra o pandeiro mais lindo que já vira.

Deu uma batida no couro com o polegar. Sentindo que estava frouxo, apertou as tarrachas. Quis tocar. Impedí, porque não ficava bem uma batucada dentro do armazém.

Enquanto, de novo, fazia um embrulho do instrumento, disse prá mim:

— “Vou botar umas fitas nêle e escrever no couro “Preferido das mulatas”.

Agenor era preto.

No Ribeirão, durante o ano, realizam-se várias festas. A mais bonita é a de “Corpus Christi”. A maior é a da Lapa.

Esta última é uma homenagem à padroeira do lugar: Nossa Senhora da Lapa.

Começa num sábado ao meio dia e vae até o fim do domingo. Um festeiro é escolhido entre os moradores mais ricos. Mas todos cooperam para a festa ter o máximo de sucesso.

Organizam-se barraquinhas, leilões de prendas, churras-cadas e a procissão com a imagem da santa.

Naquele mesmo ano em que comprei o pandeiro, Agenor me convidou para assistí-la, ficando hospedado na casa dos pais dêle.

Tinha o máximo interêsse em assistir à festa e não recusei o convite. Sábado ao meio dia tomámos o ônibus.

Acostumado com outras vilas, formei uma idéia completamente falsa sobre o Ribeirão. Imaginei um lugarejo, com algumas casas de madeira ou mesmo de barro e bambu.

Foi uma surpresa. As casas, na sua maioria, são de material. E uma rua, a principal, é calçada.

É verdade que isto vem de uma era de prosperidade, de muito dinheiro. Houve muito progresso, enquanto havia o comércio de peixe. Acabando êste comércio, a vila passou a regressir.

Principalmente a igreja revela isto. Ela não chegou a ser acabada. "Mas o material, moço, veio todo de fóra. Custou uma fortuna . . . Assim me disse um morador antigo.

Em frente à igreja, há um largo. Nêle se realiza a festa. Armam-se as barraquinhas que vendem frutas, comidas, bebidas e a sorte; fazem-se os leilões; os moços namoram as moças do lugar e as que vieram ver a festa.

Os políticos sempre aparecem para conversarem com os seus eleitores. Pagam cervejas e gasosas, compram rifas, dão lances nos leilões "mais vinte al' pro doutor", e fazem promessas. Há vivas e mais entusiasmo. Com a sua demagogia ajudam a animar os festejos.

Numa das esquinas do largo, há um salão de danças. Foi lá que dancei. Os moradores chamam de clube, mas não há sociedade organizada. O "clube" pertence ao Ribeirão. Todos têm direito de frequentá-lo e só funciona por ocasião de alguma festa. Os rapazes pagam entrada. E existe sempre uma comissão encarregada de manter a ordem e o decôro.

O conjunto do Agenor fóra contratado para tocar no sábado e na tarde e noite de domingo.

Lá estava Agenor, cantando e mostrando as suas habilidades no pandeiro.

Mais de seis meses transcorreram desde esta festa. A dívida fóra paga e êle estava ganhando mais de mil cruzeiros de lucro, muito mais.

O conjunto era um segundo emprêgo para êle e para os outros. O dinheiro ganho era reservado para o casamento.

Isto porque, no Ribeirão, era o único pandeirista e o seu o único conjunto. Havia, naturalmente, outros rapazes que tocassem. Mas não tinham nem a habilidade, nem um pandeiro como o do Agenor.

Tinha razão aquela sua tristeza, naquela manhã.

— “O senhor (sempre me tratou de senhor) sabe como gosto de tocar. Se pudesse, vivia só tocando. Mas... não dá. A gente tem de ganhar dinheiro e tem de arranjar um emprêgo. E ainda agora que vou casar...”

Não conseguia entender bem a conversa dele. O que é que havia?

— “Pois o Dalmiro comprou um pandeiro e vai formar um conjunto. Um pandeiro azul...”

Começou a descrever o instrumento do primo. Era azul, tinha pega mão, as pratinhas eram inoxidáveis, tinha isto e mais aquilo. Uma porção de qualidades. Só o som. Agenor achava que o som do seu pandeiro era muito melhor.

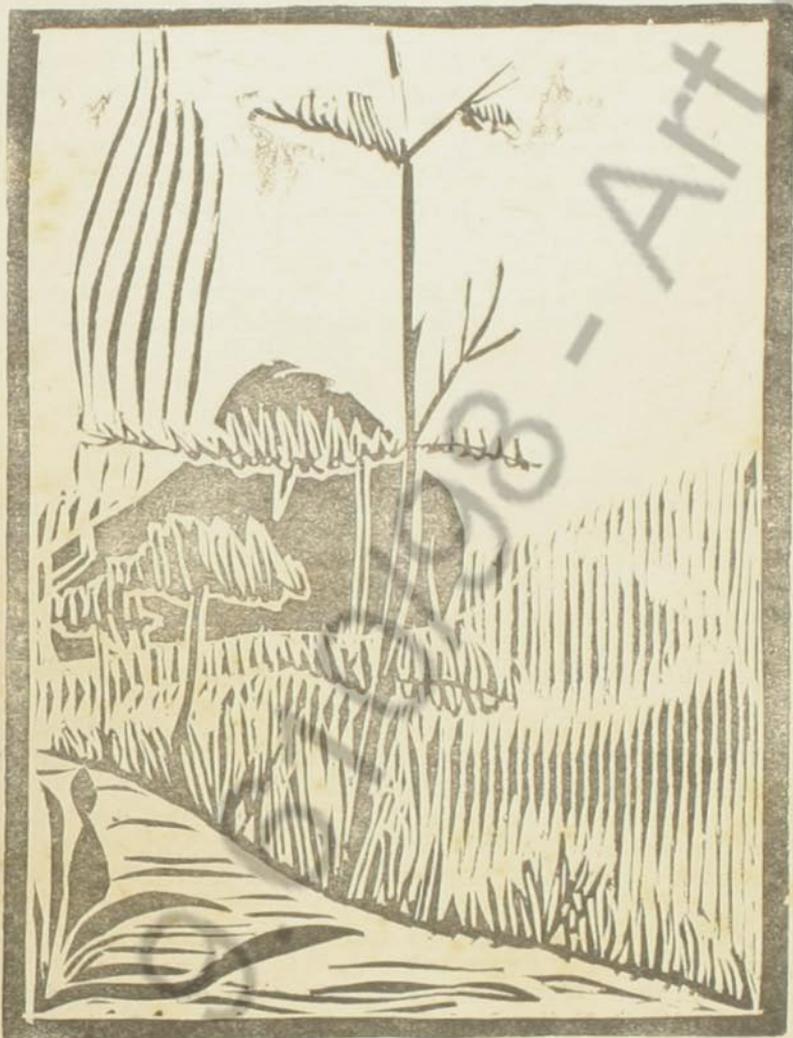
“... Dalmiro não tem emprêgo. Trabalha com o pai. Ora, tem muito mais tempo do que eu prá treinar. Logo vai estar tocando melhor...”

Coitado do Agenor. Quanta coisa tinha mudado por causa do outro instrumento. No lugar não havia possibilidade para dois conjuntos. O mais harmônico, mais bem ensaiado sobreviveria. O outro, teria de ser desfeito.

— “O que ganho não dá prá mim e prá Iracy. Tenho de adiar o casamento e ver se entro pro conjunto do meu compadre, aquele que é sargento da Policia. Acho que é o unico geito. Senão não caso mais...”

Pareceu que sorria, quando acabou de me dizer isto.





Paisagem africana — linoleogravura de Augusto dos Santos Abranches

KANDOT ERA O "BOY" DO SENHOR HIEBLER

Alexandre Cabral

ANTOINE KANDOT distendeu os músculos num espre-
guçamento de todo o corpo. Levantou-se da esteira onde dor-
mira tôda a noite e veio até à porta de casa. Olhou o céu côr
de chumbo e presagiu borrasca. A Rua do Kasai estava ainda
enlameada da chuvada anterior. Deviam ser nove horas da
manhã. Com aquele ar de tempestade, Kandot não resistiu à
tentação — estendeu-se de novo sôbre a esteira. E pensou
que havia muitos meses não disfrutava uma vida tão regalada.

Desde que começou a trabalhar na casa do Sr. Hiebler
que era a mesma estupada: Levantar-se com o sol escondido
(ouvia as seis badaladas na torre da igreja da **bouala** (1)
quando já ia a caminho), para abrir a cozinha do branco. Mo-
mentos depois, o patrão gritava, exigindo a habitual taça de
café bem quente. "Apostava em como estivera a espiar a sua
chegada!". As sete tinha de empurrar a "pandeireta" des-
conjuntada, porque a bateria estava em baixo, não tinha
carga.

Durante o dia, é verdade, a faina doméstica não matava,
ainda que houvesse sempre umas coisitas a arranjar, que o
patrão era esquisito como uma **madame**. Agora, sim, aprecia-
va a tranquilidade de uma vida deliciosa, comparável à feli-
cidade dos tempos antigos em que o preto dormia, caçava e
não conhecia ainda o sentido da palavra "trabalho", introdu-
zida à força pelo homem branco no vocabulário indígena.

Há mais de dez dias que o Sr. Hiebler partira para Ponta
Negra a gozar férias. Deixara-lhe as chaves da casa com a re-
comendação de vir diariamente tratar das aves, abrir as ja-
nelas, limpar os móveis. Está bem de ver que não cumpria as
instruções. Ele não era um preto idiota!

Para começar, as galinhas não precisam dos cuidados
que o patrão imaginava; quando estão no mato, vivem única-
mente com a ajuda de **Zambe** (2). Ah!, só o branco era ca-
paz de inventar a prisão para tudo!

Dissera-lhe que passaria uma semana na praia de Ponta
Negra e ainda não regressara. A êste pensamento, o negro
lembrou-se que talvez chegasse hoje. Que diabo, o patrão ti-
nhá de voltar! E ficou a cismar no enigma. Certamente, o
branco tinha uma ideia escondida na cabeça para não ter

(1) **Bouaa** — aldeia.

(2) **Zambe** — Deus.

vindo no dia que marcara. "Quere-me apanhar em falta. Muito gosta o branco de cortar dinheiro ao preto"!

Levantou-se novamente da esteira, voltou à porta e decidiu vestir-se. Nunca gostou dos dias assim. Preferia o sol a escoar-se pelas borracheiras do **lupango** (3), a dar-lhe um calorinho no tronco, enquanto ressonava regaladamente. Se não fosse o ter combinado com a Podhine aquilo para hoje, não aparecia lá em casa; mas prometera e não queria faltar. De resto, uma ocasião destas não aparece quando um homem deseja. A Podhine era a amante dum amigo do patrão. Ficava todos os dias com êle, e como as cozinhas eram pegadas, muitas vèzes Kandot se perdia a conversar com a negra. Todavia, êle bem via o interesse dela, nunca surgira uma oportunidade capaz.

A rapariga era um encanto: os seios, sobretudo, levantavam tentações no movimento diabólico de encontro à blusa. Andava sempre vestida à moda indígena, o que a tornava mais apetitosa. Por isto, Kandot sentia-se enervado. Dadas as circunstâncias do momento, o boy do Sr. Hiebler convidou a sua amiga Podhine para se encontrarem na casa do branco. E a negra, claro está, aceitou.

Kandot tinha já vestidas as calças de fantasia que trouxera do armário do Sr. Hiebler e procurava agora enfiar os pés disformes nos minúsculos sapatos do patrão. "Estes brancos têm uns pés de criança"!

Conseguiu, finalmente, encaixar as patorras nos mimosos sapatinhos de pelica fina. Foi um destroço! Vestiu em seguida a camisa de cor, também propriedade do branco, e pôs a gravata encarnada que o Sr. Hiebler usava sempre que ia ao A. B. C. Meteu o tronco espadaudo no casaco aos quadrados e colocou na cabeça o chapéu mole, que era realmente a sua coroa de glória. Acendeu um cigarro e saiu.

Gostava de ver a cara dos outros dois criados que compartilhavam com êle a mesma choça; teriam inveja, pois, ao vê-lo naquela chibante compostura. As mulheres da Rua do Kasai deram-lhe o **bote** (4), mas Kandot nem correspondeu à saudação. Passava altaneiro, a bater os sapatos com força e a enfiá-los nas poças de lama. Os malditos apertavam-lhe horriavelmente os pés, mas que prazer lhe davam essas dores!

Se não fosse a cor da pele, passaria por branco. Apesar disso, a fumar o seu **ciclete** (5) e a passear pelo Prince Bau-

(3) **Lupango** — Porção de terreno baldio rodela uma casa, quer se trate de europeu, quer de africano.

(4) **Bote** — Saudação correspondente ao "bom dia" ou ao "Deus te salve"; significa igualmente, "bem", "bom". No texto encontra-se com as duas significações.

(5) **Ciclete** — Cigarro.

doin, a gente o tomaria por clerc desempregado. Enfim, clerc quer dizer: preto civilizado.

Os conhecidos que encontrava no caminho lançavam, despeitados:

— Kandot, não trabalhas ? Onde roubaste essas calças ?

Indiferentemente, o boy do Sr. Hiebler apertava a mão de modo desprezível e respondia:

— O branco não está em casa e eu vou dormir com a Po-

— Nguê ikela kitoko penza (7).

Quando chegou à moradia do Sr. Hiebler (a casa ficava justamente em frente dos Serviços de Higiene), Kandot chamou um amigo, por acaso o cozinheiro do senhor da Podhine.

— Vais logo ao Bar ?

— O meu branco já chegou ?

— Nguê ikela kitoko penza (1).

— Ainda não veio ?

— Não ?

— Então já não vem. A vedeta atraca às dez horas.

Tomou uns ares cômicamente respeitáveis, onde se misturava uma ponta de arrogância, e entrou afoitamente em casa. Foi-lhe na cauda o companheiro, que esbugalhou os olhos de curiosidade.

— Cadeiras soberbas ?

E lançou-se sobre uma delas que o levou até ao chão. Depois colocou os pés, sem cerimônia, sobre a mesinha da saleta.

— Sim, senhor ! Muito melhores que as minhas — referia-se às do seu branco.

Kandot despiu o casaco, pequeno demais para o seu tronco possante, e perguntou como que desinteressado:

— A Podhine está em casa ?

— Anh !, anh ! — fez o outro. **Dit donc**, não ofereces uma cerveja ?

— Escute, Dafunso. E o branco está em casa ?

— Vê (8) ... mas porquê essas perguntas ?

— Bom, vou dar-te a cerveja. (depois de breve pausa). Sabes que a Podhine vem estar aqui comigo ?

— Hwápi ! (9).

— Zambe ! (tirou da geladeira a garrafa da cerveja, abriu-a e vazou o líquido em dois copos). Tu não dizes nada ao branco.

(6) Mundele — Homem branco.

(7) 'Nguê ikela kitoko penza — Tu estás mesmo bonito.

(8) Vê — Não.

(9) Hwápi — Palavra que tanto exprime indignação, como admiração, espanto, alegria; depende da expressão vocal que se lhe imprime. No texto significa "Qual quê !" (dúvida).

— Isso é verdade ?
— Nunca dormiste com ela ?
— Nunca. Uma vez, estávamos sós, pedi-lhe, mas ela disse que não, que com o **boy** mesmo do branco não era bom.
— Dizes a ela para vir, sim, Dafunso.

— Ok !
— Toma lá um **cadeau** (foi ao quarto do patrão e tirou do guarda-fato uns calções brancos), são para ti de mata-bicho... O branco tem lá mais e não dá pela falta.

— És um **chique tipe**, Kandot. Falo já à Podhine.
De fato, passados momentos, a negra avançava pelo carreiro aberto na **matite** (10), olhando para os lados, desconfiada. Teve um movimento de hesitação junto da porta e entrou.

O nativo esperava-a, atulhando a cadeira estufada com o seu corpanzil. Levantou-se para à receber. Deram-se as mãos, frouxamente, como é hábito nos indígenas sempre que imitam entre eles a saudação europeia.

— Que bebes, Podhine ?
— Oh !, qualquer coisa fresca. Whisky, tens ?
— Tenho cerveja, mas não está gelada. Últimamente não se tem ido ao gelo (a rapariga fez uma careta)... espera, eu sei onde está o whisky, mas o branco fecha-o num armário... se eu o pudesse abrir.

— **Kotala !** (11) Uma vez o meu branco perdeu a chave duma mala e eu vi como êle a abriu. É obra de feitiçaria. Arranjou um arame, meteu-o no buraquito e fez assim.

Kandot foi buscar um pedaço de arame e ensaiou na fechadura. Ah ! Pouco depois, sem compreender porque, a porta abriu-se.

— Estes brancos são mesmos feitiçeiros. Ora vê tu...
Pegou numa garrafa intacta do precioso líquido amarelo torrado e foram para a sala de jantar. Preparou os copos, abriu a garrafa, e só então verificou não ter água gazosa na geladeira.

Deixá-lo ! O negro estava disposto a não ser vencido por nenhum contratempo. Chamou um **moké** (12), deu-lhe três francos e mandou-o ao bar.

— Água muito gelada, hein !
E para não perder tempo, serviu dois bons whiskis secos.
— Assim é forte !

(10) **Matite** — Capim, toda a erva em geral. Verdura.

(11) **èotala** — Olha, repara bem. Palavra que serve muitas vezes para chamar a atenção de alguém, como o dit francês, ou o pshiu português.

(12) **Moké** — Pequeno, coisa pequena, garoto que faz os recados.

— É muito bom! O meu branco bebe sempre um depois do jantar.

— Ficas tôdas as noites com o branco?

— Tôdas. Ele gosta de mim.

— Paga bem?

— Dá-me trezentos francos por mês, e de tempos a tempos compra-me uma peça, oferece-me um biloko (13) ... E o teu branco tem mulher?

— Não tem branca, mas tôdas as semanas manda-me ao village buscar uma preta. Ao sábado, percebes? Domingo dorme. É um sem vergonha. Nunca quer a mesma...

— Quem tens trazido?

— A Marie, a Sophine, e a mulata bonita que está com o "portugueso" da CONGO-MANE... Muitas!

O moké entrou esbaforido com a garrafa na mão.

— Ikela na glace mingue? (14) — perguntou ela.

— Não sabias bater primeiro? — ralhou êle. Quando estou ocupado não quero que entres sem bater.

Podhine rebentou numa gargalhada. Levantou-se da cadeira e esfregou os pés no tapete, dobrando os joelhos. Em seguida, ensaiou uma leve flexão do tronco e bateu as palmas.

— Ah! Exatamente o meu branco, quando estou com êle.

— Mas hoje sou eu o branco nesta casa. Tenho preta para dormir, criado às ordens... Tu queres ver?

Meteu o copo à boca numa golada imensa e foi para o quarto. Daí a momentos saía completamente transformado. Trazia o pijama do Sr. Hiebler. As calças ficavam-lhe a meio da perna escura e o casaço, a esgarçar-se nas costuras, parecia um casaquinho de bêbê, as mangas pelo cotovelo.

— Agora deita-se a gente no sofá e tu vens para junto de mim. Assim é vida! Vi uma vez o patrão fazer isto com a Marie.

O boy do Sr. Hiebler estendeu-se ao comprido no sofá vermelho e acenou à Podhine, que ria doidamente com os modos do companheiro. Chegou-se para o pé dêle, levando a garrafa do whisky e o copo. A bebida começava a picar na garganta, sinal de que chegara à cabeça. Por seu lado, Kandot pusera de lado a água e começara a beber o whisky absolutamente sêco e a grandes sorvos. Pouco faltava para estarem êbrios. Êle levantou-se, excitado.

— Vou mostrar-te a casa.

(13) Biloko — Coisa sem grande valor, bugiganga.

(14) Ikela na glace mingue — Está muito gelado?

E ambos percorreram as dependências, experimentando as cadeiras, folheando os livros, agarrando nos objetos. Kandot demorou-se nos elogios à geladeira magnífica. Era pena que não fôsse elétrica.

— Olha! Ainda cá está queijo e doce.

Agarrou nas vitualhas e repartiu com a negra.

— Estes macacos comem do que é bom, ganham o dinheiro da nossa terra e ainda por cima nos batem.

No quarto, a Podhine ficou embevecida a olhar a fotografia duma rapariga europeia, que estava sôbre a cômoda.

— É bonita!

— Muito gostava eu ter um filho de mulher branca.

— **Hwápi**, Kandot.

— Ora essa! Então não há mulatos feitos por pretos.

— **Hwápi**! As brancas não são fiéis aos maridos, mas escolhem sempre brancos como elas.

— **Zambé**, Podhine! Meu **pangue** (15) Makima fêz filho na menina de branco. E um **boy** do A. B. C. dormiu mesmo no hotel com branca.

Tinha-se transformado a fisionomia do nativo. Os fortes maxilares raivosamente contraídos, ao mesmo tempo que os olhos refletiam o ódio que lhe ardia no peito.

— De resto, Podhine, preto ser como branco. Eles dormem com mulheres brancas e fazer mulatos de branca.

Resfolegou como se se tivesse libertado de uma carga medonha.

— Juro que hei de apanhar uma!

Podhine percebeu que a coisa não marchava bem. Kandot estava a exaltar-se sem precisão. Que remediava com isso? O branco continuaria sendo o dono do preto e da terra que dantes lhe pertencera.

A idéia surgiu-lhe de repente. Começou a despir-se e convidou o companheiro a imitá-la.

— Tens razão, Podhine. Sempre que lhe trago preta os dois tomam primeiro um banho. **Allez!** para o chuveiro.

Podhine gargalhou perante a perspectiva de se lavar na sala do branco. Nunca o patrão lhe pedira para se banharem juntos. Ela esperava que êle saísse para encher a banheira e meter-se na água transparente. Tirou o pano e arrancou a blusa indígena.

O corpo negro apareceu a mostrar todos os contornos, a pôr, com as suas curvas, loucura nos olhos de Kandot. Em roda da anca, uns colares de missanga vermelha realçavam

(15) **Pangue** — Irmão, amigo, pessoa de família, homem da mesma cor ou raça.

as tatuagens do ventre. As pernas rijas e abundantes, levemente arqueadas, eram um magnífico suporte do arcaboço. Tronco largo, roliços os braços e os peitos, pendentes e moles como sacos de café. Mesmo assim, eram uma tentação para o negro.

— Eu sempre pensei que tu eras uma preta **Kitoko penza**.

Abriam o chuveiro. A água espanejou abundantemente sobre os corpos ebúrneos. Ela passava-lhe as mãos com volúpia pela pele refrescada, enquanto Kandot metia a cara ao alto a apanhar de frente o jacto do crivo. Depois deram-se as mãos e começaram os maneios de uma dança selvagem.

Largavam-se, volteavam um pouco, chegavam os corpos até se roçarem e afastavam-se em seguida. Batiam as palmas, novas contorsões, mais uma vez chegados para depois se afastarem.

Repetiam êstes passos monótonos, numa cadência igual, continuamente; meneios que fatigam, cansam, enervam, embebedam.

Nêste momento, a porta da rua abriu-se e Dafunso entrou.

— **Alors !**

Como ninguém lhe respondesse avançou e deu com o espectáculo excitante dos dois pretos a dançar, a água escorrendo pelas epidermes reluzentes.

— **Bote !** — gritou o cozinheiro. E tirou os calções.

Pouco depois eram três os demônios que na casa de banho batiam as palmas e chapinhavam os pés no chão molhado.

— Onde está o whisky ?

Kandot foi à sala buscar a garrafa quâsi vazia. Bebeu, bebeu até sentir as entranhas a esquentar. Fez um ah', profundo. Deu a vazilha à Podhine que enguliu uma boa dose. Por fim, Dafunso entornou o resto pela goela abaixo. Passaram ao quarto, numa total pobreza de vestuário, e recommçaram os volteios. Mas a dança provoca uma sede terrível. E a garganta, pouco habituada a estas bebidas, pedia mais, exigia líquido que apagasse o brazeiro que subia do estômago à boca.

— **Mambo vé !** (16) — exclamou o **boy** do Sr. Hiebler.

Foi ao armário donde tirou uma segunda garrafa de whisky.

— **Comment donc**, só o branco é que é gente ?

— **Ikela juste** (17), Kandot.

Podhine colocou-se junto da cômoda, movendo os pés de modo ligeiro, oscilando a anca numa vibração enervante e ba-

(16) **Mambo vé !** — Não perigo há complicação.

(17) **Ikele juste** — Tens muita razão.

tendo as palmas. As mãos deslisavam ao longo do corpo no intervalo das pancadas, prodigalizando carícias por onde passavam. Por sua vez, os nativos postaram-se no ângulo oposto, saracoteando-se, grunhindo. Depois, alternadamente, corriam para a rapariga e enebriavam-se no cheiro penetrante que exalava, como leiva acabada de lavar. As peles quasi se tocavam. Repetiam os meneios lascivos e voltavam ao ponto de partida.

Não havia cansaço que fizesse parar este vai-vem demoníaco. Gritos guturais escapavam-se das gargantas roucas. Pouco a pouco, goticulas gordurosas formaram-se à superfície da epiderme tornando-a mais brilhante.

A cena de grotesca evoluiu para o trágico. E sempre aquele bater de palmas cadenciado, o meneio de ancas luxurioso, o desejo de prolongar o êxtase até à loucura. Estariam assim horas seguidas, até que o coração rebentasse ou o fogo se consumisse na fase final.

A dada altura, porém, Dafunso agarrou o pulso da negra.

— Podhine, tu és boa para mim.

Os corpos estreitaram-se. Vendo isto, uma cólera intempestiva explodiu no peito de Kandot.

Dois pulos e já filava o atrevido pelo pescoço. Travou-se então uma luta selvagem. Podhine, movendo silenciosamente os pés sobre o tapete, esperava o desfecho da contenda para se entregar ao vencedor.

Braço por cima do tronco do competidor, o peito a fornecer o último esforço, e a cabeça de ambos cheia do corpo da negra. Mas o whisky amortecia o braço, amortecia o esforço, amortecia a cabeça.

— Mamã'nguê... — rugia um deles.

'Nguê ikela na maboko na mono (18) — replicava o outro.

— Akufi té ? (19).

Cambalearam. Com os movimentos, a transpiração assemelhava-se a uma tênue couraça metálica envolvendo os corpos. Os braços não largavam o adversário, enquanto os pés procuravam um apoio absurdo. A verdade, porém, é que o alento, para os dois, estava perdido.

Venceu Kandot, o mais bêbedo.

Persistentemente, com a energia que a imagem da Podhine alimentava foi empurrando o corpo lasso do Dafunso

(18) 'Nguê ikela kufi na maboko na mono — Tu vais morrer às minhas mãos !

(19) Akufi té ! — Não morro, não !

até à porta. Num arranco desesperado lançou-o da varanda abaixo.

— A Podhine hoje é para mim !

Ela esperava sempre.

Quando Kandot regressou ao quarto, os dois retomaram, mais furiosamente, a cadência da dança.

Pás !... Pás !...

Palmada batida, um braço ao alto e o outro na anca, saracoteio da ilharga, dois passos em frente, juntos agora, mãos que se dão e se enlaçam, até que o negro a agarrou brutalmente e a lançou sobre a colcha amarela do Sr. Hiebler.

— Ah ! Podhine, o branco não sabe amar !

Ela acariciou-lhe a orelha, concordando, e ambos formaram um só corpo, que punha uma larga mancha na colcha amarela do Sr. Hiebler.

ALEXANDRE CABRAL, autor do presente conto, o qual faz parte de um volume a aparecer brevemente, é um escritor português dos mais conhecidos. Tem já diversos livros publicados, nos quais a marca principal é um profundo sentido de humanidade, a par da análise psicológica. "Nasci com passaporte de turista" (contos), "Terra quente", (romance) e "Malta brava" (romance), seu último trabalho publicado, dão bem uma idéia do seu poder de captação, de fixação do ambiente, da criação de tipos. "Terra quente" no dá um retrato da África, bom como poucos. "Malta brava", jogando com um tema extremamente difícil e complexo, com a infância, num problema que especialmente para nós do Brasil já tem um livro clássico (queremos, como é lógico, referirmo-nos a "O Ateneu", de Raul Pompéia), consegue convencer, consegue nos integrar naquele mundo pleno de poesia e de incompreensões. Alguns dos tipos do romance são criações que ficarão, estamos certos, como das melhores da moderna literatura portuguesa, tão cheia de obras importantes e que mereceriam ser melhor divulgadas entre nós.

O conto que ora publicamos dá uma idéia da literatura de Alexandre Cabral, é típico da sua maneira de escrever. Publicando-o, ao mesmo tempo em que estamos contribuindo para um melhor intercâmbio entre as literaturas dos nossos dois países, pensamos poder colaborar, embora modestamente, para tornar mais conhecido entre nós um escritor que merece ser lido. E dito isto pensamos haver dito tudo.

MATEUS-MARIA GUADALUPE

"MACACO-PREGO"

Lembrança Sul-americana

CADERNOS SUL

1956

- 73 -

LEI 198 - Art. 46

Não tinha a menor idéia de que êste capítulo de minhas memórias, que eu vou escrevendo tão preguiçosamente e tão desordenadamente, viesse a ser publicado pelos meus amigos de "Sul". Composto em Portugal, numas férias que só foram breves demais para tudo o que havia de sossêgo e bom acolhimento na casa e na companhia de George Bryan Mallard, devia sair em Portugal mesmo num volume de lembranças sul-americanas semelhante ao de Herta, Teresinha e Joan. Outros fados, porém, foram os seus. Revejo-o em frente de um mar bem diferente do mar do Baleal; sem bravias escarpas e onda grossa pulando; um quási lago entre montanhas que, de longinquas, nem oprimem; entre flores e beija-flores. Bom remanso e bom repouso para uma existência que, sem acidentes, apesar disso, ou talvez por isso, tanta vez se cansa de si própria. Revejo-o, mas o não corrijo. Porque muito me agrada restituir à vida, sem esforço, o que a vida, a mim, sem esforço me trouxe.

Santo António de Lisboa

Ilha de Santa Catarina

1955

"Macaco-Prego"

Não gosto, a-pesar-do que às vezes me dizem, e até eu penso, de me aproveitar demais dos rendimentos de Ervide. E isto não só porque é bom não viver demasiado à custa dos outros, que é para mim, para falar com toda a franqueza, o que representa viver dos rendimentos, como também por um princípio de previsão: pode ser que um dia eles me faltem, e então não acharei ruim ter-me de algum modo treinado na arte difícil de viver à minha própria custa. Acho que também existe ainda outro motivo: o de que de vez em quando o não fazer nada de obrigatório, de exigido ou reconhecido pelas disposições sociais me põe vagamente inquieto e com o sentimento de que não sirvo para coisa alguma; o que é capaz de ser apenas uma exata idéia do que se passa.

Seja como for, num desses acessos de consciência, tratei de me empregar e consegui com facilidade relativa uma colocação no Instituto de Higiene, do Sul de Minas. Não sei como, nem jamais tratei de averiguá-lo, um dos encargos do Instituto era o de classificar os insetos que chegavam a Recife a bordo dos aviões transatlânticos e que eram recolhidos pelos fumigadores. Naturalmente, porque os mais antigos já tinham os seus trabalhos de pesquisa determinados, a tarefa me veio parar em cima. E passei cerca de dois anos olhando mosca; outros bichos me passaram pela frente, claro está: mas a minha impressão, quando recorro a esse tempo, é a de que gênios desfavoráveis, às moscas e a mim, andavam empenhados em as trazer de todos os cantos do mundo e mas jogar diante. E, aiém de tudo, moscas monótonas e vulgares. Nunca nenhum daqueles bichos que Deus Nosso Senhor parece ter criado propositadamente, e a nós numa coincidente curva de tempo, para nos fazer levantar devagarinho do banco do microscópio e chegar como quem não quer nada ao pé de um colega:

— Aquele microscópio faz doer os olhos ...

E o outro calado, vendo seu bicho dêle.

— Não sei ... mas tenho assim a impressão que aquele bicho .. hein, não quer dar uma espiada ?

Então o homem olha ainda um bocado, depois se levanta, resmunga qualquer coisa sobre o serviço de café do laboratório, mas lá vai mesmo para o nosso bicho.

— É, é ... Porque? Você tem a impressão de que é novo?

— Bom, eu nunca vi disso ...

— É ... Podê ser ...

E às vezes acaba mesmo por ser bicho novo.

Mas a mim, que nada. Pura mosca de casa. De modo que, perto de findarem os dois anos, pedi licença para férias e caçada. Para onde? Nem tinha pensado bem nisso. Para mim férias começavam logo na porta da rua, mal me largassem. E caçada, quem sabe também? Mas fui respondendo, muito sensato que iria até Campos. Campos de Jordão. E a verdade é que no próprio momento em que pus destino à jornada me apeteceu imenso Campos. Várias vezes lhe tinha passado perto, no caminho de S. Paulo, e, como sempre me agradou fazer essa viagem de noite, e de trem, a visão que tinha do alto da Serra era sempre a mesma: a distante, irreal, suspensa entre céu e terra, fiavel de luzes de sanatórios, hotéis, de casas particulares, supunha eu também. E sempre achava que devia ser muito bom morar num lugar assim, entre luzes suspensas, e vendo em baixo as luzes de Pindamonhangaba e em cima as outras luzes, as do céu.

— O melhor para você se alojar é um particular. — E recomendaram-me a Bambleberg. — Alemã, sabe? Faz pão escuro e manteiga em casa e montou um banho finlandês. Mas tem que levar atestado.

— Atestado de que?

— TB, rapaz.

E parti, munido de atestado, de redes, de caixas, de cianeto para os bichos. Sobretudo de uma boa dúzia de livros que não tivera tempo de ler e que provavelmente, por preguiça, também não leria lá pelos cimos da serra.

Quando o trenzinho elétrico, que penosamente e prazientemente escala a montanha entre culturas de japoneses, que vão em grande parte abastecer Rio ou S. Paulo, me deixou na última estação, os dois ou três passageiros que tinham vindo logo sumiram da vista. E, na plataforma, olhando-me, ficou apenas um meninote negro, aí de quê?, ponhamos uns dez anos. Era mais velho, como soube depois. Mas a aparência era disso mesmo. Nove, quando muito dez. O casaco que trazia vestido, porque fazia certo frio, era grande demais, e os calções curtos demais. E pernas finas de arame.

Não havia outra coisa a fazer senão perguntar-lhe onde ficava a casa da tal Bambleberg, que de resto eu prevenira por telegrama; para me dar quarto, ou arranjar-me quarto.

— Foi o senhor que mandou avisar?

— Eu mesmo.

— Madame está à espera do senhor. — E foi logo carregando parte das caixas. — É pertinho daqui...

— Pois vamos lá, seu... Seu quê?

— Juca. — E mostrou a dentuça que tinha branca e forte.

— Como é, seu Juca? A gente ainda pega o jantar? — Porque a verdade é que aquela subida da Serra na frescura da tarde me tinha dado apetite.

— Ah isso pega, sim senhor. — E pôs-se a andar ligeiro. Mesmo ligeiro ainda levamos um bom bocado para chegar. Eu achei que seria de boa camaradagem queixar-me um pouco, e na língua da terra:

— Puxa, seu Juca! Como é que você acha isto pertinho?

— Ao senhor parece longe porque vai no escuro. Mas depois o senhor acostuma. — A questão devia ser essa mesma, não a do escuro. Eu, com aquela história de laboratório e de terra pequena, desacostumara-me de andar. Porque me recusava a outra hipótese também muito possível, a de que estava ficando velho. Mas como isso principia por a gente julgar que está velho, tratei de sacudir a idéia.

— Tem muita gente lá por casa?

— Não senhor, vai ser só o senhor e o casal, de hóspede.

— E a Madame, claro.

— A Madame e o Capitão. Mas de fora só o senhor e o casal.

— Capitão Bambleberg?

— Não senhor, é só Capitão.

Só Capitão, calculem.

— E o casal?

— Ele é Luiz, ele é Cidinha.

— Velhos?

— Que nada velhos... Até estão noivos. — E mostrou de novo a dentuça, que rebrilhou na noite. Noivos. Vejam só a maçada. Tôdas as cenas sentimentais do costume e eu naturalmente obrigado a comer à mesma hora e na mesma mesa e a ouvir tôdas as sandices habituais. — Escuta lá, menino, a gente pode comer a outra hora?

O rapaz não entendeu.

— Come tudo ao mesmo tempo, na mesma mesa?

— É, sim senhor.

E ficamos por ali porque chegáramos. Ora pois. A Frau Bambleberg que eu esperava mesmo, risonha, enorme e despachada, com braços de amassadora de pão e seus **rr** ásperos e os plurais todos cortados à rasoira. Era mesmo amigo do Dr. Curt? "Quanto prrazer". E, com muito menos riso do que aquele com que me recebia, foi tocando pela escada acima o nosso Juca. O rapaz me tinha trazido direitinho? Pois muito bem, "quanto prrazer"... E ia comer já mesmo? Os outros já tinham jantado... O casal até saíra para passear... Sopa, chucrute? E havia "porreo na brasa"...

— Tudo, Frau Bambleberg, tudo.

Ela riu de novo, profissionalmente, foi trazendo a comida, enquanto Juca se instalava a um canto, olhando-me às vezes, mas me parecendo muito mais entretido com a porta do que

comigo. De quando em quando, e adoptando um tom de voz que devia ser o seu natural, mas que era bastante diverso do que empregava ao dirigir-se a mim, Frau Bambleberg mandava-o buscar um prato ou um talher ou vigiar o fogo. Juca ia e logo voltava para a sua vigilância da porta. E, por fim, quando eu já estava meio enjoado das atenções de Frau Bambleberg, eis que se abre a dita porta e entram os três outros da casa. O primeiro que vi foi o Capitão, mais sôbre o baixo do que eu esperava, vermelho e grosso e falando uma coisa que se assemelhava bastante a português, enquanto se dirigia aos outros dois. Mas quando se voltou para Frau Bambleberg e lhe comunicou que ainda tinham conseguido lugar no trem foi em alemão que o fez; um alemão com pelo menos um participio português, como em Santa Catarina. Apeteceu-me intervir logo:

— Já vejo que o senhor esteve lá pelo Sul.

Não gostou muito da frase, ao que eu acho, porque apenas respondeu, e enganando-se na língua:

— Ja, ja ... — E fixou os olhos em Frau Bambleberg, que lhe explicou logo como eu era o hóspede novo e mencionou o Dr. Curt e acabou fazendo as apresentações formais, coisa por onde podia ter perfeitamente começado. Não por causa do Capitão que me interessava pouco naquele momento e que nunca me interessou muito mais. Vivia aquele desgraçado dentro de um eterno jôgo de xadrez. Só emergia para comer, decerto para dormir também, e para rosnar umas ordens a Juca:

— Cigarro. Agua. Jornal. — E outras exigências de igual transcendência.

Não, para quem eu queria apresentações era para os outros. Tinham ficado entre a mesa e parede, de mão dada, ambos calados, ambos magros, ambos louros, ambos pálidos, delicados e finos. Ambos doentes. Mais irmãos pareciam. Ambos doentes, claro. E engraçado, como queriam alí atestados de médico. De resto, nem mo tinham pedido. Sentí logo que nos íamos dar perfeitamente bem, embora êsses noivos tivessem que andar soltos e eu tivesse os meus livros e os meus bichos. Mas, de qualquer modo, haveria sempre tempo de conversarmos um pouco e sem a presença de Frau Bambleberg e do Capitão; ao qual fui de minha própria conta e para mim mesmo chamando de Schickleschuckle e desejando com todo o fervor da alma que o Capitão Schickleschuckle, Herr Hauptmann Schickleschuckle viajasse logo de manhã bem cedo para o Sul; porque ia de certo para o Sul. Mas que viajar quê? Seria sorte demais. Quem ia viajar mesmo era o noivo de Cidinha, junto da qual Juca viera postar-se, silencioso e de ôlho

erguido. E a mão da Menina, que ficara a princípio pousada na borda da mesa, dela se ergueu com uma lentidão de pássaro ferido que levanta vôo e se pousou sobre a cabeça de Juca. E eu, se a fantasia fôsse permitida nestes casos, diria que Juca ronronou como um gato.

Pois é, o Luiz partia mesmo no dia seguinte logo pelo primeiro trem e, segundo parecia, iria demorar-se pelo menos um mês. O tempo que eu tinha destinado para ficar na Serra. De modo que o que sucedia era o seguinte: não se tendo verificado a primeira hipótese, verificava-se a realidade de eu ir ser, não espectador de noivos, mas comensal de noiva saudosa. E ia suspirar, como convinha à situação, quando se ouviu raspar na porta e logo uma coisa entre gemido e latido. Isso: o que faltava. E, mal o Juca, quasi de um pulo, abriu a porta, o infalível cachorro veio ganindo e saltando atirar-se a Cidinha. E o tal ganido gemendo. Esquisita coisa esta de cachorro. Perceberia que Cidinha ficara triste?

— “Macaco-Prego” ... — fez ela baixando-se.

“Macaco-Prego”! Ainda por cima um cachorro com um nome daqueles.

— “Macaco-Prego” ... — continuou — você não quer ir dar de comer ao bichinho?

E Juca, daqui por diante “Macaco-Prego”, quasi correndo, cachorro pulando e êle pulando, enfiou para a cozinha. Frau Bambleberg, era evidente, não gostava daquelas sem cerimônias. Mas, com hóspede, que remédio há para um povo imperial senão ficar calado? E fui eu quem falou:

— “Macaco-Prego” ... Ora aí está um nome bem pôsto. Não é que o menino se pareça com o macaco. Mas é que felizmente êsse macaco se parece com o menino. — Porque também não gosto de macacos. Sempre nie deram a impressão de gente que se faz de esperta.

— Quem lhe pôs o nome foi ela ... — disse Luiz. E olhou-a com todo o encantamento que a Menina merecia. Que merecem tôdas as Meninas do mundo; mas aquela muito mais que as outras, com a sua calada e carinhosa vizinhança da Morte.

Naquele momento estava eu atacando abacates, operação que acho se deve fazer com alguma liturgia em agradecimento dessa maravilha de fruta. De modo que não fiz mais comentário. Também não era mais possível; precedendo de pouco o afundar-se no seu xadrez, o Capitão explicava a Frau Bambleberg, com uma veemência áspera e despropositada, como tinha conseguido o bilhete; e os noivos se meteram para outra sala, onde imediatamente cachorro e “Macaco-Prego” lhes foram fazer companhia. Coitado de “Macaco-Prego”! Ia fazer companhia. Porque foi num instante que Frau Bamble-

berg o chamou e o mandou levantar a mesa; o que êle fez, obediente e calado, sem levantar de seu serviço um ôlho que eu já vira quieto e triste e que só tinha verdadeiramente brilhado quando Cidinha lhe falara. Porque lhe tinha dado a luz, provavelmente. Há no mundo uma quantidade de coisas que a gente atribui a psicologias e não sei que mais mistérios, e afinal, bem vistas, são apenas de física.

E lembro-me perfeitamente que foi de física que estive ruminando todo o tempo que levei fora de casa passeando o jantar. Tomando, por outro lado, contacto com aquela serra como gosto de o fazer com todos os lugares que desconheço: de noite quando não há perigo de encontrar ninguém e quando as coisas são completamente diferentes do que são de dia e mais verdadeiras, suponho eu; porque de dia se compõem; isto é, a luz do sol lhes faz tomar lugar no grupo; as torna sociais. Ao passo que de noite são elas próprias e cada uma de per si.

Pois um a um fui conhecendo aqueles pinheiros que me iam fazer companhia durante um mês; e duas rochas que ficavam para a descida do lado contrário ao da estação, quási no meio do caminho, o que o tinha levado a dividir-se em dois ramos que torneavam as grandes pedras. Conservavam ainda uns restos de calor do sol; pelas fendas havia musgos; os pés ficavam muito repousados numa espécie de prateleira da rocha e podia-se com todo sossêgo contemplar, como eu supusera do trem, as luzes de Pindamonhangaba brilhando lá em baixo no vale. E só daquele lado, justamente, porque do outro ia subindo o nevoeiro contra que me tinham prevenido, mas que eu esperava com muito gôsto.

Para lhe dar mais possibilidade de me surpreender sem o ver chegar, deitei-me bem cômodo na rocha de papo para o ar, vendo as estrêlas que resplandeciam no céu tão grandes como as do Algarve. Só que me desorienta seu bocado não haver Ursa Maior por êste hemisfério e gosto menos da Via Láctea de cá do que da outra. Mas a verdade é que também há Cruzeiro do Sul e as Nuvens de Magalhães. E, à volta disto houve então física. Pulei para as estrêlas variáveis e ali estive calmamente pondo de lado tudo quanto até hoje se tem feito de hipótese; pensando também, porque não há jeito de me manter por muito tempo em ciência objetiva, de como talvez tivesse sido melhor orientar-me para a astro-física, em lugar de me ter metido com insetos, se era com insetos que eu andava metido. E, como me surpreendesse de repente, sem nexo lógico, a olhar grandes estrêlas de mar, num abrigo de rocha, percebi que passara pelo sono. Olhei de novo para o vale, mas não havia mais nenhuma luz. O nevoeiro cobrira tudo; e

vinha subindo muito manso pela encosta da serra, insinuando-se por tôdas as quebradas, espraçando-se por todo breve' plai-
no, subindo em rolos pelo caminho, a que dava, apesar de cer-
rado, uma luz difusa, depois a mim próprio me envolvendo,
com seu jeito macio e seu macio cheiro. Então, como súbita-
mente fiquei sem saber se o nevoeiro vinha de fora ou de
mim, achei que o que tinha a fazer era levantar-me de salto e
ir dormir de vez para o quente da cama.

Donde me levantei bastante tarde, como se calcula, e don-
de me continuei levantando tarde, durante todo o tempo que
estive em Campos. Umaz vezes porque saía e me demorava
espiando estrêla, outras porque me refastelava, lendo, numas
excelentes poltronas que Frau Bambleberg arrumara na sala.
Nessas noites, tinha a infalível companhia de "Macaco-Prego",
de Cidinha e do cachorro. Ficávamos os quatro, sós, ou
antes: ficavam os três e eu. Os três nitidamente para um lado;
eu para o outro, o que não quer dizer que não fôssem muito
amáveis comigo, inclusive o cachorro. "Macaco-Prego" até se
fizera meu grande amigo depois que eu lhe ensinara uma nova
maneira de dispor caniço d'estrêla, mandara vir de baixo
papel de seda e lançáramos juntos no céu de Campos o mais es-
plêndido papagaio de que se podiam gloriar aqueles ares. Mas
a verdade é que formavam grupo à parte, ou nos passeios, e
Cidinha nunca saía sem que "Macaco-Prego" fôsse com ela, ou
nos serões.

Serões que seriam melancólicos se não fôssem as minhas
leituras; mas que se tornavam então imensamente melancóli-
cos quando me vinha à idéia, na tal hora do sono, que aquilo
podia ser a minha casa e os meus serões e aquela a Menina
minha. E quem sabe se até aquele o meu cachorro. Pobre Ci-
dinha, que nem suspeitava de tôdas essas maluqueiras. A Me-
nina se despedia da vida com um jeito calado. De dia, quando
ia passear, trazia flores; e, ao serão, ia-as dispondo entre pa-
péis grossos para coleção; havia umas que se podiam ir pren-
dendo até formar coroa; e Cidinha, pacientemente, ia forman-
do coroa. Às vezes o entretenimento era com folhas: pegava
nas folhas, estendia-as sôbre o mesmo papel e batia-as de le-
ve com uma escova até ficarem reduzidas a todo o fino tecido
de nervuras; como ela própria, dia a dia, parecia ir reduzindo-
se. Certa noite houve novidade: Cidinha puzera sôbre a folha
um outro papel e, quando acabou a operação de bater, a fo-
lha, em carne, apenas conservava o nome de Luiz. E daí por
diante foi êsse o destino habitual das folhas.

Nunca a vi ler, a não ser num almanaque velho. Não sei
o que preferia, porque nunca leu alto, nem para Juca ouvir.
Porque o Menino não sabia ler. Nem quis, quando eu me ofe-

reci para o ensinar. Ora, na verdade, para que ia ele ler ali na Serra? E, sair da Serra, para quê sair da Serra? E ficamos por isso mesmo, com "Macaco-Prego" acompanhando Cidinha nos seus passeios de dia, acho que sempre para o mesmo lado, o do ribeirão que rolava para o vale, com "Macaco-Prego" não largando Cidinha no serão, e coitado, cabeceando de sono ao lado do cachorro enquanto a que afinal era a dona de ambos batia suas folhas ou ia dispondo suas flores. E esperando Luiz, naturalmente. Luiz que não voltou até eu me dispor para a partida, que demorei ainda um pouco, porque não me apetecia deixar Cidinha só, com aquela Frau e aquele Capitão. Suponhamos só que a Menina um dia... Bem, não é? Desagradável, com êsses dois sujeitos. Mas Luiz não vinha e eu tive que descer assim mesmo. Por uma clara manhã de sol e com o trote ligeiro de Juca ao lado. E o pior é que já em Pinda comecei a ter minhas saudades de "Macaco-Prego".

II

Se antes de Campos era difícil aguentar a história das moscas, depois é que ela se tornou completamente insuportável. Aconteceu, para aumentar-me o tédio do trabalho, que logo naquele ano Ervide se lembrou de me dar um dos mais gordos rendimentos de que eu me recordava. De modo que mal recebi a notícia o interesse pelas estrêlas variáveis de tal maneira se apoderou de mim que desta vez pedi licença ilimitada, e ia ser mesmo ilimitada, pobre dela, e me passei para S. Paulo que me parecia naquele momento a cidade em que me ia dar melhor. Ainda estive um momento pendendo para a Serra e para o gôsto de rever "Macaco-Prego" e a própria Cidinha, no fim de contas. Mas, pensando bem, a verdade é que me podia suceder qualquer coisa que me deixasse más recordações do lugar e do tempo. Estava com um certo medo de que houvesse acidente com Luiz. Aquela descida súbita da Serra e aquela demora não me pareciam de muito bom agouro. Como não tinha pensado nisso antes? Ora, vira-os de tão tranquilo jeito na véspera da partida, depois aquele sossego e aquela repousada fidelidade de Cidinha, que nem tal coisa me passara pela cabeça. Mas podia muito bem ser. E o melhor, efetivamente, era largar para S. Paulo.

Eis-me, pois, em S. Paulo, à volta de astronomia, além de tudo muito mais para consultar livros do que para olhar o céu, o qual é sôbre aquela cidade singularmente caprichoso e avaro de si. Quâsi tôda a noite é certo correr núvem de Santos e não haver raça de estrêla nem variável nem invariável. Quando as nuvens não eram noturnamente especiais, a culpa

era minha, que prefiro S. Paulo em tempo de garoa e naquele cinza londrino que dá à cidade a sua autêntica realidade; e então fazia promessas especiais aos deuses que já em Roma, pois não é o tempo sem real passado nem futuro?, eram encarregados de velar pelas delícias da garoa em S. Paulo. Primeiro a apanhava lentamente andando pelas ruas, e como o problema é poder andar lento em S. Paulo no meio de toda aquela gente apressada, havia umas ruas catalogadas para os lados de entre a Paulista e Ibirapuera, com aquela soberba descida sobre o Parque e os longes delidos do tal cinzento de céu e terra, a fina rede de nevoeiro e chuva se me colando à face. Num jardinzinho de talhe romântico, de que nunca soube nem quis saber o nome, porque provavelmente é de político, é que a garoa assumia todos os seus encantos; os próprios cimos das árvores, a uns metros acima de nós, ficavam velados na doce chuva, lentos caíam os pingos das folhas de velhos "ficus", lenta e a um tempo luzidia e baça escorria a humidade pelos troncos que segundo as velhas leis da botânica e do estilo deviam ser rugosos, mas que a meu ver o que ficavam eram de macia seda, a olhos e a dedos.

Oh boa chuva e boa astronomia essas, que, depois de um chá tomado nalgum discreto salão que era por fora livraria ou casa de flores ou pequeno bazar, afastando os mãos apressados, tão bem se casavam depois nas celas de trabalho da Biblioteca Municipal à volta dos volumes de Yale e de Harvard e do Monte Wilson de que laboriosamente ia tirando minhas fichas. Estava tão afastado de tudo como se aquilo fôsse uma estação de trabalho no Polo. E tão mais comodamente que no Polo, com o moço para trazer os livros, elevador, logo ao dobrar da esquina um bar em que, interrompendo a ciência ou cultivando o que de melhor ela nos tem dado, se podia tomar um café excelente e uma "caipirinha" mais excelente ainda. Será que também garoava em Campos de Jordão? Desconhecia por completo tudo o que fosse meteorologia daquele lugar, a não ser de dia um sol claro num céu de tão nítido azul que só apetecia que as casas da Serra, e quem sabe se grandes trechos da Serra, fossem caiadas de seu resplandecente branco pelas minhas patricias do Algarve. Bom, vou dizer uma coisa absurda, mas como será apenas mais uma a acrescentar a muitas outras, aí vai ela: caiadas pela mão perita de minha avó Maria Mateus.

Mas o que eu ia contando era que de vez em quando me interrogava sobre Campos de Jordão debaixo de garoa. Como ficaria "Macaco-Prego", espreitando pela janela um céu igual àquele de S. Paulo? Como ficaria Cidinha fazendo suas coroas

e batendo suas folhas? Se alguma lágrima lhe correria vagarosa pelo rosto como vagarosa corria a água pelos troncos? Se havia alguma saudade mais longa e mais resignadamente desesperada naquele recordar do nome de Luiz? De uma vez estive mesmo para telegrafar ao Capitão Schickleschuckle, em alemão: "Atenção! Achtung! Diga se garoa". E lhe poria "garioieren", contribuindo para o acréscimo do léxico germânico. E o caso é que pensando bobagens destas, ficava sem tirar fichas a que logo volvía com um grande zelo como se isso me fôsse interessar profundamente ainda uns meses depois. Como se diz daquele amor que é como água em cesto de menino? Mas, como penso logo a seguir que cesto foi uma das primeiras formas que tomaram na raça humana Bancos e Caixas Econômicas, acho que me devo dar por muito feliz em não ser dos que armazenam. Quem sabe se Menino não faz seu cesto assim mesmo para que a água não demore muito tempo saudosa do céu e sem jeito de sumir na terra, para voltar a seus grandes e interminos passeios? E quem sabe então se amor não é também para se não meter em cestos, mas só formar atmosfera, esta carinhosa, discreta e mansa atmosfera de garoa?

A grande coisa a fazer era ir eu mesmo a Campos verificar se havia garoa. O pior era a questão do tal noivo. De modo que o mais prudente seria deixar que o tempo corresse mais um pouco e fôsse encontrar ou Luiz na Serra ou Cidinha já sem as saudades suas em período de exaltação. Tempo foi, pois, correndo e eu fazendo ficha. Amigos vieram, amigos foram, não sem eu os ter levado, segundo o grau de amizade e suas predileções especiais, aos sitios que pacientemente caçara durante todo aquele tempo. Ah, porque eu sabia de onde se veem reluzir melhor as côres dos patos do Horto Florestal, e com que luz. Onde as giestas se empinam com mais dourada alegria naquelas residências dos Jardins. Onde há beija-flor na curta Primavera e em que pés de rosa da China êles se demoram mais tempo, com as asas ruflando num brilho ágil de pedrarias e setins. Mas nem estrêlas nem fichas nem amigos me superam saudades quando elas se me instalam mais imaginadas que vividas. De modo que um belo dia, sem saber muito bem como, porque a resolução, como tôdas as que bem se tomam, às vezes, não foi das discutidas e meditadas, eis-me a caminho de Campos, mas desta vez num ônibus que dava sua volta por Jacareí. Só para passar perto donde uma vez atravessara o rio, numa noite profunda, com as estrelas em céu e água, e a balsa fazendo uns redemoinhos de corrente onde as estrelas se afundavam, depois reapareciam longe, à tona da água já quieta.

Mas afinal o rio só era bonito de noite e na minha lem-

brança, de modo que fiquei muito grato por o ônibus passar correndo e me ter deixado em Pinda à hora certa de pegar o trenzinho elétrico. Como da outra vez, telegrafara, e quem vi, bem antes ainda de os carros pararem, foi mestre Juca, que se levantava do banco da estação para me receber. Velho "Macaco-Prego"! A mesma coisa; não bem, bem a mesma coisa. Pareceu-me mais pequeno o rapaz e mais magro. Defeito da memória, ou da luz, que estava bem ruim naquela noite. E por aí enveredei a conversa, antes de abordar assuntos mais difíceis.

— Ué, seu Juca, que luz ruim esta, hein?

— É, sim, senhor. — E ficou-se calado.

— Por que é que ela está assim?

— Falta de água na calha. — Mestre Juca era muito técnico em eletricidade e grande amigo do moleque que limpava de folha a dita calha.

— Então não tem chovido por aqui?

— Não, senhor. — E outra vez quieto. Nem dentuça sequer.

— E será que isto não é mesmo folha na calha?

— Que quê fôlha? ... — como se lhe ofendesse os méritos do amigo.

— Então é falta de água, seu Juca ... — Nem me apetecia dizer uma só vez "Macaco-Prego"; parecia-me que isso obrigaria a perguntar logo como estavam tôdos; e lá viria, fatal, a história de Luiz.

Como por êsse lado a conversa não fôsse mais, começámos a andar devagar os dois pela estrada fóra, em silêncio no relativo silêncio da noite, porque já os cururus de qualquer sapal tinham começado suas falas.

— Cururu, Juca?

O menino foi muito paciente com o naturalista. Ora, coitado de "Macaco-Prego", com quem não era êle paciente.

— Cururu, não senhor. Tanoeiro.

Pois claro, como fôra eu confundir um bicho com o outro. E não ousei mais zoologia. De propósito, e ao mesmo tempo sem dar por isso, eu ia lento pelo caminho. Queria ter tempo de demorar e não queria que se chegasse a casa sem saber ao certo como teria recebido Cidinha a notícia do rapaz, se é que viera. E se não tivesse havido nada, queria logo de entrada fazer um bom espalhafato com Frau Bambleberg. Porque enfim, coitada da mulher, sempre era meio triste estar por ali, sôzinha numa terra de outra língua, eternamente rindo para a gente porque se lhe pagava pensão, e sabe-se lá com que saudades de seu Mecklemburgo natal. Se era Mecklemburgo; mas foi o nome de terra de que me lembrei naquele momento.

— Pois, Juca, eu lhe trago aqui um presente de estalo.

— É, sim, senhor — respondeu êle, como convinha à aqui-

escência que devem os meninos, e sobretudo os meninos pobres.

— Adivinhe lá você o que eu lhe trouxe...

— Eu não sei, não senhor...

— Pois lhe trouxe um barco de corda para andar sòzinho no ribeirão... Você sabe, o poço?...

— Sei, sim senhor.

Era um grande remanso sombreado por uma mangueira de enorme roda e a cujo tronco ficavam presas, de uma estação para as outras, as cascas das cigarras. Das minhas cigarras. O lugar era muito da predileção dêle e de Cidinha; quero dizer, de Cidinha e, portanto, dêle. Com a história do barco, mas só pensei nisso mesmo na estrada, à medida que íamos andando, era capaz de os poder acompanhar no passeio e de ajudar a Menina a distrair-se das saudades de Luiz.

— A gente dá corda, você vai para o outro lado e eu mando-o para lá... Vamos experimentar amanhã, logo cedo. — Coisa fácil de o rapaz passar para a outra margem sem nenhum perigo. O poço, para o lado de onde corria o rio, tinha um lago largo, por onde mal se molhava o pé.

— Pois vamos, sim, senhor. — E recaiu no seu jeito de ir calado e num passo lento, a compasso do meu. Um pouco mais rápido, porque sua perna era curta. E de súbito, como tantas vezes me aconteceu, estava eu perguntando:

— Como vai o senhor Luiz? — E encolhi-me todo para a resposta. Que logo veio, muito calma:

— O senhor Luiz está bem.

Uf! quanto peso se me tirava de cima dos ombros. Ainda bem, coitado do rapaz. E da moça. Ficar assim de repente, sem nenhuma espécie de apoio na vida. De modo que acrescentei logo:

— Dona Cidinha é que há-de ter ficado bem contente. — O que evidentemente Juca não podia entender sem ter sabido do eu pensara. Mas o menino, acho que nem deu por isso; porque imediatamente:

— Dona Cidinha morreu.

Ora, se tinha ouvido bem. Naquele silêncio da estrada as palavras tiveram o som definitivo, definitivo para todo o sempre, de uma lage que vem e fecha túmulo. E foi só por não ter outra coisa que dizer que perguntei:

— Quê? Dona Cidinha?

— Dona Cidinha morreu.

Esteve um momento calado, depois, como um último dobre que ecoasse, repetiu:

— Morreu.

E calado ficou. E, como nada mais havia que fazer:

— Juca, essa maleta é pesada demais para você. Deixe que

eu levo um bocado. — Mas “Macaco-Prego” me pareceu ofendido :

— Que nada. Liviana. E é logo aqui . . .

E era mesmo. Até com Frau Bambleberg me recebendo à porta, porque decerto, achando tempo demais para o percurso, viera averiguar do que se passava :

— Pois é . . . Vim vindo devagar. A noite está boa para passeio . . .

— Quanto pprazer, Dr. Matias !

— Mateus — restabeleci eu para a História.

— Oh pá ! — exclamação que Frau Bambleberg considerava de muito bom tom, e sobretudo estabelecendo muita fraternidade com o hóspede. — É lógico. Dr. Mateus.

Inquiri do Capitão. O Capitão fôra ao Sul, de viagem. Muito bem, excelente coisa ver-me livre daquele sorumbático diante de seu xadrez. Depois, foi a vez de uma festa ao cachorro que viera pular a Juca, e logo os dois se meteram para a sala de Cidinha. Eu nem me mexi.

— Não, prefiro descansar um pouco no quarto. Depois deço para jantar. — E pús de parte o convite de Frau Bambleberg para as poltronas da sala. Enèrgicamente, dispus as minhas coisas nos lugares em que iam ficar por um mês. Se me aguentasse por alí um mês, o que me parecia pouco provável. O quê ? Tôdas as noites as lembranças de Cidinha guardando flor ? A todo o jantar e a todo o almoço o lugar de Cidinha vazio à minha frente ? E ainda por cima de tudo, o moço que devia estar numa miséria de suspirar saudades ? Que nada, como diria o Juca. E arrumando pincel e navalha e sabão e pendurando roupa, o fazia por puro hábito; porque o sensato era tomar o primeiro trem da manhã e, pelo menos, descer para Pinda. Depois, que havia eu de dizer ao rapaz ? Nem lhe ia aparecer na sala, claro. Ora isto, Cidinha morta. E curioso, como podia Juca, quando eram tão amigos, falar assim tão secamente ? Era como se não tivesse havido nada. Bom, de qualquer maneira nem pé na sala.

Mas Luiz me esperava na sala de jantar, no lugar que segundo acho ocupava sempre, para me fazer companhia; ou para eu lhe fazer companhia a êle ?

— Boa noite, como vai ? Esteve uns meses sem aparecer . . .

— É . . . S. Paulo . . . Uns negócios de estrêlas . . . Pois é . . .

— E fiquei sem jeito. Ora, realmente, que lhe havia eu de dizer ? Para isto, quem servira era mesmo minha avó; se a pessoa sentia muito a morte, ela dizia a frase tradicional : “Então, todos temos que o passar . . .”; se sentia nada ou pouco, vinha uma frase dela própria: “Calma, compadre, que vossemecê ficou vivo”. E com isto se tirava de dificuldades. Depois, o que

me parece é que até ali ela teria suas dúvidas. Sentira Luiz a morte de Cidinha tanto quanto ela sentiria a dele? Estava na mesma, creio eu; mas a verdade é que eu só o vira daquela primeira vez e de fugida. Talvez o sorriso lhe fôsse mais cansado, talvez os olhos menos atentos ao mundo. E não sei se já o teria: mas notei-lhe logo, enquanto jantava, um costume meio monótono, o de ficar traçando com a unha do indicador sobre a toalha de Frau Bambleberg uma rodinha que eternamente sobre si mesma recomeçava.

— Quanto tempo espera o Dr. ficar por aqui?

— Bem, depende...

— Mas pelo menos aí um mês?

— Não... Muito menos de um mês.

— Sempre há-de dar tempo de se arranjarem por aí uns passeios.

— Pois não, com muito gosto.

— O senhor já esteve no poço do ribeirão?

— Aquê... — e parei de súbito.

Ele voltou:

— O da Cidinha.

— É... Eu soube há pouco...

Mas Luiz com a história do círculo nem me deu atenção. Então mudei de assunto:

— Eu até trouxe um barco aqui para o Juca... — e voltei-me para "Macaco-Prego" que, de cachorro ao lado, acampara junto do rapaz.

— Tchi, que festa, hein, Juca? Vamos logo de manhã cedo...

— Bem, eu não quero atrapalhar o serviço dele.

— Ah, não atrapalha nada. Ele agora nem está no serviço da casa. A Madame emprestou-mo...

— Então foi o senhor que o mandou à estação?

— Não, eu só lhe dei licença, êle é que pediu para ir.

E então mestre Juca se pôs brincando furiosamente com o cachorro.

Muito menos furioso e interessado me pareceu no dia seguinte com o barco. Lá foi direitinho para a outra margem, aprendeu num instante a dar corda e a endireitar o leme para que o barco, vencendo a corrente, viesse aportar aonde eu estava. Mas a minha impressão foi a de que se estava divertindo pouco. Quem mais se divertia era eu, que gosto de barcos, mesmo de corda, e mesmo naquele ribeirão de serra. De qualquer modo, o costume pegou; e antes do almoço lá íamos os três mais o cachorro inventar evoluções do barco; eu sempre na margem de cá, ao lado de Luiz, e, na outra margem, cachorro e "Macaco-Prego".

Luiz brincava tanto como eu; mas de vez em quando fica-

va quieto olhando a água ou passando lenta a mão por aqueles capins todos em que Cidinha costumava colher suas flores. Ou idéia minha ou realidade, parecia mais abatido a cada dia que passava. Uma vez, prevalecendo-me da minha qualidade de médico, perguntei-lhe como iam as coisas. Percebi que iam mal, ou talvez para êle fôsse bem, porque me respondeu:

— O Dr. diz que está quasi passando... Qualquer dia desço para casa de Mamãe.

— No Rio?

— Alto da Serra. O senhor sabe? Bem antes de Barra.

Se sabia. Excelente clima. Magnífico para convalescença.

— Pois é — repetiu êle — magnífico para convalescença. Olha o barco!

Esqueceramo-nos dêle e do seu combustível de corda, e, dada uma volta vagarosa e sem convicção, em que não atingira a margem de Juca, que, de resto, ficara também olhando para nós, o barco enfiara direito para a pedra da corredeira, balançara à toa na corrente, depois com um bôrdô brusco metera ao canal, batia numa pedra, noutra e noutra, com uns saltos desajeitados e sumia noutro poço mais abaixo.

— Pronto, lá se foi. Mas não tem dúvida, Juca, eu arranjo outro para você. Não tem dúvida.

“Macaco-Prego” repetiu, lá do seu pouso na margem:

— Não tem dúvida, não senhor.

— Mas também porque é que você não deu logo daí um mergulho?

— Eu não sei nadar, não senhor.

— Pois para outra vez hei de ensinar você.

E não sei porquê, meio irritado, levantei-me e larguei.

III

Pois logo no dia seguinte fiquei preso em casa; caíu quasi durante horas uma chuva grossa, que parecia dissolver completamente a serra e que tingiu de vermelho o ribeirão; para a tardinha deu jeitos de amainar, mas pouco lhe duraram tais disposições: recresceu de novo, embora sem a violência dos primeiros ímpetos; deitei-me com ela enxurrando pela estrada e zunindo no zinco de um barracão do quintal; e, quando acordei, com o quarto todo mergulhado numa luz baça e escorrida, foi logo o ruído da água que acho não cessara de cair, o primeiro que me chegou aos ouvidos. Desejara garoa e tinha dilúvio. Em todo o caso, ainda podia ser que estiasse.

Estiou nada. Foi pelo dia inteiro aquela monotonia da chuva caindo. O que me lembrou aqueles velhos dias do Pôrto, em que durante um mês ou mais a cidade se alaga de água e

a gente nem sente saudades do sol, mas a descrença do sol; a vantagem que a Serra oferecia sobre o Pôrto é que não havia frio nenhum; nem calor também; morna descia a água, morna vivia a gente. Por felicidade, o Capitão não regressara do Sul e não tinha que se juntar à monotonia de céu e terra a monotonia daquele ser vivente jogando seu xadrez. De resto, toda a casa parecia ter adormecido ao som da chuva; ou nela se embalar. Frau Bambleberg emergia de quando em quando da sua cozinha, olhava pela grande janela da sala e murmurava um "Orra que tempo..." sem convicção e sem alento. Luiz pegara num almanaque que eu trouxera comigo e lia-o metódicamente, página a página, com o calendário do agricultor, os pensamentos e as charadas, estas, como tive ocasião de verificar, sem nenhuma tentativa de decifração; lia-as e passava adiante. Quanto a Juca e ao cachorro, como que se tinham enrolado os dois ao lado um do outro; cachorro quasi sempre dormia e "Macaco-Prego" quasi sempre ficava olhando o cachorro e olhando Luiz, absorvido no seu almanaque.

Almoçamos com uns copos já pegajosos de humidade e a pouco e pouco a chuva como que foi penetrando em nós próprios. Isso mesmo; chovia dentro de nós como do céu à terra. Lá fora a água ia arrastando para o ribeirão as terras de cima; em nosso interior, a mesma chuva ia deixando mais visível o que talvez fôssemos no fundo. Uma Frau Bambleberg pessimista, mas resignada a vida; um Luiz cuja personalidade se podia absorver inteira em charadas que não decifrava e que nem de perto ou de longe dava mostras de se lembrar muito de Cidinha. E Cidinha, como estaria ela, na sua terra que lentamente a água ia empapando? Achei naquele momento que finalmente quieta na sua verdadeira vocação, a de não dar pelo tempo. Não se lembrava de nós: nos via em seu eterno presente e nos via como um eterno presente: a seu noivo como ao homem a quem ela dera a única vida e o único interesse que poderia jámais ter e que, morta sua Menina, provavelmente principiara também a sua própria morte; à Bambleberg com um pouco de melancolia por sua inútil existência; a mim, como aquele que, ao contrário do que lhe sucedia a ela, dava pelo tempo: mas em Cidinha nenhuma pena: porque ela sabia que, apesar de tudo o que digo e escrevo, eu gosto de dar pelo tempo. E de repente, devaneando tudo isto ao lado da janela, apenas tivesse um pouco de saudades de seu "Macaco-Prego", tão sossegado, tão humilde, tão fiel companheiro; mas que de resto nunca dera mostras de se lembrar da Menina.

Foi o momento que Luiz escolheu para interromper a sua leitura, se levantar com lento jeito e subir para o quarto. Eu levantei-me de meu pouso, cheguei-me ao pé de Juca e disse-lhe:

— Esse cachorro nem mexe. Parece morto.

— Que morto nada.

— Também com um tempo dêstes é como se a gente estivesse morta. Você não acha, Juca?

— Mas a gente está viva.

— Mas afinal que diferença é que faz uma coisa da outra, Juca?

— O morto não vê a chuva.

— Mas para que serve ver a chuva?

— Para estar vivo — e passou a mão pela cabeça do cachorro.

— E para que serve estar vivo?

Creio que o menino já estava aborrecido com as minhas perguntas porque me respondeu apenas:

— Para ver a chuva.

Mas no fundo talvez tivesse razão; talvez não tenhamos mais nada que fazer na vida senão ver a vida. Só que eu sou da raça dos que questionam a vida. E voltei às perguntas:

— Você não tem pena de que Dona Cidinha não esteja aqui para ver a chuva?

— Dona Cidinha não gostava de chuva.

— Como é isso, Juca? Você acha que vale a pena a pessoa morrer para não ver aquilo de que não gosta?

Juca naturalmente não entendeu, porque disse apenas:

— Dona Cidinha não gostava de chuva.

Eu então voltei:

— Valia a pena Dona Cidinha morrer só para não ver a chuva?

— Ah isso não. Dona Cidinha tinha o Sr. Luiz.

— Bom, mas morreu assim mesmo.

— O Sr. Luiz não estava...

— Mas estava o Juca.

Ele ficou primeiro muito calado, depois baixou os olhos, passou de novo a mão pela cabeça do cachorro; e murmurou:

— Juca não é gente grande.

Claro que não. Gente grande era eu que me punha com aquelas perguntas. Mas devia ser da chuva. E de tal modo se me foi esta idéia instalando na cabeça que pela tardinha, quando já me sentia sem esperança de que aquele aguaceiro viesse jamais a findar, me cheguei para o pé de Luiz e de seu almanaque e lhe disse:

— Sabe o senhor uma coisa? A mim o que me parece é que êste tempo está para durar.

— É. Isto vai demorar uns dias.

— Será que a gente não faria melhor em descer e voltar depois quando o tempo firmasse?

— Descer, é?

E deu a tóda a volta da sala um olhar descansado; como que um olhar amigo de velho conhecido. E como se lhe custasse deixar aquilo tudo.

— Descer e voltar depois. Frau Bambleberg mandava-nos um telegrama e a gente subia.

— É... Podia ser... Ela mandava o telegrama...

— Se o senhor decidisse isso, íamos os dois. E ainda pegávamos o trem desta noite.

Luiz olhou-me com uns olhos que pareciam mais fundos; no seu rosto não havia nenhum traço de decisão; mas era, por outro lado, como se estivesse inteiramente disposto ao que era inevitável. E, comigo resolvendo as últimas coisas, já ao lusco-fusco, com guarda-chuvas e capotes, patinhávamos a tijuqueira da estrada. Ao nosso lado, como é de supor, "Macaco-Prego" e o cachorro.

— Então até logo, Juca. Isto é só dar um pulo à cidade, enquanto a chuva não passa.

— Até logo — respondeu o menino. E, debruçando-me da janela do elétrico ainda o vi, de guarda chuva fechado, apesar da água, muito quieto ao pé do cachorro, e sumindo na noite que cerrava.

Realmente a minha intenção era a de voltar logo; daria uma volta pelas livrarias do Rio, procuraria uns amigos a quem tinha prometido escrever de S. Paulo e a quem naturalmente não tinha escrito porque todo o esforço para a epistola me é defeso; passaria umas boas tardes na Biblioteca às voltas com a coleção do velho Barbosa Machado, uma tentativa de pegar certos elementos que me faltavam e me faltam ainda para história da ciência portuguesa no século XVIII. Fiz tudo isso, claro, embora o que diz respeito a êste último ponto ficasse bastante no ar. Mas acabei entretendo-me com outros devaneios, por exemplo o de visitar com miúdo vagar tóda a Secção de paleontologia do Museu Nacional; não porque me apetecesse entrar muito a fundo por aqueles domínios, demasiado complicados para meus talentos de pesquisa; mas para ver o que havia.

Pois leituras e visitas foram essas que me demoraram mais de mês; de sorte que, quando acordei daquele entretenimento, já o inverno principiava no Rio, aquele doce inverno que acho eu ser a melhor estação do ano e em qualquer parte do mundo, com o seu céu macio e luminoso, as águas da Guanabara azul e cinza na grande concha dos morros, e uma tão funda carícia de mar, terra e firmamento, mas uma carícia sem moleza, antes pelo contrário, como diria eu, uma carícia crespia e tónica, que na realidade o que me apetezia era ficar

até os princípios de Junho. Mas por outro lado me pulava o pé para pegar junto de um bom fogo o inverno da Serra, claro e sêco, e esperar lá depois pela breve primavera brasileira; mas aí talvez descesse para o vale do Paraíba, para uma daquelas boas fazendas préguiçosas à beira do rio: porque me lembrava de outra primavera, para os lados de Penedo, nas faldas da Mantiqueira, em que passara todo o tempo vendo voar os colibris em torno da florada de sebes.

E frio mesmo na Serra. Reclamei de Frau Bambleberg que acendesse a lareira e reforçasse a dose de cobertores na cama. O Capitão, que já voltara do Sul, resmoneou umas coisas a respeito de eu já me ter desacostumado do frio da Europa, mas a verdade é que acabou por se instalar com o xadrez ao canto do lume e ali ficava combinando seus complicados movimentos estratégicos. De uma vez ainda tentou convencer-me das maravilhas do jôgo. Mas eu lhe redargui, num português básico:

— Forte demais — e bati na cabeça.

— Muito? — perguntou com o claro ôlho de peixe admirando tanta estupidez latina.

— Mais que muito.

— Demais?

— Mais que demais. — E me deixou em sossêgo, não sei se por achar complicado o jôgo dêle ou mais complicada a minha língua e imaginar que horrores eu diria quando se tratasse de discutir alguma jogada.

Então, com muito excelente tranquilidade, me acomodava para ler horas seguidas por dia, com o Capitão para um lado e para o outro Mestre Juca e seu cachorro. Luiz escrevera apenas uma vez, para mandar o dinheiro de umas contas e mais um mês de ordenado do menino e de sua estadia.

— O problema — dizia-me depois Frau Bambleberg — o problema é o cachorro. Ele não se lembrou do cachorro. Ora o cachorro não é meu. E bicho come.

Come mesmo. Ora eu andava lendo Tolstoi, o que me inclinava a ser beneficente com cachorros; acontece, porém, que detesto encargos e que o que ia fazer apresentando a Frau Bambleberg qualquer proposta para sustentar o animal era realmente ligar-me à sorte do cachorro. Olhem só, com o meu humor vagabundo. Estar em Dakar, em Ervide ou na Patagônia e haver o bicho a ocupar-me o pensamento. Afinal seria eu o dono do bicho; e não podia tirar também do Tolstoi a idéa de que quem possui é possuído? E sobretudo havendo no mundo tanta gente com gênio, jeito e casa para ter cachorro. De modo que me absteve. De resto, o problema só ia pôr-se daí a um tempo: primeiro, porque o facto de Luiz não se ter lembrado

do animal nada queria dizer de definitivo; em segundo lugar porque muito liberalmente mandei pôr na minha conta a comida do bicho.

— Você vê, Juca, como o senhor doutor é bonzinho? Ele vai pagarre a comida do seu cachorro. O senhor Luiz paga a sua; o senhor doutor paga a dèle. Cada um fica com um bicho. — E riu muito da graça.

O Capitão não riu, porque estava com o xadrez. Senão riria. Eu não ri porque não achei graça nenhuma, bem pelo contrário: quanto a mim, aquele menino era menos bicho que tôda a Academia da Prússia. E o dito menino não se riu, porque ficara todo o tempo procurando pelo pêlo do cachorro uma pulga que devia ser imaginária, tantas vezes e com tanto cuidado o catava por dia. Não ri, mas disse-lhe:

— Dona, em Portugal temos um provérbio para isso: “Cada qual um animal”. — Bem, não temos, mas eu inventei para a ocasião.

— “Cada qual um animal”. Oh pá! É isso mesmo.

E era.

O pior era que naquele dia parece que estava apeteendo à digna senhora plantar-se ali ao pé da lareira e não me deixar ler, nem pensar e sobretudo, desporto que muito me agrada, nem não pensar. De modo que disse mais umas cojsas e depois, para Juca:

— Juca, será que lhe não está apeteendo dar um passeiozito lá por fora?

— Está, sim senhor.

— Então vamos embora. E traga o bicho. — O que não era preciso dizer, claro; mas estava-me dando gôsto ser fraternal.

Com um pulo ao quarto trouxe uma barra de chocolate, o que nos dispensaria até de almoço se preciso fôsse, e aí largamos. Ora, Deus, como se pode estar a um canto de lareira lendo Tolstoi quando na Serra faz um tempo dêstes. Uma delicia de ar, lavado, penetrado de arpepios de brisa e nem sôbre os picos mais longe da Serra do Mar ou da Mantiqueira pondo uma sombra de névoa. De lado a lado do horizonte um puro cristal de azul e vida. E nós três no dito azul e na dita vida, cachorro pulando atrás de quanto bicho lhe passava voando perto da sombra ou atirando-se nuns ímpetos cômicos de caçada que já sabia inexistente contra tôda a moita de capins ou, em maior arrancada, metendo-se pelo capão adentro, Juca quási sempre ficava ao pé de mim, mas de quando em quando lá sumiam os dois pelo mato. Eu não desgostava de ter “Macaco-Prego” a meu lado; era um companheiro ideal pelo silêncio e pelo passo, que sabia acertar com o meu. Mas também me não sentia pior quando largava com o bicho. Hábito de solidão faz

uma segunda natureza, pensava eu; a não ser que seja a natureza que nos dê hábitos de solidão.

De qualquer modo, depois de muita volta pelas veredas da montanha, descemos por um caminho novo, um desgraçado caminho que praticamente vinha a pique por um despenhadeiro de rochedos. Acontece, porém, que alpinismo foi muito de gosto meu e durante muito tempo; fiz coisas meio absurdas; e tenho como uma das minhas grandes recordações ter ficado uma vez, ali mesmo perto, nas Prateleiras, balançando de corda sobre quatrocentos metros de abismo. Perguntei a "Macaco-Prego" se aguentaria a descida, até o ribeirão que lá em baixo corria, um pouco já para juzante do conhecido poço.

— Ai aguento, sim senhor.

— Você não tem medo de escorregar?

Ele então tranquilizou-me:

— Eu já subi isto uma vez.

— Mas olha que a descer é pior, rapaz.

— Não tem dúvida, não senhor.

Mas sempre quis tomar eu conta do cachorro. Segurei-o como pude e comecei descendo; coisa curiosa, sem pensar na descida. O bicho ficara bem colado contra o meu peito, de modo que todo o tempo eu lhe sentia o coração bater correndo; pobre, frágil e inquieto coração, acho que com medo da descida e com medo ainda maior de sua consciência. E então ali, naquela meia altura entre crista de morro e águas do riacho, me veio uma das tais minhas idéias absurdas: a de que devia haver a profissão de tranquilizar corações de cachorro; e eu me ofereceria, já que não dou para mais nenhuma. Quasi a meu lado, "Macaco-Prego" descia também, muito ágil e muito seguro de pé; mas sempre de olho no bicho, naturalmente com medo de que eu o deixasse escapar. Deixei nada. Daí a pouco estávamos na prainha do poço, roendo chocolate. E por ali ficámos quasi toda a tarde, até que eu dei voz de partida, a tempo de pegarmos o lanche de Frau Bambleberg.

Aí nos esperava uma surpresa. Tinham chegado hóspedes, um casal, a meu ver antipático, mas que já pareciam íntimos da dona da casa. Tão íntimos que a conversa atrasou o lanche, o qual por sua vez foi demorado: a senhora simpatizara muito com o cachorro e dava-lhe bocados de pão com manteiga, o que não era alimento muito habitual do bicho, claro está. Juca, de canto, olhava. Quando acabava o pão com manteiga ele ia para Juca; mas quando recomeçava o pão com manteiga, ele ia para a senhora. E assim andámos durante três dias, em que o único jeito era fechar-me no quarto ou vaguear pela Serra. Numa das noites voltei tão tarde que só acordei depois das nove. Desci e vi Juca de pé. Quasi diria que tinha chorado.

— Que há, Juca? Que é de seu companheiro? — Porque me deu um palpíte.

— A dona levou.

Ainda sofrerei bastante a raiva para pedir a Juca que fôsse à venda buscar-me cigarros; eu não fumo, mas foi a única coisa de que me lembrei. Mas pulei logo para a cozinha.

— Então a senhora foi dar o cachorro do menino?

— Minha Amiga querria... Eu não posso ficar com cachorro.

— Não pode o quê! — E senti que estava sendo absurdo; efetivamente que obrigação tinha ela de sustentar o bicho? — E o Menino como vai ficar?

— Estes moleques não sentem... O doutor não viu? Tão amiga que Dona Cidinha era dele e olhe se sentiu. Isto são uns animaizinhos.

— Que animaizinhos nada. São gente...

Ela sorriu:

— Gente... E senhor Luiz foi-se embora e nem sentiu. E com o cachorro, o doutor vai ver: é a mesma coisa.

Como as minhas fúrias duram um momento, voltei para a sala já manso, a tempo que entrava "Macaco-Prego" com os cigarros.

— Obrigado, Juca... E passei-lhe uns cruzeiros —. Vou ver se lhe dou um jeito para o cachorro voltar; ou arranja-se outro, não é, Juca?

O menino redarguiu, calmo e digno como sempre:

— É, sim senhor.

Quem sabe se Frau Bambleberg não teria alguma razão? Desta vez, porém, o vício, se vício é, de achar razão a toda a gente, não me inibiu de agir. Ao almôço fui firme e dei à voz o tom certo para que Frau Bambleberg percebesse as razões:

— Dona, eu vou descer.

E ela percebeu mesmo porque só disse:

— Quando?

— Amanhã de manhã. — O que disse sem olhar para ela nem para Juca, que estava perto.

Depois do almôço preparei parte da mala e fui dar um passeio. Quando voltei, para ter o pretexto de dar mais um dinheiro a Juca, reclamei-o para uma compra. Juca, porém, saíra.

— Foi à estação?

— Ele disse que ia à procura do senhor.

E fiquei esperando Juca. Mas as horas passando e nada de Juca. Saí de novo, fui pela estação, onde ninguém o tinha visto. Veio-me o pensamento de que o menino pudesse ter fugido.

— Fugido parra onde? E o senhor julga que ele ia fugir

donde tem comida cerrta? — O que era também a abalisada opinião de Schikleschuckle. — Depois as roupa dêle estão tôda lá.

Para as ver eu mesmo fui ao cubículo onde Juca dormia. As roupas eram dois calções e duas camisas; que menino, fugindo, se lembraria de as levar. Por cima do colchão sem cama, colados na parede, dois recortes de revista: num um menino e uma senhora, no outro um menino, uma menina e um cachorro. Havia também, encostado à parede, um banquinho que cambava de um pé; e em cima do banquinho a última estrêla que eu lhe fizera e uma coroa das de Cidinha. Eis tôdas as suas posses.

De novo esperei até à noite. A noite saí e fui dar uns brados pelos morros, com uns "Juuucaaa", que ficavam ecoando no silêncio fino do inverno. Mas resposta nenhuma. Tentei dormir e não houve jeito. Até que lá pela madrugada tomei resolutamente o comando das operações, pus o Capitão para fora da cama e largámos a dar uma batida em regra, começando pelo ribeirão, que não explorara na véspera.

E aí estava Juca. Ficara meio na água, meio na areia da margem, como se aquele último, e talvez primeiro regaço, lhe tivesse fatalmente de ser estreito. Possivelmente, fugindo, ou procurando-me, lhe escorregara o pé nas rochas e se afogara no poço; mas que mau acaso escorregar nas rochas para um menino de pé tão firme. No fim, bem visto, parecia dormindo. E como dormindo o deixámos pouco depois em seu colchão, debaixo de seus recortes. Eu puxei o banquinho para a cabeceira com estrêla e coroa. E até Frau Bambleberg veio e lhe acendeu uma vela.



Figuras — desenho de Lima de Freitas

um de nossos números passados tivemos oportunidade de publicar um de seus contos, trabalho que é característico de sua maneira de escrever. O desenho que publicamos é da autoria do irmão do escritor, o pintor J. Brandão, e é uma ilustração para o volume de contos "O Vendedor de pinhões".

Não deixa de ser interessante, por sua vez, a comparação entre o curandeiro do Norte e o do Sul. Segundo o sr. Campos, o "benzedor" nortista ou nordestino é antes um místico, um idealista, enquanto que o do Sul não passa de um charlatão, embusteiro ou mistificador, ou, em outras palavras, um mero explorador da ingenuidade alheia. O autor destas notas, apesar de não conhecer os "santos" daquelas plagas, conhece muito bem os do seu Estado, da sua região, e eles não passam mesmo, via de regra, de impostores. Vale a pena citar, como exemplo, o caso do Contestado com os seus dois monges: João Maria e José Maria. O primeiro foi um idealista a seu modo, um líder bronco mas bem intencionado; o segundo, nada mais foi que um paranóico, um psicopata, se não um verdadeiro celerado. Mesmo o seu prestígio se baseava na falsidade, pois impingia-se como filho ou irmão do primeiro monge, e nessa crença é que se firmou a sua autoridade sobre a gente inculta do sertão. De 1915 para cá, muitos falsos profetas têm percorrido o nosso "hinterland". "São João Maria disse que um dia ele havia de voltar", afirmam os caboclos. Os espertalhões sabem disso, e aproveitam as ocasiões. De nossa parte, não obstante havermos recém-entrado na casa dos trinta, já tivemos oportunidade de ver, percorrendo os municípios de Lajes, Caçador, Curitiba e Campos Novos, e logrando ou explorando a gente simples daquelas paragens, nada mais, nada menos do que TRÊS "autênticos" João Marias. Outros exemplos poderíamos citar ainda — como o daquele TAUMATURGO que, dias atrás (escrevemos estas notas em Lajes, Santa Catarina, em 19-3-56), fugiu desta cidade, com uma vasta coleção de objetos que os otários lhe haviam confiado para BENZER —, para provarmos que os "curandeiros" (1) sulistas são mesmo uns vigaristas de marca, mas isto fugiria ao espírito deste desprezencioso comentário, inressando mais de perto à crônica policial.

Segundo nos parece, o autor deixou de lado — talvez porque o propósito do li-

vro não comportasse — as superstições crendices e REMÉDIOS relativos às doenças venéreas. Isto não é um reparo ao trabalho do sr. Campos, mas tão somente uma observação, pois o assunto é vasto, interessante e merecedor de coleta e estudo.

Por outro lado, Eduardo Campos, ao enumerar os males e os específicos usados pelo sertanejo, deixou de anotar quando este, por experiência ou instinto — mais por instinto do que por experiência, acreditamos —, acerta com o medicamento adequado para determinadas moléstias, ao ingerir suas beberagens ou quando receita ALGUMAS ervas ou raízes. Mas, frisamos outra vez, isto não constitui reparo algum ao que se contém em "Medicina Popular", e sim, unicamente, mais uma observação.

Enfim, para pingarmos o ponto final nestas anotações, só nos resta dizer que a obra de Eduardo Campos é, no seu gênero, um bom livro. Trata-se de um livro útil e sincero, no qual o estudioso do nosso folclore encontrará, além de copioso material para estudo, as inteligentes observações do autor, que se situa, por sua vez, pelo valor da obra que veio realizar, entre os mais argutos dos nossos sociólogos.

1 — Curador = curandeiro, de uso corrente na região sulina.

G. W. S.

MEDICINA POPULAR (Superstições, crendices e mezinhas) — Eduardo Campos — Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil — 2ª. Edição

O autor, radialista cearense que já se fizera conhecido como contista ("Águas Mortas", "Face Iluminada" e "A Viagem Definitiva") e teatrólogo ("O Demônio e a Rosa" e "O Anjo"), lançou-se, desta vez, ao ensaio sociológico. Este "Medicina Popular" não é apenas — como se poderia julgar pelo sub-título —, um repertório de crendices, mezinhas e superstições. Eduardo Campos não se contentou com a simples compilação. Muito embora o livro seja, na sua quase totalidade, o produto das pesquisas do autor, este não se limitou a coletar e expor o material. Foi além, muito além, estendendo-se em considerações. Nestas, pronunciando-se com acerto e conhecimento de causa, o sr. Campos conseguiu ser erudito. Erudito sem ser maçante, o que é difícil.

NOTAS & COMENTARIOS

"O VENDEDOR DE PINHÕES" — contos de Arnaldo Brandão.

Arnaldo Brandão já é um nome conhecido na literatura brasileira. Poeta e contista, tem diversos livros publicados, alguns deles já esgotados e que deverão sair em breve em segunda edição. *Bas-fond* (poemas); poemas de Arbran (poesia e verso em prosa); *Sol perpendicular* (versos em prosa); *Um brasileiro nos caminhos da Europa* (crônicas e descrições de viagens), são alguns de seus livros pu-

blicados. Dentro de breve deverá aparecer o volume de contos "*O Vendedor de Pinhões*", histórias que se desenrolam em sua maioria no vale de Itajaí. É bom destacar que Arnaldo Brandão é um jovem de Itajaí, muito embora residindo há anos no Rio.

Arnaldo Brandão anuncia para logo depois um romance, *Bartolomeu*, cuja ação decorre também na zona do Vale de Itajaí. Arnaldo Brandão não é um nome desconhecido dos leitores de "SUL". Em



O vendedor de pinhões — ilustração de J. Brandão para o livro de contos de Arnaldo Brandão



Compositor **Edino Krieger**

EDINO KRIEGER — MÚSICO
CATARINENSE

Edino Krieger, catarinense de Brusque, é um dos melhores compositores jovens do Brasil. Com uma obra já regular, embora pouco conhecida, vem batalhando constantemente por um maior aperfeiçoamento de sua arte. Em nosso último número, a propósito de Edino Krieger, tivemos oportunidade de publicar um ótimo estudo do crítico Vasco Mariz. De lá para cá, contudo, Edino não parou. Pelo contrário. Continuou trabalhando, continuou viajando, estudando. Esteve inicialmente no Festival da Juventude, em Varsóvia. Embarcou no dia 6 de julho do ano passado, com uma Delegação de 75 brasileiros, da qual foi eleito Presidente. Depois de breves paradas em Lisboa, Le Havre, Paris e outros lugares, chegou a Varsóvia em 23 de julho. O início do Festival foi em 1º de agosto. Ainda quando da sua estada em Varsóvia, Edino recebeu a notícia de ter sido premiado num concurso internacional de canções. A respeito do Festival, em carta ao seu pai, datada de 26 de julho, assim se manifesta Edino: "E agora eis-nos aqui, a espera do começo do Festival, preparando intensamente nossa participação. O programa do Festival é alguma coisa de monstruoso: durante 15 dias, cerca de 70 mil jovens, representando mais de 100 países, estarão apresentando suas danças corais, orquestras, teatros, cantoras, etc. Estarão aqui alguns dos melhores conjuntos artísticos do mundo".

Depois do Festival Edino voltou para Paris, rumando logo a seguir para Londres, onde estagiará como bolsista do Conselho Britânico, permanecendo lá até fins de maio.

A carreira de Edino começou na sua cidade natal, Brusque, onde, sob a orientação de seu pai, Diretor do Conservatório Brasileiro de Música (Departamento de

Brusque), começou a estudar violino. Aos quinze anos mudou-se para o Rio, estudando então violino, harmonia, contraponto e composição, no conservatório. Sob a direção de H. J. Kollreuter, fez parte, juntamente com outros jovens compositores como por exemplo Guerra Peixe e Claudio Santoro, do grupo "Música Viva". Trabalhou em composições dodecafônicas. Recebeu uma bolsa para os Estados Unidos, onde teve oportunidade de estudar com A. Copland. Voltando ao Brasil, desligou-se do dodecafonismo, passando a propugnar por uma música de caráter nacionalista, ligada às nossas coisas.

Em Londres, Edino Krieger estuda composição com o famoso professor Lennox Berkeley. Juntamente com o seu estágio em Londres, o jovem catarinense vem desenvolvendo uma série de palestras pela BBC, no Serviço Brasileiro daquela emissora, todas ilustradas com gravações, palestras versando sobre algumas das mais destacadas personalidades da música britânica. Alguns dos vultos estudados foram Lennox Berkeley, Benjamin Britten e William Walton.

Terminado seu estágio em Londres, não significa isto que Edino voltará para o Brasil. Durante dois anos ainda, pelo menos, permanecerá fora, estudando na Alemanha e França, procurando aperfeiçoar-se cada vez mais.

Para nós, que conhecemos Edino particularmente, que tivemos oportunidade, embora rapidamente, de conviver com ele, é uma satisfação saber que este jovem catarinense de tão promissor futuro continua estudando cada vez com mais afinco e cada vez mais se dedicando à sua arte.

Esperamos poder, breve, não só dar um rápido noticiário a respeito das atividades dele no exterior, mas trazer para os nossos leitores informações mais concretas sobre o que ele vem realizando ultimamente.

S. M.

PRIMEIRO CONHEÇA O BRASIL

A prática do turismo entre nossa gente, com o passar dos anos, cada vez mais se acentua.

São excursões, número imenso, em busca das artes e atrativos de outras plagas, como se aqui, dentro do coração da pátria, não os tivéssemos. É comum conhecer-se nacionais que discorrem liamente sobre os hábitos, costumes, vida de outros povos e ignorar, por completo, o que se processa em nossa extensa carta geográfica, formada belamente pelas unidades federativas que lhe incrustam como se fossem cristais em rochas. Desde o misterioso Amazonas, da configuração inconstante dos rios que servem de afluentes ao grande estuário que na luta com o oceano faz nascer o fenômeno das porórocas; o nordeste calcinado pela inclemência das secas, as praias de Iracema; as "caatingas" do nordeste; as reminiscências históricas que oferece Minas Gerais; as casas grandes de Olinda e Recife que evocam o ciclo áureo do açúcar; e o sentimento religioso da Baía de Todos os Santos que entra em contraste com a superstição deixada pelas vozes d'África; os vastos campos do Brasil Central, emoldurados pelas silhuetas de viris serras; os pinhais paranaenses que se dirigem aos céus e ao alto abrem suas verdejantes taças, em agradecimento, para oferecer ao Todo Poderoso o licor da terra; o azafama das nossas metrópoles; a pluralidade econômica da comuna catarinense com o oeste fabuloso, a capital ornamentada por uma natureza modulada carinhosamente por mãos de um grande artista, o atraente Vale do Itajaí, o sul com belas praias em seu litoral extenso, estações de bonifera; aos pampas bravios, descortina-se, cresce, surge o Brasil. Já disse alguém ser o nosso país um mundo. E na verdade o é. Torná-lo conhecido é um dever patriótico que se impõe. E, com efeito. Para gáudio nosso, várias empresas estão, em vários Estados, promovendo, despertando o Turismo, que denominaremos de nacionalista. E, em Santa Catarina, na gleba barriga verde, uma companhia eminentemente nossa, chamou a si tal tarefa. Organizou o Departamento de Turismo e está mostrando o Brasil aos Brasileiros.

É a "TRANSPORTES AÉREOS CATARI-

NENSE S/A. (TAC)", que rasgando o espaço com seus pássaros metálicos, encurtando distâncias, facilitando o comércio, está na patriótica campanha de turismo a qual se empolgou e está empolgando nossa gente cruzada sob a égide de "Primeiro Conheça o Brasil".

(Colaboração do Departamento de Turismo da "Transportes Aéreos Catarinense S/A. TAC").

Ernesto Bianchini Góes

FAMOSO ENGENHEIRO DESCOBRE A CAPITAL — DR. JORGE LACERDA, MARCELO ROBERTO E FIUZA LIMA: UM GIRO, UMA PEIXADA E... TURISMO

Florianópolis hospedou, graças a um convite do dr. Jorge Lacerda, jovem governador do Estado, um componente da internacionalmente famosa firma de engenharia — Marcelo Roberto, o mais velho dos MMM Roberto.

Organização técnica que tem em seu acervo trabalhos extraordinários, projetando a arquitetura brasileira no ról das mais avançadas do mundo, os jovens irmãos Roberto tem essa responsabilidade e uma dose fortíssima de uma coisa que se chama simplesmente gênio. Essa dose não nasce em todos. Em poucos, pouquíssimos, mas acertou numa família, a desses fabulosos Roberto. Dentre tantas realizações notáveis dos MMM, salientam-se o Aeroporto Santos Dumont, edifício da A B I, do Palace, dos Industriários, dos Arquitetos e o magnífico projeto urbanística de Cabo Frio.

Pois bem. O governador do Estado convidou Marcelo Roberto para dar um pulo em Florianópolis, conhecer a cidade em seus variados aspectos, e principalmente pedir a essa autoridade uma opinião sobre como aproveitar materialmente a esplêndida beleza natural da ilha de Santa Catarina.

O PASSEIO: FILME DESLUMBRANTE

Como o móvel do convite acima dizia respeito a turismo, e bem de perto, e tal cometimento comprova o desejo governamental, que deseja dar uma feição ampla e oficial à campanha que se vem desenvolvendo em todo o Estado — o dr.

Jorge Lacerda convidou o sr. Luiz Fiuza Lima, diretor-superintendente da Transportes Aéreos Catarinense, para percorrer os belos recantos da capital, juntamente com o ilustre hóspede.

Do grupo fez parte, ainda, o dr. Claudio Valente Ferreira, dr. Heitor Ferrari, dr. Mário Ferreira, jornalistas Doralécio Soares e Ilmar Carvalho, este último chefe do departamento de Relações Públicas e Turismo da precitada empresa aérea.

A comitiva, partindo na encalorada manhã de 6 do corrente do palácio da Agrônômica, mostrou a um hóspede inteligente, famoso e sensível, que está fazendo de Cabo Frio um balneário magnífico em suas soluções — primeiramente a encantadora praia de Cacupé, delícia encravada entre mata luxuriante e pedras lisas, arredondadas e plácidas. Em seguida, os automóveis rumaram para Canasvieiras, linda, feiticeira praia de grande extensão, que o Florianopolitano tanto conhece e gosta.

Marcelo Roberto anotava coisas, de quando em vez, olhava fixamente certos ângulos onde a mão de Deus tinha protegido com sombras, com água azul dando em areia bem branca e fina, dunas móveis e cômodos fixos, bosques e pedras enormes, lisas e cinzentas, envolvidas por um ar selvagem convidando a descanso de espírito permanente.

Com uma agudeza impressionante, o profissional perpassava o olhar na natureza, nos seus contornos, fazia perguntas e ia se contagiando com a magia que Florianópolis desprende, principalmente a quem a vê pela primeira vez.

A comitiva, logo a seguir, se encaminha ao Clube do Penhasco, onde Luiz Fiuza Lima conta a história dessa idéia hoje em concreto armado. É Marcelo Roberto se parabeniza com o idealizador do discovoador sobre a pedra.

O governador Jorge Lacerda e demais personalidades presentes apreciam a linda vista que se descortina dali e examina com atenção o projeto arrojado de um arquiteto ilhéu: Walmy Bittencourt.

A caravana, em seguida, rumo para uma surpresa que o dr. Claudio Valente Ferreira prepara na rua Trajano, logo depois do Palácio das Secretarias: um restaurante e churrascaria ultra-modernos, aproveitando uma pesga de terreno, com

três planos em pisos São Caetano, com imaginosas soluções de espaço, havendo também uma escada em espiral que leva o cidadão a um terraço cuja sombra é uma enorme árvore copada. Lá em baixo, num vão, ficarão os bichos da fauna catarinense.

Esperidião Amim aguarda, em sua bela casa de praia, no Bom Abrigo, a comitiva para uma peixada. Lá já estão os drs. Parigot de Souza, deputado Wolney de Oliveira, dr. Alvaro Lobo e o extraordinário paladar de Altino, magnífica descoberta do anfitrião, em matéria de pescado. E a degustação do quitute prova cabalmente a fama do mestre-cuca.

Governador, Marcelo Roberto e os demais convidados, em mangas de camisa, trocam idéias democraticamente sobre o futuro da capital como atração de turismo.

E tal assertiva, transformada em campanha de pioneirismo de Luiz Fiuza Lima, é ardorosamente confirmada pelo grande engenheiro da trilogia Roberto.

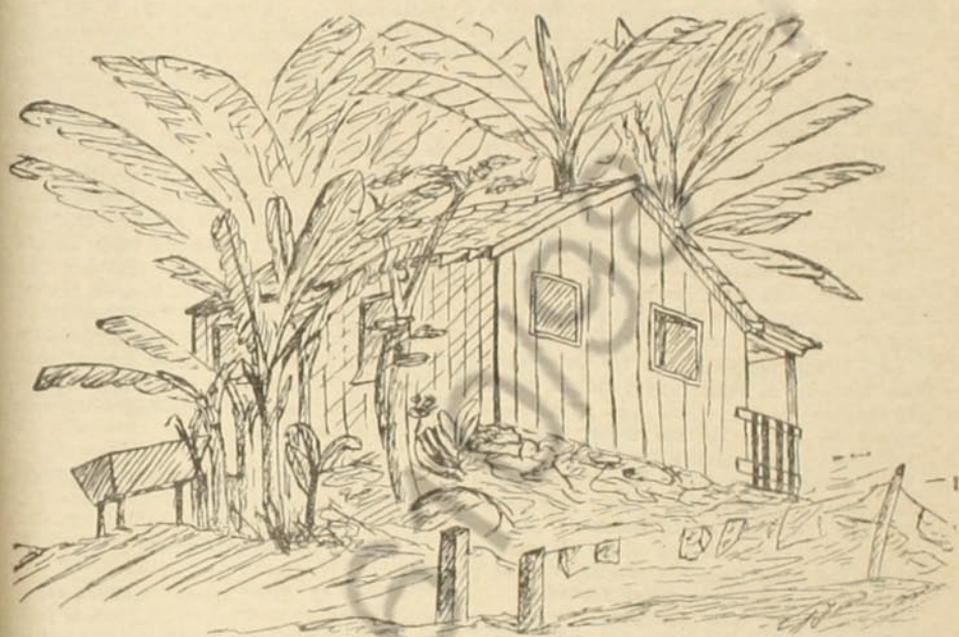
(Colaboração do Dep. de Relações Públicas da Transportes Aéreos Catarinense S/A. — TAC).

NOTÍCIAS DA VIDA CULTURAL EM TCHECOSLOVAQUIA — II

O quarteto de cordas Vloch deu uma série de concertos em Irao. Num concerto em Teerão, organizado a ocasião da comemoração do bicentenário do nascimento de Mozart tomou parte o Shah de Irão com a sua família. Outro conjunto da câmara tcheco, o quarteto de cordas Janáček, teve muito êxito na Berlim ocidental.

Em 1956 passaram 175 anos da morte do compositor tcheco e coetâneo de Mozart, Josef Mysliveček, conhecido no mundo pelo epíteto "II divino boemo" /o divino tcheco/. Apesar de viver quase toda a sua vida no estrangeiro, ficou fiel à sua pátria até a sua morte. As obras deste compositor — sinfonias, música de câmara e operas — foram representadas em Milão, Roma, Nápoles e outras cidade de Itália. Com Mozart correspondia-se Mysliveček frequentemente, mantendo com êle relações amistosas.

"A leitura mundial" chama-se uma série de publicações baratíssimas, editadas



Casebre no morro — desenho de Pedro J. Bosco

pela Casa Editorial do Estado em Praga. Entre os autores desta biblioteca que atingiu já o volume 120, figuram os nomes de Gogol, Maupassant, Twain, Dickens, Balzac, Lermontov, Poe, Voltaire, Heine, London, Gorkij, Tolstoj, France, Stendal, Rolland, Thackeray, Galsworthy, Garibaldi, etc. De autores espanhóis publicaram-se nesta série obras de Cervantes, Pérez Paldos, Rojas "La Celestina", e além disso o "Lazarillo de Tormes".

Em Tchecoslováquia, grandes somas dedicam-se à restauração de monumentos históricos valiosos. Sob a direção de arquitetos em colaboração com historiadores e destacados peritos da arte tem sido restaurados muitos castelos, palácios e edifícios históricos, que tendo sido anteriormente propriedade privada de ricos indivíduos, servem hoje de museus, salas de exposição e centros culturais.

Erich Kleiber, o célebre diretor de orquestra, que morreu no dia 27 de Janeiro de 1956, estudou em Praga no Conservatório múscico com o grande compositor tcheco Vitezslav Novák e dirigia frequentemente na capital do país a Filarmónica Tcheca, pela ultima vez em Maio de 1955. Por isso a notícia da morte do Mestre comoveu profundamente todo o público cultural tcheco-slovaco.

Em Praga, celebrou-se o 10º aniversário da fundação da Faculdade do Filme, parte integrante da Academia das Artes musicais em Praga. No ato tomou parte a atriz mexicana Rosaura Revueitas.

No Palácio de Kinsky em Praga foi inaugurada solenemente uma exposição "A Arte francesa desde Delacroix até a atualidade", que contem obras de Delacroix, Daumier, Renoir, Cézanne, Toulouse-Lautrec e outros artistas franceses.

O escritor N. Fryd, ex-agregado cultural tcheco-slovaco em México e autor de "México está na América" e "A Gráfica Mexicana" publicou um novo livro "Guatemala sorridente" no qual o escritor corporizou as suas impressões das suas vistas deste país centroamericano.

O ano de 1955 foi rico em acontecimentos culturais, que comemoravam o 350º aniversário da primeira edição de "Dom Quijote". Foi publicada uma nova tradução desta obra imortal de Cervantes e foram escritos vários artigos para a imprensa e proferidas algumas conferências sô-

bre o romance clássico espanhol. Novos ensaios sôbre a vida e obra do escritor enriqueceram a literatura tcheca existente até agora sôbre o autor de "Dom Quijote". A tiragem da nova tradução de "Dom Quijote" era de 25.000 exemplares.

Dr. Zdenek Hampejs

FACULDADE CATARINENSE DE FILOSOFIA

Colégio de Estudos Históricos

Em reunião realizada na Faculdade de Filosofia no início deste mês, e a que assistiram os professores da secção de História, se fundou o Colégio de Estudos Históricos destinado a concentrar e desenvolver estudos históricos em nosso meio.

O Colégio, sob a direção do Professor Jaldyr Bhering Faustino da Silva, e que é dividido nas secções de História Geral, História da América, História da Península Ibérica, História do Brasil e História de Santa Catarina, anuncia estar aberta a inscrição para todas as pessoas que desejarem frequentar seus seminários, cursos de divulgação, biblioteca, arquivos etc.

A instalação oficial do Colégio, realizou-se sábado, dia 12, às 15,30 horas, pronunciando o Professor Oswaldo Rodrigues Cabral uma palestra sôbre a História de Santa Catarina.

ASSOCIAÇÃO DE CULTURA FRANCO-BRASILEIRA

Curso de Francês

Dia 18, às 20,30 horas, realizou-se a segunda reunião cultural organizada pela Associação de Cultura Franco-Brasileira.

A nossa Associação Cultural Franco-Brasileira, cuja Assembléa Geral se realizou no dia 28 de abril, elegeu a seguinte Diretoria: Presidente: Des. Hercílio João da Silva Medeiros; Vice-Presidente: Dona Manoela Goeldner Moritz; Secretário Geral: Dr. George Baptista da Silva; Secretário: Theresinha de Jesus Pontes; Tesoureiro: Giovanni Pasqualino Faraco; ficando como Diretor de Estudos o Professor Aníbal Nunes Pires. A Comissão de Contas ficou constituída pelos Se-

nhores: Henrique êlappoth Júnior, Calixtrato A. Cunha e Tom T. Wildl.

A Diretoria resolveu que se abrisse imediatamente a inscrição para sócios permanentes, os quais terão direitos de assistir a reuniões culturais, frequentar a Biblioteca e fazer parte do futuro Clube.

NOTÍCIAS DO T. C. C.

T. C. C., trocado em miúdos, quer dizer Teatro Catarinense de Comédia. Trata-se de um grupo, criado em 1951, cuja estréia com a peça de Federico Garcia Lorca — "La Zapatera Prodigiosa" — fazia prever o nascimento de um verdadeiro conjunto teatral.

Dirige-o Sálvio de Oliveira, que, entre outras realizações, tem a seu favor a direção da primeira peça de Rachel de Queiroz — "LAMPEÃO" — montada pelo Teatro do Estudante do Brasil, no Teatro Uuse, de Paschoal Carlos Magno. Essa estréia nacional deu ao seu diretor as glórias de ter sido apontado pela crítica especializada como a melhor montagem e direção do original da grande escritora, até hoje.

O T. C. C., mal se concluiu a remodelação do nosso Teatro Alvaro de Carvalho (quase cinco anos de inatividade), voltou à cena. Para o seu retorno montou a peça de Pernambuco de Oliveira — "A REVOLTA DOS BRINQUEDOS", que, excepcionalmente para grupos amadores ou mesmo para elencos profissionais, manteve-se em cartaz por mais de doze dias consecutivos.

Os elencos técnico e artístico de "A Revolta dos brinquedos" estavam assim constituídos: Direção — Sálvio de Oliveira; Assistente de Direção — Antônio Silva; Cenários e Figurinos — Antônio Lopes Farias (Premiado no II Festival de Teatro Amador de São Paulo); Montagem, Luz e Som — Waldemar Sousa; Intérpretes — Elizabeth Gallotti, Miro Morais, Marlene Soccas, Antônio Dutra, Dilza Dutra, Zan-

zibar Lima, Marquinho e Myrlam Nóbrega.

A peça foi sucesso absoluto.

Em seguida, o T. C. C. lançou um autor novo catarinense — Ary Carioni, — com a peça "O INTRUSO", interpretada, também, por novos atores — ACY CORDEIRO, TITO CORRÊA, JOCY PEREIRA.

Direção de Sálvio de Oliveira, com assistência de Miro Morais. Cenários e figurinos de Antônio Lopes Faria.

A crítica e o público receberam bem mais esta produção do T. C. C., especialmente pelos efeitos conseguidos pela interpretação de atores inexperientes.

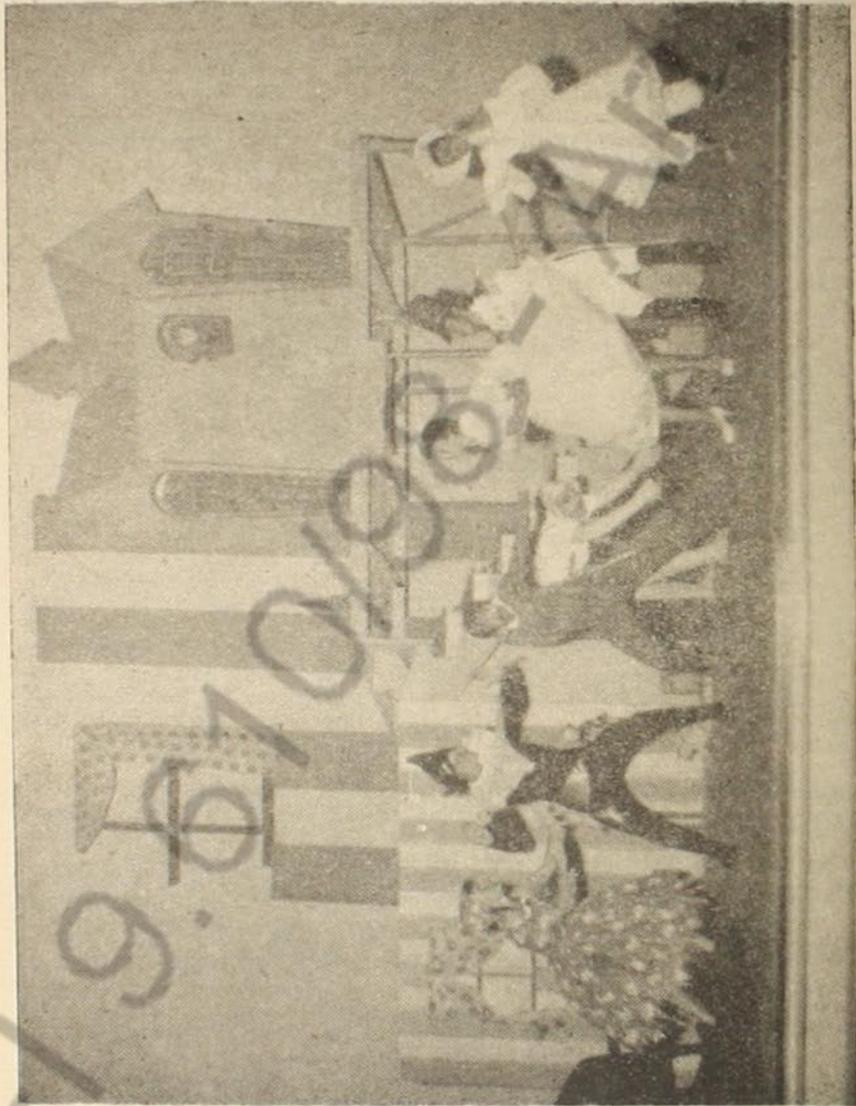
Ainda para este ano, o T. C. C. anuncia — "PLUFT, o FANTASMINHA", — de Maria Clara Machado, com o seguinte elenco: JOSÉ SILVA, GILDA MARIA, MIRO MORAIS, ZANZIBAR LIMA, ACY CORDEIRO, TITO CORRÊA, ANTÔNIO G. FARIA e EZIO LUZ. A estréia está marcada para o dia 31 de maio.

Novamente, teremos a direção de Sálvio de Oliveira. Quanto à cenografia, será lançado o talentoso MÁRIO MORITZ, que estréia no teatro.

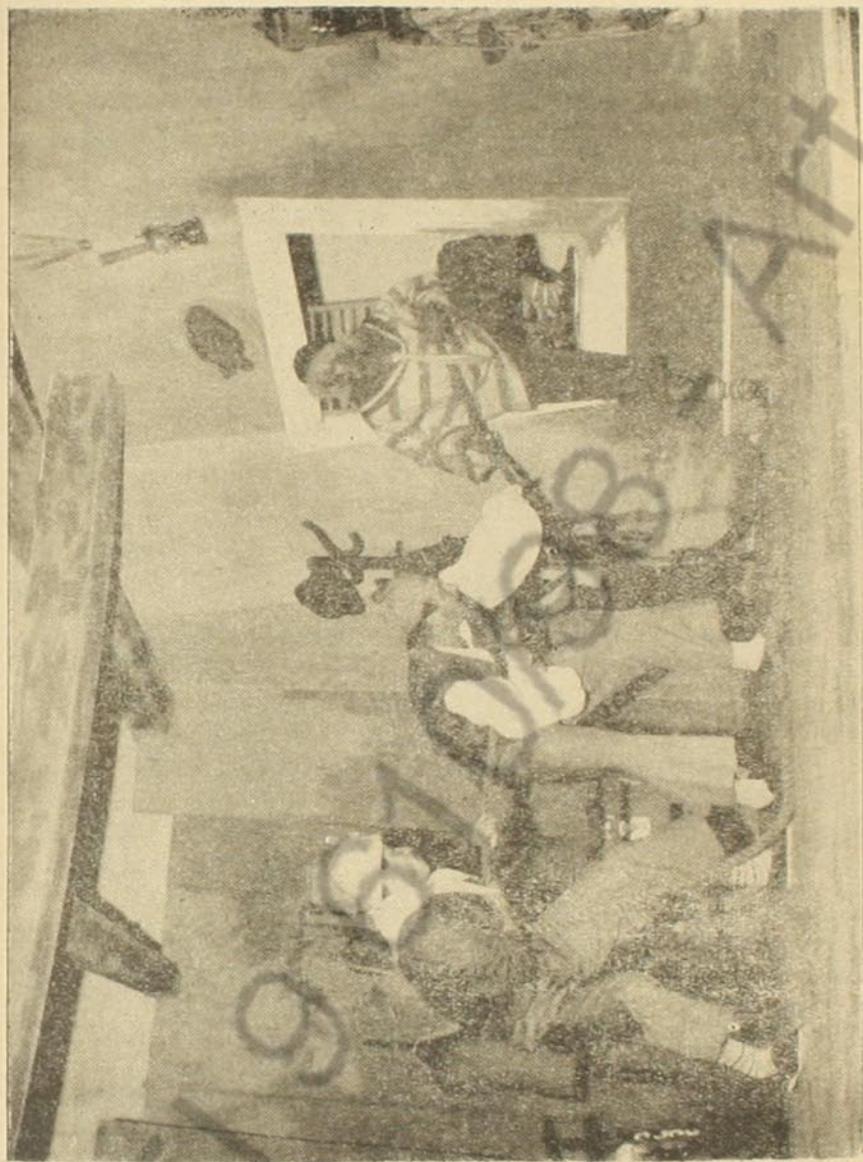
Para o Festival de Teatro Amador de São Paulo (1956), o T. C. C. ensaia — "A BARCA DE OURO", de Hermilo Borba Filho. Será o mais arrojado dos seus espetáculos. Direção de Sálvio de Oliveira e cenários de Antônio Lopes Faria.

A interpretação estará a cargo de GILDA MARIA, GILEIDE COSTA, TITO CORRÊA, JOCY PEREIRA, ACY CORDEIRO, PUPY PFAU, ANA PERRY, TEREZINHA, MIRO MORAIS, ANZIBAR LIMA, ANTÔNIO GEVAERD FARIA, EZIO LUZ, ROZENDO LIMA e JOSÉ SILVA. Enfim, todo o elenco permanente do T. C. C.

O T. C. C. tem procurado renovar sempre os seus elencos, dando oportunidade a que todos os que desejam fazer teatro possam ter a sua vez. Trabalho dos mais árduos, sem dúvida para a sua direção, mas que, felizmente, vem sendo coroado de êxito e bem compreendido pela imprensa e pelo público.



Cena de "Revolta dos briquedos"



Cena de "Pluft, o fantasminha", a peça de Maria Clara Machado, na interpretação do Teatro Catarinense de Comédia

AVIAÇÃO E TURISMO

A TAC ROMPE AOS OLHOS DO BRASIL A OPULÊNCIA PAISAGÍSTICA DE SANTA CATARINA. — DESCRENÇA DE UNS E CETICISMO DE MUITOS. — DA GAZOZA DE BOLINHA A DESAGREGAÇÃO DO ATOMO. — TURISMO E CARTÃO POSTAL

Prof. Renato Barbosa

Si o velho Hercílio Luz não fosse homem de verdade, quando começou a acarinhar o sonho de ligar a ilha ao Continente, teria, àquela época, sido, pelo menos, apupado em praça pública.

O reacionarismo se sentiu atingido, mas a atração pelo futuro do inesquecível estadista venceu todas as negativas.

Mais tarde, quando José Boiteux fundou a Faculdade de Direito, foi um "Deus-nos-acuda".

Era, para o pessimismo dos que se colocam diante da vida de óculos escuros, verdadeira maluquice... Coisas do Boiteux.

Hoje, o nosso mais antigo estabelecimento de ensino superior, se inclui ao patrimônio cultural do país, sem desdouro algum.

De seus bancos, tão injustiçados, saíram dois antigos governadores, magistrados ilustres, professores que alcançaram a cátedra e livre docência em concursos rigorosíssimos, perante bancos de outras Universidades, e advogados que honram, ilustram e enaltecem nossas letras jurídicas.

Aquele tempo, não muito distanciado, ser professor da Faculdade em Florianópolis, era ato de heroísmo...

Moura Ferro, advogado de pulso, certa vez, ao requerer no interior, soube a observação do juiz, antes de lhe despachar a petição:

— Vamos ver o que requereu errado esse professorsinho da Faculdade do Didico...

Quando um grupo de jovens homens de negócios, há poucos anos, e sem o menor auxílio dos cofres

públicos, resolvem meter ombros, resolutamente, a esse notável empreendimento, que é a TAC (Transportes Aéreos Catarinense), muita gente vaticinou falência, dentro de 90 dias.

Companhia de Aviação em Santa Catarina?

Mas esses rapazes estavam malucos...

Golpe, na certa.

Empenhado em uma batalha árdua, silenciosa, com a duração de dezoito horas diárias, conquistando terreno milímetro a milímetro, os rapazes que faliriam em 90 dias apresentam hoje, nos quadros do comércio aeronáutico do país, posição de inegável prestígio e de merecida respeitabilidade comercial.

Equipe nova, turma que sonha para realizar com honestidade, os rapazes da TAC, destruindo as previsões acinzentadas do negativismo provinciano, não só realizam a prosperidade no campo da iniciativa privada, como também representam, com o horário de seus vôos, um permanente estímulo à inteligência de nossa terra.

Delegações acadêmicas, embaixadas esportivas, tudo isso tem encontrado, e continuará a encontrar, na TAC, pura e simplesmente, razões decisivas de efetivação.

Onde surgir qualquer iniciativa, em favor de Santa Catarina, antes mesmo dos poderes públicos se pronunciarem, a TAC, transbordante de entusiasmo, de certeza nos nossos destinos, lá está, sem nada pleitear, sem reivindicações de qualquer espécie, servindo, — servindo para ser útil.

Pioneira dos vôos curtos, ligando e entrelaçando os mais variados interesses das diversas regiões do "hinterland", essa companhia, com a decisão interjeitorial de suas iniciativas, rompe, também, aos olhos do Brasil a opulência paisagística de Santa Catarina.

Fala-se muito em turismo — turismo em Florianópolis.

Dificilmente se encontrará, em toda a vasta orla atlântica do Brasil, maior e mais serena beleza que a da Ilha de Santa Catarina.

Suas praias, a amenidade do clima, o passado histórico, o equilíbrio da classe média, são condições que tornaram a nossa capital ponto de possível atração turística.

Bem se sabe que turismo é cartão postal.

Turismo é problema complexo.

Não é só paisagem que encanta.

Precisa-se de conforto.

Ninguém virá a Florianópolis para repousar.

Mas virá para ver.

É certo que necessitamos da ampliação da indústria hoteleira, de melhor calçamento, de centros noturnos de atração.

Como as coisas estão, é que não é possível pensar em turismo.

O turista virá a Florianópolis para se irritar.

Mas... comecemos.

Existe aqui um jovem "business man" que pensa em erguer, na Lagoa, um hotel que é quase um palácio.

Sonho mirabolante?

A ponte, aqui, também não foi um sonho mirabolante?

A estrada da serra, entre Curitiba e Paranaguá, não foi também na época, uma doideira do grande Rebouças?

Porque não comecemos?

Pode ser que dê certo.

A região dos lagos fluminenses, com o palácio que se ergue à beira da Lagoa de Araruama, é de franciscana indigência paisagística em face da nossa Lagoa.

Quando comecemos a erguer o Hotel Araruama, o empreendimento sofreu as mais severas críticas.

Negociata, para uns; marmelada para outros.

E Araruama, hoje, concorre substancialmente, para os depauperados cofres fluminenses.

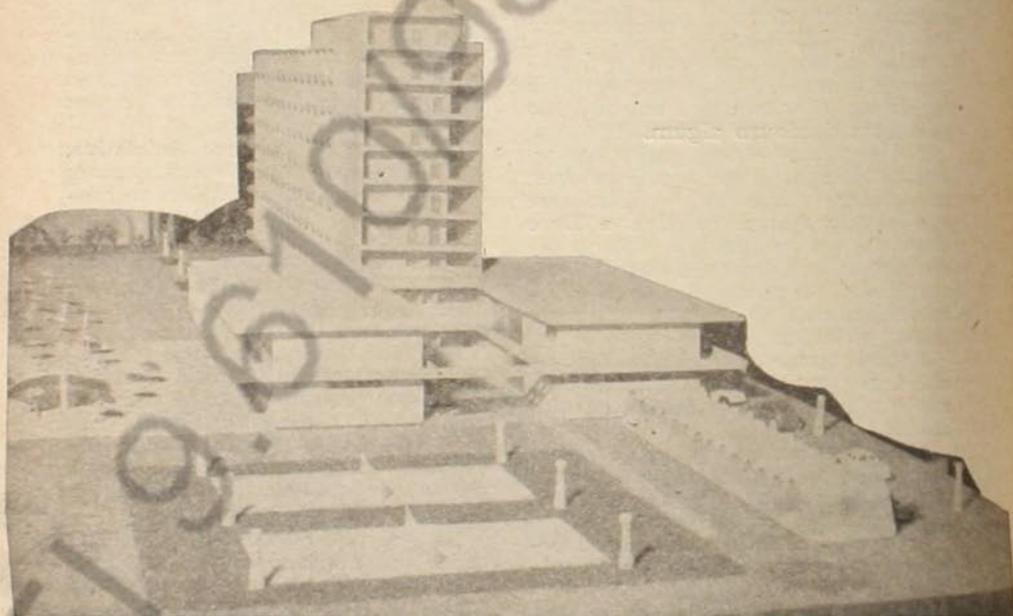
Vamos acreditar um pouco em nossa terra?

Vamos, Governador, fazer turismo?

Não custa.

É questão de coragem.

É só impedir que a gazozza de bolinha se meta a bêsta, nos domínios da era atômica...



Maquete do "Dunas Hotel", a ser erguido na belíssima Lagoa, e que será uma obra arrojada, contando com acomodações para o mais exigente turista. Este hotel faz parte de um plano de aproveitamento integral das possibilidades turísticas da Ilha

Clube do Penhasco



A primeira pedra, na obra de aproveitamento da beleza natural da Ilha foi lançada com a construção do majestoso "Clube do Penhasco", uma idéia arrojada e que encontrou no Arquiteto Walmy Bittencourt um planejador a altura



Vista da Lagoa, com suas dunas majestosas, com seu amplo panorama.

ALGUNS ASPECTOS DA REFORMA DO ENSINO NO ESTADO

O Governador do Estado e o novo Secretário. Métodos de trabalho. Extinção do antigo Departamento de Educação. Criação das diversas Diretórias. Acessoria Técnica e Jurídica. As sete Delegacias de Ensino e a sua importância dentro do novo plano de realizações. Necessidade de uma reforma de base. Início". Os Processos de Trabalho na Reforma do Ensino".



Dr. Rubens Nazareno Neves, Secretário de Educação e Cultura

Tão logo assumiu a direção dos negócios públicos, o novo Governador do Estado, Dr. Jorge Lacerda, procurou abarcar todos os aspectos da administração. Para isto realizou reuniões e mais reuniões nos mais diversos setores, pedindo opiniões, sugestões, num desejo sincero de realizar algo de importante e novo no terreno da administração pública. Não se trancou, não se fechou. Pelo contrário. Procurou sempre estar a par das necessidades e dos desejos do povo.

Nestes poucos meses de seu governo já se pode observar a maneira honesta como vem trabalhando, procurando, de um modo mais objetivo, mais prático, dar andamento às coisas públicas. Um setor que de maneira alguma poderia ser esquecido era o do ensino, o da educação, o da cultura de um modo geral. Profundamente interessado — e mesmo ligado aos problemas gerais de cultura do povo, o novel governador, buscou, desde logo, cercar-se de elementos também interessados e que viessem colaborar de uma maneira efetiva no seu plano de trabalho.

Para a Secretaria de Educação e Cultura — aqui neste nosso trabalho é a ela que especificamente nos referiremos — foi buscar um elemento novo, cheio de entusiasmo e que tem sabido dar conta do recado. Queremos nos referir ao Dr. Rubens Nazareno Neves. Jovem ainda, andando pela casa do trinta anos, eleito Deputado Estadual por Lajes (legenda do PDC), logo se destacou entre seus pares. Quando da organização de seu Secretariado, o Governador eleito convidou-o para a pasta

de Educação e Cultura. O Dr. Rugens Nazareno Neves aceitou, entrando, desde logo, a dar um maior dinamismo à mesma, colocando-a dentro do nosso tempo.

Aí está, para os que querem ver com isenção de ânimo, a reforma do ensino, já iniciada, a criação das consultorias técnicas e jurídicas, as diversas diretorias, as sete delegacias de ensino espalhadas pelo Estado, facilitando e possibilitando um maior contacto e consequente aproveitamento dos mestres e alunos, enfim, todo um conjunto de realizações que veio pôr em novos termos o problema do ensino e da cultura no Estado.

Ficou assim constituída a Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, que contará com os seguintes órgãos:

a) — Gabinete do Secretário; b) — Conselho Técnico e Administrativo de Educação e Cultura; c) — Diretoria de Administração; d) — Diretoria de Estudos e Planejamentos; e) — Diretoria de Ensino; f) — Diretoria de Cultura; g) — Delegacias de Ensino.

Cada Diretoria, cada Delegacia estará diretamente ligada ao Secretário, não impedindo isto contudo que tenha liberdade de ação.

Com esta reforma foi extinto o antigo Departamento de Educação. Foram criadas sete Delegacias de Ensino em Municípios chaves do Estado e que melhor poderão atender a determinadas zonas.

Uma das primeiras iniciativas do novo secretário foi procurar cercar-se de elementos capazes, fugindo o mais possível à rotina e à mediocridade, imprimindo, assim, dentro de uma mentalidade nova e arejada, um novo caminho ao ensino e à cultura no Estado.

Para a Acessoria Técnica e Jurídica foram escolhidos, respectivamente, os Drs. Lídio Martinho Callado e Hélio Callado Caldeira. Para a Diretoria de Administração, o Inspetor escolar José Figueiró da Siqueira. Para a de Ensino o Inspetor Escolar Abelardo Souza. Para a de Cultura o Professor Agostinho da Silva. Falta ainda ser preenchida a Diretoria de Estudos e Planejamentos. É oficial de gabinete do Secretário o jovem acadêmico de Direito J. Artur Vasconcelos. Contam, ademais, os diversos setores, com elementos que estão sendo selecionados de acordo com suas tendências o que virá, certamente, melhorar o nível geral de aproveitamento.

Todos sabem, todos têm consciência de que isto não basta. É preciso mais e melhor. Mas se está apenas no início de uma longa e penosa caminhada. Dos trabalhos, das lutas, da vontade e do interesse de todos é que surgirá, amanhã, a solução dos problemas, o encaminhamento e a divulgação do ensino e da cultura num sentido mais amplo. Para isto, num trabalho de conjunto, com liberdade de ação porém interdependente, trocando experiências, foi que surgiram as diretorias, foi que surgiram as delegacias de ensino, é que está sendo realizado todo este trabalho inicial.

Cada Diretoria, por exemplo, prevê um sem número de subdivisões, onde os problemas serão debatidos, estudados, realizados. E é de todo este conjunto que sairá a reforma de base ora iniciada. Infelizmente não temos tempo para nos demorar em todos os aspectos, sumamente fascinantes, da questão. Vamos nos ater, portanto, no momento, apenas, ao setor da cultura propriamente dito. E com isto daremos uma idéia da amplitude dos trabalhos em mira.

Da Diretoria de Cultura

Art. 22 — A diretoria de Cultura compete a promoção de estudos sobre todos os aspectos da cultura e artes no Estado, a realização de serviços de natureza cultural e artística, propondo normas e medidas

necessárias ao progressivo aperfeiçoamento do nível cultural do povo.

Art. 23 — A Diretoria de Cultura realizará, também, estudos para o aperfeiçoamento e melhoria dos seus serviços e assistirá o Secretário de Estado dos Negócios de Educação e Cultura em tudo que se relacione com as suas atribuições.

Art. 24 — A Diretoria de Cultura manterá os serviços e seções a seguir relacionados, dotando-os, sempre que possível, de pessoal especializado:

- I — Serviço de Divulgação e Intercâmbio, encarregado de:
 - a) — Revistas, Jornais e Publicações; b) — Intercâmbio;
 - c) — Imprensa e Propaganda.
- II — Serviço de Assistência e Aperfeiçoamento, encarregado de:
 - a) — Bolsas de Estudo; b) — Missões Pedagógicas e Culturais; c) — Cursos de Aperfeiçoamento.
- III — Serviço de Educação Artística, encarregado de:
 - a) — Música e Artes Plásticas; b) — Teatro, Cinema e Rádio
 - c) — Cursos de Aperfeiçoamento.
- IV — Serviço de Documentação, encarregado de:
 - a) — Legislação Especializada; b) — Organização da Legislação Especializada; c) — Bibliografia de Cultura.
- V — Serviço de Difusão Cultural, encarregado de:
 - a) — Bibliotecas Públicas; b) — Cursos de Extensão c) — Divulgação Didática e Literária; d) — Museus Científicos;
 - e) — Museus e Monumentos históricos.

Dentro deste plano muito será possível realizar em benefício da cultura do Estado. E estamos certos de que, com boa vontade e interesse de servir, será realizado.

No intuito de colaborar nos debates que estão sendo realizados em torno do assunto — e por julgá-lo um trabalho que merece divulgação num outro setor — damos abaixo um trabalho que apareceu no jornal "A Gazeta" e onde muitos dos aspectos das questões em foco são analisados e postos em termo de discussão.

OS PROCESSOS DE TRABALHO NA REFORMA DO ENSINO

Por PUCK

A lei 1.643 que reestruturou os organismos do Ensino em Santa Catarina, abriu margem a uma bifurcação de opiniões.

É certo o laivo de imaturidade e desencontro dos seus dispositivos; não se negue também o possível afastamento da realidade, de vez não surgiu de um estudo do campo e de pesquisas cautelosas e válidas.

Ainda se lhe poderia contrapor a imprudência de consubstanciar numa lei, cuja mecânica de modificação é lenta e difícil, o que caberia — dentro da boa técnica e do bom senso — num decreto, mais permeável às mudanças que as necessidades viessem impor.

Mas, por outro lado, na hora atual, o seu simples aparecimento já representa uma grande conquista, revelando seriedade de objetivos e sinceridade de interesse.

E quanto a isto não reste dúvida.

A situação criada pelo desaparecimento do Departamento de Educação — extirpando hábitos administrativos inculcados a milhares de pessoas nos órgãos de magistério, revolucionando processamentos e atitudes de trabalho — não fosse dominada de pronto com mão firme e austeridade, e conhecimento do assunto, teria deflagrado um caos que levaria a uma paralisação dos serviços.

O jovem titular da pasta, dr. Rubens Nazareno Neves, trazendo de

Lajes a combatividade, honestidade e tenacidade dos serranos, aliadas às suas qualidades pessoais de entusiasmo e inteligência, pôde garantir ao governador Jorge Lacerda a confiança num piloto sereno e experimentado.

Por isso, os principais problemas foram atacados logo. Os motivos mais ponderáveis do desconforto dos professores, cuja solução impunha imediatismo, receberam a atenção pedida. Articulando sua Secretaria com as demais, no trato da coisa comum, operou o dr. Rubens Neves um entrosamento harmônico dos auxiliares diretos do governo. Atravessavam os vencimentos dos professores de normais regionais e curso complementar até o mês de julho. E que, devendo, por acôrdo constitutivo as prefeituras integrar sua parte em janeiro, aguardavam que o Estado cumprisse a sua em agosto.

Nesse embate de onda e rochedo sofria, o pobre mestre escola do interior o inadimplemento salarial por quasi metade do ano. Solicitada a colaboração do senhor Hercílio Deeke, secretário da Fazenda, antecipando o numerário para descontá-lo posteriormente da sua própria quota parte devida às prefeituras, assegurou ao magistério a continuidade no recebimento dos vencimentos.

S. S. o dr. Haroldo Carvalho, por sua vez, atendendo, também, às solicitações feitas pelo Secretário da Educação forneceu, através dos serviços de sua secretaria, os caminhões necessários ao transporte de material. Não faltou também o concurso de alguns prefeitos como o de Blumenau e Joinville colaborando no transporte, e da Penitenciária do Estado cuja cooperação tem sido de grande valor.

A concorrência pública aberta para o fornecimento de material escolar no valor de oito milhões de cruzeiros, foi reduzida pelo titular da Educação a novecentos e oitenta e oito mil cruzeiros.

É que S. S., num esforço com sua equipe de funcionários, possibilitou a recuperação de material já existente cujo valor alcançou quasi dez milhões de cruzeiros, e deu margem a outros côrtes nas encomendas, feitas apenas para o absolutamente existencial e que não se possuía.

Com tudo isso, um dos problemas mais cruciantes dos professores primários no interior, foi enérgica e prontamente resolvido. Nas vilas mais afastadas do Estado, a falta de giz, cadernos, mapas, lápis, tinta, papel almaço, obrigava inspetores escolares escrupulosos a comprar de seu próprio bolso o material para escrever seus próprios relatórios.

Diretores houve que houveram de fazer cantinas para vender aos alunos de doces e guloseimas e com o lucro obtido poder adquirir material de consumo escolar.

Dividida Santa Catarina em 7 delegacias de ensino, todo o necessário suprirá cada Delegacia. Para Xapecó partiu dia 12 um caminhão com 6 toneladas e logo após para Joaçaba outro carregando 6 e meia toneladas que abastecerão por completo aquelas regiões.

Dia 14 foi a vez de Joinville para onde foram remetidas 7 toneladas. Dentro desta semana, Blumenau, Crescuma e Lajes receberão tonelage igual.

Também os serviços internos da Secretaria foram modificados. Atendendo ao apêlo do trabalho mutuo e constante, o Secretário da Educação reservou o periodo da manhã exclusivamente para os funcionários terem contacto direto, com o Gabinete, podendo assim supervisionar todos os serviços, e evitar o atrazo nas assinaturas de portarias, atos, e expedientes variados da pasta.

Outros setores também não foram descuidados, amanhando-se os casos pela ordem de urgência.

Os serviços de teatro sofreram modificação estrutural compatível com a reforma do prédio e as exigências culturais. Elaborou-se um Re-

gulamento próprio facilitando as tarefas, que aguarda a aprovação do senhor governador.

Instituiu o dr. Rubens Nazareno Neves prêmio de viagem de estudos a ser concedido aos alunos dos três ginásios da Capital que obtiverem o primeiro lugar nas notas em 1956. Ganharão os três representantes desses colégios uma viagem de ida e volta a Pôrto Alegre.

Dessa maneira, sem aflorar ainda a reforma das bases, os processos e meios da educação no Estado, recebem cuidado pronto e firme.

Na verdade, renovar sem revolucionar e desagregar, não é missão fácil, principalmente no campo educacional.

Si urgem medidas não é possível desatender-se à carência de tomadas acertadas.

A ação da Secretaria da Educação e Cultura, vigiando de perto os problemas imediatos, de raízes e impregnação humanas, de decorrências administrativas ou financeiras, não desatende ao estudo calmo, lento, seguro dos problemas gerais de fundo e de forma do ensino catarinense que estavam a clamar por atualização.

E é essa atitude que irá recuperar no magistério a confiança mútua e identidade de propósitos, e provocará no povo um clima de segurança na sinceridade de intenções do Governo do senhor Jorge Lacerda e na capacidade de seus auxiliares diretos como o dr. Rubens Nazareno Neves, para levá-las a efeito sem mistificações nem politiquices.

.....

**CLÍNICA DE CRIANÇAS
DO
DR. M. S. CAVALCANTI**

Residência : **Consultório :**
R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732 **Das 3 ás 5 horas**
FLORIANÓPOLIS

.....

**DR. GUERREIRO DA
FONSECA**

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA
Especialista efetivo do Hospital — Tratamento e operações.
— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia
da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2
(altos da Casa Belo Horizonte)
Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.
Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas)
consultório

RECEBEMOS & AGRADECEMOS

REVISTAS:

Índice Cultural — Revista mensal de arte literatura y bibliografía, Ano V ns. 21 e 24 — Apartado 5763 — Bogota — Colombia.

Euterpe — Ano VII n. 22 e Ano VIII n. 23 — an. Fev. 1956 — Mitre, 128 San Martín — Buenos Ayres — Argentina.

Suplemento de la Revista "Cuadernos" — n. 16 — Jan. Fev. 1956, 23, Rue de la Pépinière — Paris 8^o.

Cooperador — Difusão Cultural — Ano VI ns. 8 e 9 — Av. Pres. Vargas, 529 13^o andar — sala 1308 — Rio de Janeiro.

Revista UPC — Publicação bimestral de cultura e arte — Ano VII n. 38 e Ano VIII n. 39 Nov. Dez. 1955 e Jan. Fev. 1956. Rua Rio de Janeiro, 858. Cx. Postal 552 — Belo Horizonte.

Tchecoslováquia — Boletim da Legação da Tchecoslováquia — ns. 11 a 14 — Rua Visconde de Albuquerque, 237 — Rio.

Renascimento — Ano II n. 7 — órgão oficial do Inst. dos Direitos da Criança — Cx. Postal, 2635 — P. Alegre R. G. S.

La semaine du Cinéma Français en U. R. S. S. — Boletim especial da Unifrance Film — 77, Champs Elysées — Paris França.

Revue de la Politique Internationale — Ano VI ns. 135 a 142 — Nov. a Fev. 1956 Terasije, 31 — Belgrado Yugoslávia.

Polônia de Hoje — Boletim mensal do Bureau de Informações Polonêsas — Ano IX n. 12 e Ano X ns. 1 à 3, Dez. 1955 e Jan. Fev. 1956. Rua Eduardo Guinle, 48 Rio de Janeiro.

Unifrance Film — La production cinématographique Française — n. 38 — Jan. Fev. 1956, 77, Champs Elysées, Paris — França.

Revista D'Aquém e D'Além mar — mensário dos portugueses de todo o mundo — Ano VI, ns. 64 a 66. out. a dez. 1955. Rua Pereira de Souza, 61 2^a esq. Lisboa, Portugal.

Elo — Revista dos novos Ano VI, ns. 57 a 59. Nov. a Jan. 1956. Cx. Postal 454 Lourenço Marques — Moçambique, A. O. P.

Jornal de Letras — Ano VIII ns. 79 a 81 — Jan. a Março de 1956. Av. Erasmo Braga, 255, 10^o andar, s/1004, Rio de Janeiro.

Boletim de Música y Artes Visuales — Dept. de Assuntos Culturais da O. E. A., ns. 67 e 68. Set. e out. 1955. Union Panamericana, Washington, DC U. S. A.

Intus — Revista de poesia e crítica — Hispano-brasileira. n. 13, Jan. fev. 1956 Rua Vergueiro, 1080, 5^o andar — apt. 51, São Paulo.

La production cinématographique française — vol. 3. ns. 11 e 12, julho a dez. Unifrance Film Informations, 77, Champs Elysées. Paris, França.

Cuadernos — del congreso por la libertad de la cultura — revista bimestral, n. 17 — março-abril de 1956. 23 rue de la Pépinière, Paris 8^e. França.

Programas dos Cine-clube do Pôrto — Clube português de cinematografia, ns. março 56. Praça Sidónio Pais, 267 Porto, Portugal.

Visor — Revista Portuguesa de cinematografia — Ano VIII ns. 25 e 28. Julho e out. de 1955. Rua David M. da Fonseca, 88 — Rio Maior, Portugal.

Kriterion — Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. ns. 33/34 julho/dez. 1955. Cx. Postal, 253. Belo Horizonte, M. G.

Universidade de Antioquia — Toma XXXI ns. 122/123 junho/dez. 1955. Apartado 217 Medellín — Colombia.

ABA — Associação de bibliotecários de Antioquia — Vol. I n. 3 — out. 1955. Americas — Vo. 8, n. 2, fev. 1956. Pan American Union. Washington 6, DC. U. S. A.

Biblioteca de la Universidad de Antioquia — Apartado 217 — Medellín — Colombia.

Bosquejos de las Republicas Americanas — 1956. Unión Panamericana. Washington 6, DC. U. S. A.

C. I. C. — órgão dos funcionários do Banco do Brasil S/A. Ano II n. 19, jan. fev. 1956. Av. 13 de Maio, 23, s/1813. Rio de Janeiro.

A Planície — Quinzenário e regionalista. Ano IV ns. 88/90. Março/abril 1956. Rua do Poço n. 3-A, Moura, Portugal.

Estudos — Revista de filosofia e cultura da Associação de Professores Católicos do Rio Grande do Sul. Ano XVI — fascículo 59, jan./março 1956 Colégio Anchieta, Cx.

Postal, 358. Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul.

Paideia — órgão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, Vol. II T. 2, n. 4. 1955. Villa Trujillo, Sorocaba. Est. de São Paulo.

Horizonte 22 — Ano II, n.º 5 — Jan./março 1956. Órgão do Clube de Poesia de Campos. Av. Alberto Torres, 161. Campos. Est. do Rio.

Bandarra Artes e Letras Ibéricas, Ano III n.ºs. 35 a 36. nov./dez. 55. Ano IV n.º 37, jan. 1956. Passelo Alegre, 544. Porto. Portugal.

Foto-Cine Boletim — órgão do Foto-Cine Bânelrante. Ano IX n.º 98. abril 56. Rua Avanhandava, 316. São Paulo.

Boletim — orão da Biblioteca do Exército. Ano XVIII n.º 20/21 Ministério da Guerra Rio de Janeiro.

Nossos Livros — publicação da Livraria Agir Editora. Ano I n.º 1. Abril 1956. Cx. Postal 3291, Rio de Janeiro.

Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Ano VI n.º 22. Jan. 1956. Cx. Postal 301, Florianópolis. Santa. Catarina.

Agora — Cuadernos de poesia — nov. dez. de 1955 — n.ºs. 44-45. José Antonio, 31 Madrid — Espanha.

Cultuarate — Órgão do Grêmio do alunos do Conservatório de Música de Pelotas — Ano II, n.º 16 — nov. 1955. — Pelotas — R. G. do Sul.

Ahora — literaria, social y noticiosa* — Ano 17 — n.º 607 — Dez. 1955. Dr. Juan Zorrilla de San Martín, 1275 — Re. Argentina.

LIVROS

Em louvor de Mozart — Fernando Lo-

pes Graça — Edições Cosmos — Lisboa — 1956.

O mundo completo — Poemas — Antônio Rebordão Navarro — Coleção Bandarra 6. Pôrto — 1955.

Deixaste Cair uma rosa — poemas — Elviro Rocha Gomes — Edição do autor — 1955. Faro Portugal.

Pessimismo nacional — Manuel Laranjeira — Edições Contraponto — Lisboa — Portugal.

A estátua de sono — Poemas (1952-1955) — Fernando Whitaker T. da Cunha — Edições Alarico — São Paulo — 1955.

A gênese do azul — Sonetos — Bernardo Coelho de Almeida — São Luiz do Maranhão — 1955.

A flor e a noite — Poemas — Antônio Forte Salvado — Coleção Fenix — 1955.

Ilha sonâmbula — Poesias — Pierre Santos — Edições Complemento — Belo Horizonte — 1956.

A taverna do Gato Branco — Teatro — Arnaldo Brandão — Editora Laemmert — Rio de Janeiro — 1954.

No mundo da lua — Teatro — Arnaldo Brandão — Edit. Laemmert — Rio de Janeiro — 1955.

Trapezio — Poemas — Julio Soto Ramos — Biblioteca de Autores uertorriqueños — San Juan de Puerto Rico — 1955.

Crítica — segunda série — (1946/48) — Aluizio Medeiros — Edições CIA — Fortaleza — Ceará.

Páginas da vida — Poemas — Iris Fadel — Rio — 1956.

Pesquisa em Folclore — Edison Carneiro — Comissão Nacional de Folclore — Rio de Janeiro — 1955.

Índios — ensalos y cuentos — F. Ferandiz Alboez — Montevideo — 1955.

PROCURE ADQUIRIR E LEIA

V É R T I C E

Revista de Cultura e Arte

Uma das mais bem feitas e melhores revistas de cultura e arte de Portugal.

Uma revista viva, atuante, que procura estar ao par do movimento cultural de Portugal e do mundo.

Colaboram em "Vértice" os principais nomes das letras e das artes em Portugal.

Noticiário constante a respeito do movimento cultural e artístico do Brasil.

Colaboração de jovens escritores brasileiros.

VÉRTICE — revista de cultura e arte — Diretor e proprietário: Raul Gomes. Editor: Mário Braga. Delegado no Brasil: Henrique Pereira Santo — R. São Clemente, 250 — Casa 10 — Botafogo — Rio de Janeiro.

Também qualquer informação a respeito pode ser solicitada à nossa redação: "SUL" — Caixa Postal, 384 — Florianópolis. — S. C. — Brasil.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA
E
CONTABILIDADE
NILTON JOSÉ CHEREM
E
ARMANDO SYLVIO CARREIRÃO
(ADVOGADOS)
END.: R. JERÔNIMO COELHO, 4
1º ANDAR — FLORIANÓPOLIS

CASA VITOR
Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças
GRAVATAS
CAMISAS
MEIAS
CUÉCAS
ETC.
Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia
Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

CASA YOLANDA

Matriz	Filial
Trajano, 2	Felipe Schmidt, 2

Florianópolis — Santa Catarina

PIRELI S. A.

LAPIS JOHANN FABER LTDA.
REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER
Caixa Postal 84 — Tel. 3773
Florianópolis — Sta. Catarina



EM FLORIANÓPOLIS

LUX HOTEL

UM DOS BONS
HOTÉIS DO BRASIL.

Peça a impressão de
quem já o conhece.

RUA FELIPE SCHMIDT, 9.

Teleg. : "LUXOTEL".

Drs.

J. B. Bonnassis

e

Fúlvio Luiz Vieira

Advogados

R. Deodoro, 9 — Florianópolis

Antônio de F. Moura

Gercy Cardoso

Heitor F. do Livramento

Steiner

Advogados

Rua Felip Schmidt, 42-A —

1 andar — Florianópolis

COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

Madeiras brutas e beneficiadas

Fábricas de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

(Registrado no Departamento de Educação)

Com equipe de professores especializados.

Artigo 91

Aulas Noturnas

Informações e Matrícula na **LIVRARIA LIDER** (ex-Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35 (Edifício Patheron)

LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA.

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras;
aceita qualquer encomenda de
livros nacionais ou estrangeiros;
atende pelo reembolso postal.

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Caixa Postal, 358.

Agora em seu novo ponto e com suas novas e modernas
instalações, à Praça 15 de Novembro, 27

.....

Armarinhos, Bijouterias, Vidros, Conservas, etc.

LIBERATO LAUS & FILHOS

— ATACADISTAS —

Rua Cons. Mafra, 46

Ed. Telegr.: Liber Laus

LIVRARIA MODERNA
DE
PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar.
livros didáticos, papelaria e artigos de
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis

.....

COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadrinhos — reserrados aparelhados — fôrro
paulista — Aplainados.

.....

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente
Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

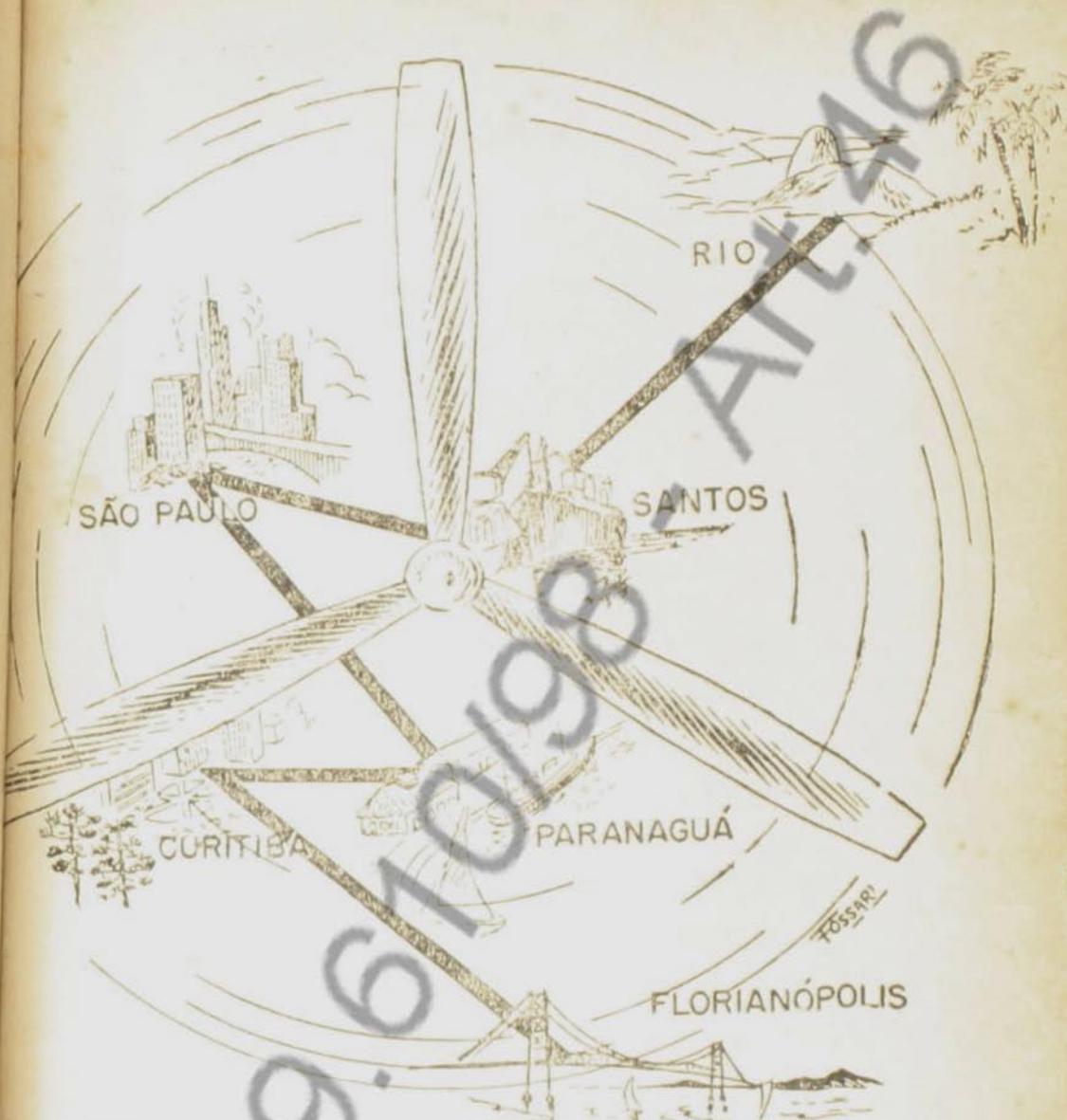
.....

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

LIVRARIA LIDER
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.



LO FONE
SSA AGÊNCIA DARÁ AS INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS
RA A *Sua boa viagem*
TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSES/A

SUL

SUMÁRIO

"Sul" opina	redação
Introdução à história da literatura catarinense	Oswaldo F. de Melo Filho
Uma estréia e um marco na lite- ratura catarinense	Anibal Nunes Pires
Um jovem poeta português: Alexan- dre O'Neill	Henrique do Amaral
Jesus Lara, romancista boliviano ..	Antônio Simões Jr.
"Rio, 40 graus"	S. M.
Música eterna	A. Boos Jr.
Ouro Preto, Djanira e eu	Arnaldo Brandão
Mar	Anibal Nunes Pires e Walmor Car- doso da Silva
Mar	Anibal Nunes Pires
Mar	Walmor Cardoso da Silva
Exercício poético	E. J.
Espiritual branco	Colbert Malheiros
Poeminha triste	Elizabeth Gallotti
Há uma voz que clama na noite ..	Eglê Malheiros
Pescadores	Costa Mendes
E se de repente	Manuel Pinto
Encrucijada, casi una lejanía	Alberto Oscar Blasí
Carta a Maurice Utrillo	Blanca Terra Viera
No último ensaio	Francisco José Pereira
O pandeiro do Dalmiro	Carlos Adauto Vieira
Kandot era o "boy" do Senhor Hie- bler	Alexandre Cabral
Caderno da "Sul": "Macaco-Prego"	Mateus Maria Guadalupe
Notas & Comentários: O vendedor de pinhões	redação
Medicina popular	G. W. S.
Edino Krieger — compositor Cata- rinense	S. M.
Primeiro conheça o Brasil	Ernesto Blanchini Gôes
M. Roberto descobre Fpolis	Col. do Dep. R. P. da "TAC"
Notícias da vida cultural em Tche- coslováquia	Dr. Zdenek Hampejs
Colégio de estudos históricos	redação
Associação de cultura franco-bra- sileira	redação
Notícias do T. C. C.	divulgação
Aviação e Turismo	Prof. Renato Barbosa
Recebemos e agradecemos	redação

Preço: Cr\$ 10,00

em Portugal: 7\$50

Alguns Aspectos da Reforma do Ensino no Estado — Redação

Os Processos do Trabalho na Reforma do Ensino — Puok